



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

MARINA REBECA DE OLIVEIRA SARAIVA

A FÁBULA DA METRÓPOLE
A cidade do ponto de vista de crianças moradoras de
condomínios fechados de luxo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como requisito para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gilda Figueiredo Portugal Gouvea

Campinas
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

Sa71f Saraiva, Marina Rebeca de Oliveira
A fábula da metrópole: a cidade do ponto de vista de crianças moradoras de condomínios fechados de luxo / Marina Rebeca de Oliveira Saraiva. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

**Orientador: Gilda Figueiredo Portugal Gouvea.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Sociologia urbana. 2. Infância. 3. Cidades e vilas.
4. Condomínio (Habitação). 5. Espaço urbano. 6. Sociabilidade.
7. Cotidiano. I. Gouvea, Gilda Figueiredo Portugal.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.**

Título em inglês: A fable of the metropolis: the city through the eyes of children from gated communities

**Palavras chaves em inglês (keywords) : Urban sociology
Childhood
Cities and town
Condominium (Housing)
Urban space
Sociability
Everyday**

Área de Concentração: Sociologia da Cultura

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora: Gilda Figueiredo Portugal Gouvea, Maria Filomena Gregori, Lúcia Rabello de Castro

Data da defesa: 02-09-2009

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

C₁
R-1524

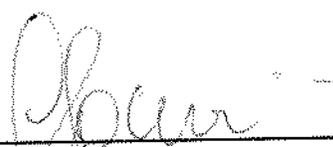
MARINA REBECA DE OLIVEIRA SARAIVA

**A FÁBULA DA METRÓPOLE:
A CIDADE DO PONTO DE VISTA DE CRIANÇAS
MORADORAS DE CONDOMÍNIOS FECHADOS DE LUXO**

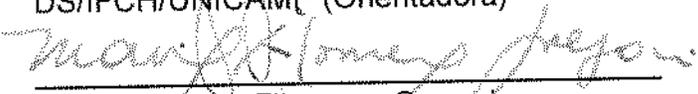
Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof^ª. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 02/09/2009

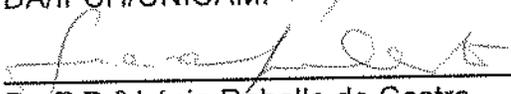
BANCA



Profª Drª Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa
DS/IFCH/UNICAMP (Orientadora)



Profª Drª Maria Filomena Gregori
DA/IFCH/UNICAMP



Profª Drª Lúcia Rabello de Castro
UFRJ

SETEMBRO / 2009

2009 2009

MARINA REBECA DE OLIVEIRA SARAIVA

A FÁBULA DA METRÓPOLE
A cidade do ponto de vista de crianças moradoras de
condomínios fechados de luxo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Profa. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvea.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em ___/___/2009

BANCA

Profa. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvea (IFCH / UNICAMP)

Profa. Dra. Maria Filomena Gregori (IFCH / UNICAMP)

Profa. Dra. Lúcia Rabello de Castro (IP / UFRJ)

Profa. Dra. Amnéris Ângela Maroni (IFCH/UNICAMP)

Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria (FE/UNICAMP)

Setembro / 2009

Para meus pais Josafá e Marilene Saraiva, pelo amor incondicional e por suportarem a dor da saudade.

Para meu querido João Bittencourt, por seu amor, amizade e paciência...

AGRADECIMENTOS

Esta empreitada foi intensa... Sofrida pela distância dos familiares e da minha terra querida, mas foi também prazerosa, principalmente pelos encontros fortuitos que proporcionou. Encontros que contribuíram para cada linha deste texto, e amigos que agora fazem parte da minha vida.

Agradeço à minha família querida: meus pais Josafá e Marilene Saraiva, minhas irmãs Ruthe e Zeura, meus irmãos Davi e Rafael e minha querida sobrinha Júlia; eles me ensinaram que o amor pode ser (também) meio desastrado e conflitante, mas é aquilo que nos une, que reforça nossos laços afetivos e nos faz querer estar perto quando estamos longe...

Ao meu querido João Batista Bittencourt, meu companheiro na vida e em todas as alegrias e tristezas do cotidiano, por apaziguar minha alma com sua singela maneira de enfrentar os desafios da existência humana.

À minha querida orientadora Gilda Gouvea, por compartilhar comigo seus conhecimentos, pelas palavras de incentivo, pela paciência com esta sua orientanda demasiadamente ansiosa e principalmente por ter assumido o papel de amiga e por dedicar a mim o carinho raramente encontrado em laços institucionais.

Aos queridos amigos e colegas da pós-graduação em Sociologia da UNICAMP, especialmente àqueles com quem compartilhei as outras dimensões da vida acadêmica: Paola Gambarotto, Giselle Vianna, Miqueli Michetti, Mariana Marques e Elton Corbanezi.

Aos amigos e amigas do doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP (especialmente a turma 2007): Ludmila Costhek-Abilio, José Swako, João Bittencourt, Diocleide Lima, Cristina Maria, Rosamaria Giatti, Mariana Magalhães, Carolina Branco, Eduardo Carrascosa

(obrigado pela revisão do Resumè!), que me fizeram “mascote” e enriqueceram meu léxico acadêmico quando compartilharam comigo seus densos diálogos... Espero deixá-los orgulhosos!

Ao carinho sincero dos amigos Maurício de Almeida, Vanda Souto, Lívia Lopes, Dona Antônia, Monique Braz, Ana e Iram Sampaio, Luiz Alfredo, Dona Lucimar, Simone Reis, João Rickli, Anna Jasiello, Felipe Serrano, Rodrigo Sérvulo, Gilson Rodrigues, Joannes Paulus, Fátima Pereira.

Às amigas e amigos que ficaram em Fortaleza-CE, mas de alguma forma estiveram perto enviando boas energias para o desenvolvimento do trabalho: Camila, Renata, Anne Emily, Rafaella, Ana Patrícia, Eloíza, Sara, Pedrita, Isaurora, , Clayton Filho (obrigado pelo Abstract!) Rubens Venâncio, Juliano Gadelha e aos amigos da turma 2007 de mestrado em Sociologia da UFC.

Aos professores Josué Pereira da Silva, Marcelo Ridenti, Renato Ortiz e Nádia Farage, pelas reflexões e discussões em seus cursos.

Aos professores Ronaldo Almeida e Marcos Cunha, por suas contribuições na banca de qualificação.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP, que me concedeu a bolsa de mestrado e financiou a pesquisa de campo.

A todas as crianças que participaram da pesquisa, aos seus pais e aos tios de lazer, que me receberam com carinho e se dispuseram a contribuir com a pesquisa no condomínio.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.

(Clarice Lispector – A hora da estrela)

RESUMO

A dissertação trata do fenômeno da segregação urbana nas metrópoles brasileiras tendo como referência o cotidiano de um grupo de crianças, com idade de 07 a 11 anos, moradoras de um condomínio fechado de luxo localizado na cidade de Campinas-SP. O texto procura apresentar as especificidades de uma *infância entre muros*, explorando a riqueza e a singularidade de suas formas de apropriação do condomínio e suas inserções pela cidade. Assim, explora, por um lado, a relação das crianças com os espaços do condomínio e como se desenrolam seus laços de sociabilidade, principalmente nos momentos de lazer. A pesquisa mostra como as crianças reescrevem os espaços do condomínio percebendo outra existência que não aquela constituída pelo percurso planejado, pela segurança diária, pelo tempo programado, enfim, por suas práticas cotidianas normatizadoras. Por outro lado, o texto descreve os principais deslocamentos das crianças para a *cidade além muros* e analisa a percepção da cidade para esse grupo de crianças. Mostra como seus deslocamentos pelo espaço urbano e as outras maneiras como as imagens da cidade chegam até esses agentes, são elementos significativos para suas percepções sobre o espaço urbano. Dessa maneira, a pesquisa procura refletir sobre uma *experiência urbana singular*, a partir dos diversos modos de enfrentar a cidade. Em suma, a dissertação apresenta uma infância na cidade e mostra em que medida uma apropriação da infância enquanto objeto sociológico pode contribuir para uma importante reflexão sobre as novas formas de subjetivação presentes na cidade contemporânea.

Palavras-chave: sociologia urbana, sociologia da infância, condomínios de luxo, espaço urbano, sociabilidade, cotidiano, segregação urbana.

ABSTRACT

The dissertation deals with the phenomenon of urban segregation in Brazilian cities with reference to the daily life of a group of children, from 07 to 11 years of age, living in a gated community located in Campinas-SP. The text aims to present the specifics of a *childhood between walls*, exploring the richness and singularity of their forms of appropriation of the condominium and insertion into the city. Thus, on one hand, it explores the relationship of children with the gated community's spaces and how their ties of sociability take place, especially in moments of leisure. The research shows how children rewrite the spaces of the gated community perceiving an existence other than that formed by the planned route, the daily security, the scheduled time and their regulated every day practices. On the other hand, the text describes the major shifts of children to the *city outside the walls* and also examines the perception of the city for this group of children. It shows how through its displacement by urban space and other ways the images of the city come to such agents and are significant elements to their perceptions about urban space. Thus, the research reflects a unique urban experience, from the different ways of facing the city. In short, the thesis presents a childhood in the city and shows the extent to which ownership of childhood as a sociological object may contribute to an important reflection on new forms of subjectivity in the contemporary city.

Keywords: urban sociology, childhood, cities, gated communities, urban space, sociability, every day.

RESUMÈ

La dissertation traite du phénomène de la ségrégation urbaine dans les villes brésiliennes en référence à la vie quotidienne d'un groupe d'enfants, âgés de 07 à 11 ans, vivant dans un condominium de luxe fermée située à Campinas, SP. Le texte vise à présenter les caractéristiques d'un *enfance entre murs*, en explorant la richesse et la singularité de la manière qu'ils utilisent le lieu et formes d'intégration dans la ville. Ainsi, il utilise, d'une part, la relation des enfants avec les espaces du condominium et aussi comment les liens de sociabilité sont développés, surtout dans les moments de loisirs. La recherche montre comment les enfants réécrivent les espaces du condominium, avec un autre sens que celui formé par l'itinéraire prévu, par la sécurité, par programmation du temps, enfin, par la normalisation de leurs pratiques quotidiennes. En outre, le texte décrit le déplacement des enfants dans *la ville au-delà des murs* et examine également la perception de la ville pour ce groupe d'enfants. Montre comment leurs déplacements dans de l'espace urbain et les images de la ville qui viennent à ces agents, sont des éléments importants de leurs perception de l'espace urbain. Ainsi, la recherche reflète sur un *expérience urbaine unique*, de différentes façons de faire face à la ville. En bref, la thèse présente une enfance dans la ville et montre à quel point la propriété de l'enfance comme un objet sociologique peut contribuer à une réflexion importante sur les nouvelles formes de subjectivité dans la ville contemporaine.

Mots-clés: sociologie urbaine, sociologie de l'enfance, des condominiums de luxe, l'espace urbain, sociabilité, vie quotidienne, ségrégation urbaine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Principais características dos condomínios fechados de grande porte

Quadro 2 - Principais características dos condomínios fechados de grande porte por zonas

Quadro 3 - Grupos, faixa etária, temas e espaços das crianças na colônia de férias

Figura 01 - Distribuição dos condomínios e loteamentos fechados na cidade de Campinas-SP.

Figura 02 - Vista aérea do condomínio e seus espaços.

Figura 03 - Vista externa do condomínio

Figura 04 - Vista interna do condomínio

Figura 05 - Vista interna do condomínio 2

Figura 06 - Vista aérea do clube, em destaque alguns dos espaços das crianças

Figura 07 - Galpão da Recreação

Figura 08 - Principais espaços por onde circulam as crianças no condomínio

Figura 09 - Grande Árvore

Figura 10- Colônia de férias: mochilas no Galpão da Recreação

Figura 11 - Colônia de Férias: as crianças se preparam para mais uma brincadeira.

Figura 12 – Ilustração dos principais espaços de circulação das crianças no condomínio e para a cidade

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Termo de consentimento aos pais das crianças

Anexo 2 - Roteiro de entrevista com as crianças

Anexo 3 - Distribuição de Alphavilles no Brasil

Anexo 4 - Propagandas de condomínios fechados

Anexo 5 - Números de condomínios fechados em Campinas-SP

Anexo 6 - Roteiro de entrevista com a coordenadora da recreação

Anexo 7 - Alguns desenhos das crianças

Anexo 8 - Distribuição das fotos no mural por quantidades

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	9
RESUMÈ.....	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE ANEXOS	11
SUMÁRIO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
Os caminhos da pesquisa.....	17
Metodologia.....	21
Estrutura do texto	25
CAPÍTULO 1	
SOBRE UMA FORMA DE HABITAR NA CIDADE.....	27
1.1 Ruas (im)possíveis e sociabilidades seletivas: a dinâmica da <i>vida entre muros</i>	28
1.2 Breve panorama dos condomínios fechados na cidade de Campinas-SP.....	46
1.3 O campo.....	49
CAPÍTULO 2	
O UNIVERSO DA INFÂNCIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	57
2.1. Sobre o processo de socialização	58
2.2. Sobre a infância enquanto objeto de análise sociológica	62
2.3. Apontamentos teóricos e metodológicos para pensar a criança e a(s) infância(s): outros olhares sobre esse campo.....	72
2.3.1 Pensar a criança	72
2.3.2. Compreender o universo das crianças	74
2.3.3. Notas para uma observação sensível na pesquisa com crianças.....	78
CAPÍTULO 3	
A INFÂNCIA ENTRE MUROS	83
3.1. Os filhos da clausura: o lugar das crianças na vida entre muros	91
3.1.1 “O clube é a rua das crianças”.....	95
3.1.2 As crianças, o condomínio e a cidade: mapas, percursos e usos da cidade.....	113
3.2. Sobre a infância entre muros	119

CAPÍTULO 4

A FÁBULA DA METRÓPOLE	127
4.1. O lugar das crianças nas cidades	129
4.2. A infância entre muros na cidade além muros	136
4.3. Sobre uma experiência urbana.....	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
GLOSSÁRIO.....	171
ANEXOS	173

INTRODUÇÃO

O desenrolar da pesquisa foi movido pela curiosidade de conhecer o universo de uma infância que, cada vez mais, exerce um papel significativo entre adolescentes e jovens das camadas abastadas. Para mim, não foi difícil encontrar indivíduos que falam abertamente que não podem circular nessa ou naquela rua da cidade porque seus pais não permitem. Pude ouvir até mesmo de jovens em situação universitária que escolheram a universidade (privada) pela proximidade com o bairro onde moram, pois seus pais não acolhiam bem a proposta de estudar na universidade (pública) que ficava do outro lado da cidade. Meu contato com alguns desses jovens que cresceram em condomínios de luxo, principalmente na cidade Fortaleza-CE, foi crucial para escolha da temática. Pareceu-me demasiadamente inquietante compartilhar com alguns deles a angústia que demonstravam em, por exemplo, entrar em um transporte urbano público, não poder contar para os pais que haviam sido assaltados em certo espaço da cidade (pois eles proibiriam que voltasse lá), ou mesmo ter que dirigir por determinada rua localizada em áreas economicamente menos favorecidas, mas em hipótese alguma deixar que seus pais descobrissem que seu carro cruzou aquele espaço físico e social que não lhes parece acolhedor. As situações que presenciei com esses jovens tomariam várias páginas deste texto, mas julguei importante apontar algumas, pois foram principalmente elas que despertaram meu interesse pelo universo da infância em condomínios fechados de luxo.

A partir dessas experiências, meu projeto de pesquisa propunha pensar os condomínios como espaços de *reprodução social*. Ou seja, se os pais negam (e proíbem) a circulação de seus filhos em determinados espaços da cidade, certamente essas crianças também negarão esses espaços e, dessa maneira, serão figuras completamente alheias ao que se passa fora dos muros do condomínio. Essa leitura seria possível, mas foi repensada quando optei por um arcabouço teórico que se dispôs a pensar as crianças, todas elas, não como sujeitos desprovidos de autonomia, mas como indivíduos capazes de (re) significar aquilo que se apresenta a sua volta. Por isso, a pesquisa segue a provocação de Certeau (2008), *é preciso desconfiar de nossas próprias análises*, e assim procurar atentar para aquilo que as crianças dizem e fazem, e como dizem e fazem, e não para aquilo que seus pais ou professores dizem que elas têm que fazer.

O texto tem como fio condutor as imagens da cidade e do condomínio produzidas pelas crianças (especialmente nos dois últimos capítulos). Esse ponto de vista sobre a cidade pode ser definido como aquilo que as crianças fabricam a partir de suas experiências nos espaços da cidade e do condomínio.

Assim, a pesquisa tem como objetivo compreender como a cidade se apresenta para as crianças moradoras de um condomínio de grande porte, trazendo como campo empírico um empreendimento localizado na cidade de Campinas – SP. Além de fazer uma reflexão sobre a expansão desses modelos de moradia nas cidades contemporâneas e apresentar as principais questões teórico-metodológicas relacionadas à pesquisa com crianças, busco apresentar o cotidiano dos moradores infantis dentro dos espaços do condomínio e como se realizam seus deslocamentos e circulações pela cidade. A pesquisa pretende indicar como uma forma de

morar pode colaborar de maneira marcante para uma percepção singular sobre os espaços da cidade.

Os caminhos da pesquisa

As reflexões realizadas neste texto também abarcam uma discussão realizada anteriormente durante minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará – quando era pesquisadora de iniciação científica no Laboratório de Estudo de Política e Cultura, LEPEC.

Ao participar de um projeto maior relacionado às imagens da cidade¹, interessei-me pelo tema da *segregação urbana*, especialmente o surgimento de espaços residenciais afastados de aglomerados populares, habitados exclusivamente pela elite econômica da cidade de Fortaleza. Naquele período (2005-2006) se instalava no litoral leste da cidade, na região do Porto das Dunas – onde o valor do metro quadrado é o mais caro da cidade –, o primeiro modelo de condomínio fechado de grande porte do Estado. Em meu trabalho de conclusão de curso, procurei compreender a dinâmica da “vida entre muros” estabelecida a partir da opção por um estilo de morar que buscava se apartar dos problemas da cidade, principalmente das citadas poluição e violência urbana. Para isso, ouvi alguns moradores do condomínio assim como proprietários de lote que ainda não moravam no empreendimento, e também alguns funcionários que trabalhavam no condomínio. Durante nossas conversas todos me falavam da possibilidade de proporcionar “liberdade” e “segurança” aos seus filhos pequenos: *Hoje as*

¹ Título do projeto: Políticas, imagens e representações sobre a cidade: olhares e recortes, coordenado pela Profa Dra Irllys Alencar Firmo Barreira e financiado pelo CNPq.

crianças têm muito mais liberdade para brincar, dentro e fora de casa. Deixá-las ir para rua não é mais uma ameaça” (D.S., médico, 39 anos, morador). Foi a partir desses depoimentos que surgiu meu interesse pelas crianças que habitam nesses espaços. Ou seja, são as crianças que agora aparecem como protagonistas em meio ao fenômeno da *vida entre muros*, opção de morar que geralmente está vinculada a idéia de *infância em liberdade*.

Dessa maneira, esta pesquisa parte de uma reflexão sobre um fenômeno urbano relativamente recente nas metrópoles brasileiras: os condomínios fechados de luxo e de grande porte – aqueles que possuem um grande número de residências e uma estrutura de comércio, lazer, serviços e moradia entre muros². O termo “luxo” ou “alto padrão” se refere à forma como esses espaços privatizados são tratados tanto por moradores quanto pelos urbanistas que o projetam; o termo diferencia o empreendimento dos demais condomínios fechados encontrados na cidade e destaca o “alto padrão” tanto do condomínio como do seu público-alvo (classe alta). Já o termo “grande porte”, anuncia que se trata de condomínios com, no mínimo, 700 moradores; podendo até serem pensados como “mini-cidades”. A discussão conceitual que gira em torno desses empreendimentos é grande entre os estudiosos da área. Optei pelo termo condomínio fechado de luxo e de grande porte por ser dessa maneira que seus moradores o tratam.

A princípio, os condomínios fechados de grande porte podem ser denominados por um conjunto de fatores que apontam para uma configuração sócio-espacial específica, ou seja, são loteamentos compostos por unidades familiares abastadas, cercados por muros, com áreas públicas comuns (ruas, avenidas, praças, clubes, etc.) aos moradores, mas de acesso restrito

² Caldeira (2000)

para não proprietários de lotes; entretanto, a pesquisa mostra que não é apenas isso que os diferenciam de outros modelos de condomínios fechados.

O objetivo principal da pesquisa é compreender a concepção de cidade que se estabelece no ponto de vista das crianças que habitam/crescem nesses espaços, por isso tem seu foco nos moradores infantis de um condomínio fechado de luxo e de grande porte localizado no interior do Estado de São Paulo, mais precisamente na região de Campinas³.

Fazem parte da pesquisa as crianças, meninos e meninas de 07 a 11 anos, principalmente aquelas que freqüentam aos finais de semana o *Galpão da Recreação* localizado no clube do condomínio. O recorte etário da pesquisa é uma aproximação cômoda que inclui as idades das crianças que freqüentam as atividades recreativas propostas pelo condomínio. Por isso ressalto que o foco são as crianças que freqüentam a recreação, cujo projeto tem como público-alvo a faixa etária também escolhida para a pesquisa (07 a 11 anos). É importante salientar também que não são todas as crianças do condomínio que participam dessas atividades e que, portanto, a pesquisa elege a fala daquelas que freqüentam as atividades recreativas oferecidas aos finais de semana pela administração do condomínio.

A pesquisa tem como ferramenta chave a observação participante, aliada a recursos como: coleta de desenhos e outras dinâmicas, assim como registros audiovisuais⁴ como fotografias e vídeos. Busco compreender através das suas falas, desenhos, comportamentos, no que toca as questões da cidade, se (e onde) podemos encontrar elementos que possam

³ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

⁴ Os registros audiovisuais são para documentação da pesquisa, que tem caráter sigiloso. Por um compromisso ético para com os pais das crianças, apresentarei apenas aquelas fotos que não sejam capazes de identificá-las. O nome do condomínio também é mantido em sigilo assim como os nomes das crianças, tal posicionamento foi acordado com os pais das crianças que assinaram o termo de consentimento para realização da pesquisa.

corroborar com uma percepção singular sobre a cidade. Primeiro, elas sabem o que é uma cidade, conhecem os elementos que a constitui? Qual o papel e a importância que o contexto citadino possui em suas experiências? Como a cidade aparece em suas falas e desenhos? E qual a relevância da experiência de morar em um condomínio de grande porte nas respostas as questões anteriores?

Apesar de poucos, alguns estudos no Brasil apresentam reflexões importantes sobre a temática da infância na cidade. A grande maioria aborda o universo das crianças moradoras de rua, ou daquelas que vivem em favelas ou mesmo em bairros de “periferia”. Por outro lado, em relação às crianças abastadas, percebemos uma certa curiosidade e algumas análises “intuitivas”, mas uma escassez de pesquisas empíricas com crianças inseridas em um universo economicamente favorável. Aliás, percebemos essa carência em relação aos estudos com “ricos” de uma maneira geral; não é difícil perceber que os estudos sobre esse universo são poucos, e esse dado se deve em grande parte pela dificuldade de acesso a esses indivíduos. Certamente, trata-se de um árduo desafio; possibilidade incerta até o momento em que me vejo dentro do condomínio conversando e brincando com as crianças.

Minha primeira visita ao condomínio foi viabilizada graças ao contato com um morador. Ele foi a ponte para o contato e diálogo com a coordenadora responsável pela recreação das crianças que ocorre no espaço do clube do condomínio (minha informante ao longo da pesquisa de campo). No primeiro contato com a coordenadora, ela me falou sobre as crianças e a existência de um projeto de recreação no clube do condomínio. Após uma longa conversa ficou acordado que eu freqüentaria o condomínio aos finais de semana, principalmente aos sábados e nos eventos (Páscoa, Dia das Mães, Aniversário da recreação,

Festa Junina, entre outras), e que seria acompanhada de perto pelos profissionais que trabalham na recreação, os “tios de lazer”, como resolvi denominá-los ao longo da pesquisa, fazendo referência a forma como as crianças também chamam as “tias” (professores) da escola.

Dessa maneira, estive presente nos momentos da recreação e dos eventos, juntamente com os “animadores” das atividades recreativas, das 11:00h às 18:00h. Além de frequentar o condomínio aos finais de semana, de março a agosto de 2008, e me envolver com as atividades recreativas durante esses períodos, também estive presente na *Colônia de Férias* realizada no condomínio no mês de julho, especialmente para as crianças moradoras. O evento ocorre em duas temporadas temáticas (duas semanas) nos meses de julho e janeiro, há cerca de oito anos. Relato minha participação na colônia de férias no capítulo 03.

Metodologia

A pesquisa de campo se concentrou em três principais eixos. Primeiro, minha presença aos finais de semana na recreação com as crianças e também nos demais espaços do condomínio. Esses momentos tiveram uma grande importância para a pesquisa. Foi a partir deles que pude ouvir as crianças falarem de forma espontânea sobre seu cotidiano e me aproximar um pouco mais antes da realização das dinâmicas previstas no projeto. Entre uma brincadeira e outra conversávamos sobre vários assuntos, desde o cotidiano até suas pretensões profissionais. Apesar desse momento ter se concentrado somente na observação participante sem ter a intenção de realizar entrevistas, conversei com algumas crianças que me

procuraram e me falaram de assuntos variados, no entanto, no momento da recreação as conversas nunca partiram da pesquisadora⁵.

Além de estar com as crianças, ouvi também o que os “tios” e “tias” tinham a me dizer sobre elas. Em certa medida, também participei dessa dinâmica da “vida entre muros” quando, por exemplo, realizei algumas refeições com os “animadores” e algumas crianças no restaurante. Essa experiência colaborou para a construção de uma narrativa das formas de apropriação do espaço do condomínio pelas crianças, que busca responder as seguintes questões: como se dá sua relação com a família, com seus pares e com o espaço do condomínio? Como se apropriam desses espaços? Como esboçam suas sociabilidades? Em que sentido apontam a dinâmica do “viver entre muros”? Como a cidade aparece nesse cotidiano? E qual a relevância do espaço urbano para a infância entre muros? Todos os meus momentos com as crianças no condomínio, tanto nos dias de recreação quanto na ocasião dos eventos, foram registrados em um diário de campo, ferramenta importante na ocasião da sistematização dos dados da pesquisa.

Também participei das duas temporadas da *Colônia de Férias* realizada na segunda e terceira semana do último mês de julho de 2008, ocasião onde realizei algumas atividades importantes. Durante a primeira temporada realizei três atividades com um grupo de dez crianças, com idade entre 07 e 11 anos, sendo 05 meninas e 05 meninos.

⁵ Durante a recreação optei por não conversar com as crianças por motivos éticos, já que não tinha um termo de consentimento assinado pelos pais. Esse termo foi obtido durante a colônia de férias, somente no mês de julho. Foram enviados 60 termos (Anexo 1 – Termo de consentimento aos pais das crianças) e recebi quase 50 autorizações dos pais. Ainda assim, reservei o momento da recreação apenas para a observação participante.

No primeiro dia pedi para as crianças confeccionarem o desenho de uma cidade de forma livre. A intenção foi ter uma idéia inicial se elas seriam capazes de abstrair sobre os elementos que compõe a cidade e, dessa maneira, motivar um diálogo sobre o tema.

No segundo dia, apresentei um mural com 31 fotos da cidade de Campinas e de outras cidades no Brasil e no mundo. A intenção da atividade era entender se as crianças seriam capazes de identificar as imagens da cidade de Campinas e que imagens seriam estas, já que as fotos do mural apresentavam não somente as paisagens dos espaços públicos da cidade e dos cartões postais, como também da periferia e dos personagens das ruas da cidade, como: artistas de rua, mendigos, flanelinha, etc.; apresentei ainda duas fotos do condomínio onde moram. As crianças deveriam escolher 10 fotos das 31 numeradas e identificá-las.

No terceiro dia realizei entrevistas gravadas com as crianças⁶.

Na segunda semana da colônia de férias realizei algumas entrevistas informais com as crianças e participei das brincadeiras e dinâmicas propostas pelo grupo de “animadores”. Foi também nessa semana que pude participar de forma mais intensa do universo dessas crianças, através das brincadeiras e do cotidiano na colônia de férias. Por exemplo, foi possível compartilhar os momentos das refeições, das conversas e brincadeiras no horário livre da colônia de férias, também pude participar das atividades noturnas e até mesmo dormir no alojamento com tios e tias e as crianças.

Além disso, estive presente nas reuniões semanais do grupo da recreação que trabalha no condomínio, realizadas na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, que foi de fundamental importância principalmente no início da pesquisa de campo. Além de ouvir deles

⁶ Cf. Anexo 2 – Roteiro de entrevistas com as crianças.

um pouco mais sobre o universo dessas crianças, também aprendi maneiras de lidar com elas. Por se tratar da minha primeira pesquisa com crianças, estava “afastada” desse universo há um certo tempo e, a princípio, julguei ser impactante voltar a conviver de perto com esse universo lúdico da infância. Entendendo a percepção dos “tios” e “tias” sobre essas crianças e vice-versa, pude perceber melhor sobre como deveria ser minha relação com as crianças. Primeiro, não poderia ser de hierarquia, relação que se estabelece dos “animadores” para com as crianças. Apesar do animador ser a figura adulta que está lá não só para direcionar as brincadeiras, mas também brincar como se fosse uma delas, ele também é quem estabelece os limites e as possibilidades dessas crianças em outros aspectos, “não pode fazer isso”, “não deve falar isso”, etc. Segundo, percebi que deveria ser a pessoa grande quem elas brincam, mas não necessariamente deveria me “infantilizar” para que isso fosse possível. Terceiro, decidi falar da pesquisa para as crianças. Por exemplo, quando uma criança me perguntava na recreação se eu era uma nova “tia”, eu respondia que não, e explicava sem rodeios o que estava fazendo ali: “estou fazendo uma pesquisa sobre vocês”. Todas as crianças que receberam essa explicação pareciam entender, mas não se interessavam pelos detalhes. Com o passar do tempo elas foram me aceitando como a “não tia”. Se uma criança me chamava de “tia”, quase sempre aparecia outra criança que chamava sua atenção avisando: “ela não é tia!”.

Posso dizer que a construção da minha relação com as crianças foi estabelecida não só por meio do contato direto com elas no campo, como também através do aprendizado obtido devido a minha participação nessas reuniões, onde pude compartilhar com os “animadores” a experiência que eles já tinham com essas e outras crianças. Disponho de forma mais detalhada

sobre meu processo de aproximação com as crianças e vice-versa em um tópico específico no capítulo 2 deste texto.

Estrutura do texto

O *Capítulo 1* apresenta uma discussão sobre o fenômeno dos condomínios fechados trazendo como principal referência a segregação sócio-espacial que representam para o atual cenário das grandes cidades brasileiras. O intuito é esclarecer como esses espaços de morar, enquanto fenômeno urbano largamente comentado e discutido nas mais diversas áreas de estudo, aparecem nesta pesquisa. Além disso, busco apresentar as principais características daquilo que chamo de condomínio fechado de luxo e como eles se apresentam na cidade de Campinas, ou seja, apresento de forma breve o caso da expansão dessas formas de morar na cidade de Campinas trazendo algumas dissertações e teses que versam sobre o tema. O capítulo também acrescenta dados importantes e uma descrição geral do condomínio onde a pesquisa foi realizada.

No *Capítulo 2* apresento um panorama teórico e metodológico sobre as pesquisas com crianças. O que significa ser criança? Como pensar a noção de infância? Como ouvir essas crianças? Trago também algumas pesquisas que têm como foco de investigação o universo das crianças. A idéia é fazer um breve balanço das pesquisas recentes que contemplam as temáticas relacionadas à infância e à criança no campo das ciências sociais, e de que maneira esses estudos têm contribuído para o avanço desse campo que tem como interlocutoras as crianças. O capítulo também trata sobre reflexões teórico-metodológicas relacionadas à pesquisa com crianças, e apresenta como eixo minha experiência de campo.

O *Capítulo 3* contempla os principais dados da pesquisa de campo. Faço uma apresentação e descrição do campo, mas agora priorizando os espaços das crianças: seus lugares, sua relação com as ruas do condomínio, com o clube, etc. A intenção é apresentar o “cotidiano seguro” que se constitui através da configuração de uma *infância plena*. Também apresento os principais deslocamentos das crianças para os espaços da cidade além muros.

Dedico o *Capítulo 4* a discussão sobre a infância na cidade, ou sobre as especificidades de uma infância na cidade. É onde também apresento os principais argumentos que sustentam a possibilidade de pensar uma *experiência urbana singular*. Toda a discussão realizada neste capítulo também abarca as principais conclusões da pesquisa. Ainda assim, logo em seguida, apresento as *Considerações finais* desatacando algumas questões que revelam possíveis desdobramentos para a pesquisa apresentada nesta dissertação.

CAPÍTULO 1

SOBRE UMA FORMA DE HABITAR NA CIDADE

O texto trata de dois temas instigantes no âmbito das ciências sociais. Tanto a *cidade* como a *infância* têm proporcionado discussões e reflexões sociológicas fecundas na produção acadêmica brasileira. É importante assinalar que no decorrer do texto a problematização dessas temáticas muitas vezes se confunde, mas em outros momentos se distancia. Dessa maneira, em um primeiro momento apresento uma reflexão sobre os condomínios fechados de grande porte nas cidades contemporâneas, principalmente as brasileiras, para em seguida pensar sobre a temática da infância e somente depois problematizar *uma infância na cidade*.

Antes de explorar o universo das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo na cidade de Campinas-SP, julguei ser importante apontar algumas reflexões sobre o fenômeno da *vida entre muros*, temática que tenho trabalhado desde 2004⁷.

Atualmente, os condomínios fechados constituem o tipo mais desejável de moradia para as classes médias e altas (CALDEIRA, 2000). É a partir dessa busca que hoje as empresas do ramo imobiliário investem na construção de condomínios fechados de grande porte; o quê, por sua vez, colabora para uma configuração peculiar dos espaços da cidade. Este

⁷ Como pesquisadora de iniciação científica (CNPq) no Laboratório de Estudos de Política e Cultura – LEPEC, da Universidade Federal do Ceará, de 2004-2006.

texto trata de alguns aspectos que sustentam essa nova configuração do espaço urbano nas metrópoles contemporâneas.

A princípio, apresento uma contextualização sobre o surgimento desses modelos de moradia e as principais discussões que vêm sendo realizadas entre os autores que tratam da respectiva temática, procurando também apresentar as principais características desses empreendimentos no Brasil. Além disso, o capítulo se propõe a entender como essa forma de habitar está relacionada à construção de um espaço público “privado”, que estabelece regras de sociabilidades seletivas nas cidades.

1.1 Ruas (im)possíveis e sociabilidades seletivas: a dinâmica da *vida entre muros*

Falta muro bem alto com cerca elétrica⁸. Pra passar em volta de Alphaville e deixar aquele bando de Carapicuibano andando de moto e bike em bando pra assaltar do lado de fora.

Malditos.

Todos eles.

(M.- jovem morador do condomínio Alphaville Barueri, ao responder a pergunta: O que falta em Alphaville?)

Uma cidade onde as casas são delimitadas por um muro realçado por torres de vigilância. Essa era a cidade medieval que se estabelecia na Europa por volta do século X e XI – *o burgo*. “Cidades amuralhadas, de limites precisos, cujas portas permitiam ou bloqueavam

⁸ O jovem se refere à zona comercial, que não é murada como a área residencial.

o contacto com o mundo exterior” (ROLNIK, 1988: 06). Naquele contexto, o muro, para além da possibilidade de defesa e manutenção de certa autonomia, também configurava os limites entre o urbano e o rural, entre a cidade e o campo. No contexto da idade média o muro é o símbolo que modela a cidade.

Nesse sentido, alguns estudiosos vêm se referindo as configurações dos condomínios de grande porte como um “retorno à cidade medieval”⁹. Sobre essa aproximação, Davis (2006) alerta que as consequências da secessão entre a classe média e o espaço público, assim como qualquer vestígio de uma vida cívica junto com os outros (não-moradores), são mais radicais. Certamente, as fortalezas medievais lembram as configurações de moradia no formato dos condomínios de grande porte, mas, concordando com Davis (2006), também acredito que essa aproximação entre os condomínios e a cidade medieval é passível de ressalvas.

Os condomínios de grande porte, também chamados de condomínios horizontais, surgiram nas cidades brasileiras procurando acrescentar alguns elementos que não são encontrados nos condomínios verticais¹⁰, ou seja, espaços públicos mais amplos para as brincadeiras das crianças e a possibilidade de morar em casas amplas com quintais.

Os loteamentos¹¹ fechados que surgiram na cidade de São Paulo na década de 70, contribuíram de maneira significativa para o aumento dos condomínios de grande porte no país. Atualmente, o estado de São Paulo acolhe aproximadamente 3.000 empreendimentos

⁹ Cf. LEMOS, A.I.G de; et al. (2002).

¹⁰ “As edificações ou conjuntos de edificações, de um ou mais pavimentos, construídos sob a forma de unidades isoladas entre si, destinadas a fins residenciais ou não-residenciais”. (Lei 4.591, 16 de dezembro de 1964).

¹¹ “Considera-se loteamento a subdivisão de gleba em lotes destinados a edificação, com abertura de novas vias de circulação, de logradouros públicos ou prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes”. (Lei 6.766, 19 de dezembro de 1979).

com cerca de 720.000 famílias que residem ou têm propriedade nos mesmos¹². O primeiro surgiu na região da grande São Paulo, na cidade de Barueri, em 1973¹³. Tratam-se de condomínios horizontais (casas) e/ou verticais (prédios) que possuem um grande número de moradores (o maior e mais antigo tem cerca de 50 mil) e uma estrutura de comércio, lazer, moradia e serviços cercados por muros sob sofisticados aparatos de vigilância privada. Além do grande número de moradores, o que torna esse empreendimento peculiar em relação aos outros modelos de condomínios fechados presentes nas cidades brasileiras (prédios verticais, edifícios, COAHB's, etc.), é o fato desse modelo de moradia se basear, a princípio, em uma idéia de “negação à cidade”, a primeira vista pautada em um “ideal comunitário”. Ou seja, são construídos para atender uma população específica que busca se apartar dos problemas da cidade, tentando satisfazer suas necessidades cotidianas, desde a compra de alimentos e

¹² Fonte: Revista Residenciais <<http://www.revistaresidenciais.com.br>>.

¹³ O primeiro condomínio fechado de grande porte do Brasil (denominado *Alphaville*) surgiu a partir de uma proposta de loteamento para indústrias não poluentes na cidade de Barueri-SP. A área (500 hectares) abrigaria de forma organizada indústrias de setores variados que tinham em comum uma “filosofia” de preservação ambiental. A intenção era concentrar algumas indústrias de vários setores, desde produtos de informática, como a empresa HP, até indústria de produtos alimentícios como a empresa Sadia. Os executivos que trabalhavam nas empresas precisavam morar perto do local de trabalho, assim surgiu o primeiro *Alphaville Residencial*, em 1975. A demanda por mais residências foi aumentando e a região de *Alphaville* foi se tornando um importante complexo urbanístico da região metropolitana da cidade de São Paulo. Os executivos das multinacionais tinham a “comodidade” de não precisarem se locomover para São Paulo todos os dias, não enfrentar o trânsito diariamente. Aos poucos a busca por residências foi aumentando e, para seus empreendedores, a área residencial passou ter uma visibilidade maior do que o complexo industrial. Isso ocorreu na medida em que se estabelecia uma dinâmica maior entre os moradores, juntamente com o surgimento do interesse especulativo por parte dos idealizadores do projeto. Segundo os fundadores do *Alphaville*, no início da década de 80, a demanda por mais residências aumentou devido à instalação de mais empresas. Prédios foram construídos para abrigar “profissionais liberais e altos funcionários de empresas da região que antes moravam em São Paulo”. Foi criada então uma área comercial para dá suporte aos moradores e trabalhadores da área empresarial. (FONTE: Empresa *Alphaville Urbanismo*). Assim, aquela região de Barueri, hoje conhecida como *Alphaville-Barueri*, foi então se transformando na estrutura semelhante a que chega hoje em dia a várias cidades do Brasil (cf. Anexo 3 – Distribuição de *Alphavilles* no Brasil). *Alphaville Urbanismo* é a empresa imobiliária pioneira na construção de condomínios de grande porte. A idéia é agregar moradia, lazer, serviços e até mesmo trabalho e educação em um mesmo espaço cercado por muros. Atualmente, várias outras empresas urbanísticas têm se especializado na instalação de empreendimentos imobiliários semelhantes, contribuindo de forma significativa para o aumento desse modelo de moradia nas cidades brasileiras.

remédios à escola dos filhos, evitando o máximo de contato com a metrópole (CALDEIRA, 2000).

The residences we are discussing are not multi-unit, high-density apartment and condominium buildings with security systems or doormen in which Gates or guards prevent public access to lobbies, hallways and parking lots. Gated *communities* are different: their walls and fences preclude public access to streets, sidewalks, parks, beaches, rivers, trails, playgrounds – all resources that without gates or walls would be open and shared by all the citizens of a locality (BLAKELY E SNYDER, 1997: 02).

Desde sua origem, ainda enquanto “simples” edifícios residenciais, os condomínios fechados vêm despertando o interesse não só dos cidadãos que buscam uma forma distinta de habitar na cidade, justificada principalmente pelo medo da violência urbana, como também de estudiosos das mais diversas áreas. Sociólogos, urbanistas, antropólogos, geógrafos, arquitetos, e até mesmo jornalistas e filósofos, trazem diferentes versões¹⁴ para pensarmos o porquê da opção por esses modelos de moradia, assim como arriscam uma reflexão sobre os aspectos que sustentam a constituição desta tão citada *vida entre muros*. Nessas linhas de pensamentos, alguns se cercam pela superficialidade dos discursos do marketing imobiliário¹⁵, que apela para o retorno da vida em comunidade, pautado na confiança do próximo (vizinho), na praticidade de ter (quase) tudo ao seu alcance e no contato com a natureza. Outros se detêm somente na “incontestável” violência urbana, deixando de lado as várias questões que perpassam a problemática da segregação urbana nas grandes metrópoles. Acredito ser importante introduzir algumas dessas considerações.

Para Martins (2004), esses espaços de moradia fazem “parte de um movimento social

¹⁴ Cf. BLAKELY & SNYDER (1997), CALDEIRA (2000), DAVIS (2006), LEITE (2002), MARTINS (2004), MOURA (2006), NUNES (1999), entre outros.

¹⁵ Cf. Anexo 04 – Algumas propagandas de condomínios fechados.

de reencontro de bases estáveis de convivência social e de relações sociais de confiança entre as pessoas” (p. 04). Ressaltando a cidade de São Paulo o sociólogo acrescenta que,

... numa cidade que tem sido incapaz de ter um plano diretor minimamente estável, que muda a cada legislatura e a cada prefeito, por interesses nunca explicitados, é altamente compreensível que muitas pessoas queiram preservar o caráter propriamente residencial do seu lugar de moradia e vizinhança. Sendo os condomínios propriedade privada e condominial, ficam os moradores protegidos contra a irracional intromissão do poder público nas condições do morar. E conseguem dar-se aquilo que o poder público não dá, em termos de limpeza, ajardinamento e segurança. (MARTINS, 2004: 03).

Por outro lado, para o norte-americano Mike Davis, também autor do livro *Cidade de Quartzos (1993)*, a procura pelos condomínios fechados exacerba a fragmentação urbana; essa nova configuração das cidades também colabora para “uma diminuição drástica das interseções entre a vida dos ricos e pobres”. O urbanista acrescenta que essa busca por segurança e isolamento social em “cativeiros dourados” é obsessiva e universal. Segundo Davis (2006),

É importante perceber que estamos lidando aqui com uma reorganização fundamental do espaço metropolitano, que envolve uma diminuição drástica das interseções entre a vida dos ricos e a dos pobres, que transcende a segregação social e a fragmentação urbanas tradicionais (p. 124).

O fenômeno dos condomínios fechados (*gated communities* nos Estados Unidos, condomínios no Chile, *countries* na Argentina, etc.) ocorre em cidades de diversos países: Cairo, Abidjã, Lagos, Pequim, Hong Kong, Jacarta, Manila, Joanesburgo, Buenos Aires, entre outras, são algumas das cidades onde se percebe uma “fuga” das elites para complexos urbanísticos luxuosos, fechados e monitorados, com uma infra-estrutura “auto-suficiente”.

De Johannesburgo a Budapeste, do Cairo à Cidade do México, de Buenos Aires a Los Angeles, processos semelhantes ocorrem: o erguimento de muros, a secessão das classes altas, a privatização dos espaços públicos e a proliferação das tecnologias de vigilância estão fragmentando os espaços da cidade, separando grupos sociais e mudando o caráter da vida pública de maneira que contradizem os ideais modernos de vida urbana. (CALDEIRA, 2000: 38).

No Brasil, a violência urbana é umas das justificativas reveladas quando perguntamos aos moradores por que escolheram morar em um condomínio fechado. Contudo, é possível perceber que esse não é o único motivo, nem necessariamente o mais relevante. Acredito que ao aprofundarmos essa questão nos valores que norteiam essa opção de morar, ou quando procuramos de fato entender **como** essa outra forma de viver na cidade é estabelecida e vivenciada por esses moradores, torna-se possível levar essa discussão para além da violência urbana. Mais do que pensar a opção pelos condomínios como uma narrativa de vitimização, devido às experiências de violência vividas no território “sujo” da cidade, é interessante apontar a multiplicidade de questões que decorrem do contexto urbano contemporâneo.

A segregação sócio-espacial sempre aparece como palavra-chave nos estudos que se concentram nos condomínios. Entretanto, é importante ressaltar que as classes abastadas sempre se apartaram de outros grupos sociais; segregação que se distingue de acordo com contextos sociais e históricos específicos. Dessa forma, podemos dizer que a distinção ricos x pobres se acentua com a constituição desses novos espaços. Mais do que isso, instaura um processo de distinção social, baseado, dentre outras coisas, em uma idéia “mitificada” do outro

“não morador”, que passa a ser temido e apresentado como fator das principais fontes de incertezas contemporâneas.

Ao tentar entender como esse outro “não morador” ou esse “estranho” é construído, partindo da visão de um grupo de moradores de um bairro nobre da cidade de Fortaleza-CE que, mesmo não estando cercados por muros (talvez por muros virtuais), estão submetidos a uma forte cultura do medo e da evitação, Bittencourt (2007) observa que esses “outros” são representados por figuras e/ou sensações desestabilizadoras, são todos aqueles e/ou aquilo que desperta uma forte sensação de insegurança entre os moradores.

Podemos dizer que a produção do “estranho” funciona inicialmente mediante a imputação de categorias depreciativas a indivíduos desconhecidos, que precisam ser enquadrados em uma classificação específica, para que, assim, eles (os moradores) possam encontrar de maneira objetiva o responsável pela forte sensação de insegurança que os aflige. O “estranho”, dessa maneira, transforma-se em *criminoso virtual*, ou seja, alguém que poderá “vir” a representar perigo à integridade física e psicológica dos moradores. (BITTENCOURT, 2007, p.89).

Retornando a dinâmica dos *enclaves fortificados*¹⁶, essa idéia pode ser explicitada através das dinâmicas ou rituais de entrada nesses condomínios. Além do transeunte “não morador”, todos, inclusive os funcionários¹⁷ (babás, jardineiros, domésticas, secretárias, etc.), são abordados na portaria como possíveis *figuras desestabilizadoras* da ordem privada instituída na zona de muros. “Quem”, “por que” e “em qual circunstância” deseja entrar no

¹⁶ Termo empregado pela antropóloga Teresa Caldeira em seu livro *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo (2000)*, que se refere a espaços de moradia privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho.

¹⁷ Os funcionários são identificados e revistados cotidianamente antes de entrar no condomínio e se dirigir a casa onde trabalham. Algumas patroas e/ou patrões realizam um cadastro de seu empregado junto à segurança do condomínio, que adquire um cartão de acesso, podendo entrar no condomínio sem a necessidade de serem identificados todos os dias.

condomínio, são questões que devem ser esclarecidas e respondidas para que se possa adentrar essas fortalezas. Essa regra também inclui amigos e familiares dos moradores¹⁸.

Os condomínios de grande porte apresentam “estratégias preventivas” semelhantes em relação aos procedimentos para entrada de “não moradores”. Antes de entrar nas zonas protegidas por muros e vigilantes, é necessário apresentar um documento de identificação com foto e efetuar um registro na portaria do empreendimento. Junto ao cadastro o segurança também inclui uma fotografia – obtida de forma instantânea através de uma pequena câmera digital. No entanto, antes de entrar o transeunte deve informar o que pretende fazer no espaço, e aonde: trabalhar na “casa x”, visitar irmã na “casa n”, encontrar namorada na “casa y”, convidado da festa na “casa z”, etc.

Essa restrição de acesso as áreas públicas dos grandes loteamentos urbanos e a exigência de identificação e cadastro, vem causando discussões entre líderes de associações condominiais, moradores e poder público. Enquanto os primeiros buscam consolidar e regulamentar a situação desses empreendimentos urbanísticos, novas regras sobre uso e ocupação do solo, que ainda estão sendo discutidas, destacam a permissão constitucional obrigatória da entrada de veículos e pedestres nesses empreendimentos, ressaltando ainda o direito do transeunte de se recusar ao cadastro e identificação antes de entrar no loteamento fechado. A discussão vai mais além e propõe que seja necessária uma aprovação e aceitação

¹⁸ O sistema de segurança de condomínios de grande porte é, na maioria das vezes, terceirizado. É implementado por grandes empresas do setor de segurança privada que estudam e se especializam nesse tipo de segurança. Assim, um procedimento que me chamou atenção no condomínio onde realizei a pesquisa, é o fato de existir uma alta rotatividade entre os seguranças que trabalham na portaria, sendo quase impossível que um segurança da portaria estabeleça algum tipo de vínculo com qualquer outro funcionário, morador ou visitante. Pude observar isso durante minhas idas ao campo, e uma informante salientou: “trabalho aqui há sete anos, é difícil ver o mesmo segurança na portaria mais de uma vez, mas quando acontece, e ele sabe que você trabalha lá, ele finge que não sabe...”.

de 90% dos moradores para que o condomínio tenha muros em seu entorno. Integrantes de sindicatos e órgãos filiados a grandes condomínios da cidade de Campinas acreditam que a aprovação do novo projeto de uso e ocupação do solo é preocupante e desvantajoso, pois será liberada a entrada de qualquer pessoa e veículo no local¹⁹, o que é considerado problemático para aqueles que optam por morar nesses espaços, uma vez que essa procura pelos condomínios se baseia principalmente pela possibilidade de evitar que estranhos, enquanto criminosos em potencial, tenham acesso as ruas de suas residências.

Em seu texto *Classes e Sociabilidades no Meio Urbano* (1999), Brasilmar Ferreira Nunes destaca que “morar em certo bairro ou rua, o estilo de se comportar, de vestir, os lugares que frequenta, etc. são exemplos de uma gama enorme de estilos e comportamentos que funcionam como produtos e produtores de status”. Isto é, os grandes condomínios fechados são espaços de morar e de viver que buscam resgatar não só “um viver a moda antiga” estabelecido na confiança depositada no “outro” vizinho, como também demonstra uma questão importante trazida pela sociedade do consumo, onde se apela para construção de estilos de vida que sintetizam modelos de morar e de viver enquanto símbolos de status e prestígio social, o que produz diferentes dimensões sobre a vida na cidade. A valorização do status e prestígio social coloca uma nova dimensão no existir socialmente nas cidades. Os indivíduos procuram adequá-las as suas trajetórias de vida, norteando suas ações e escolhas a partir de pressupostos determinados por esses valores (NUNES, 1999).

¹⁹ Essas questões vêm sendo discutidas entre representantes de loteamentos fechados e o poder executivo da cidade Campinas por exigência do Ministério Público, que propõe um pacote com novas regras para implementação de loteamentos fechados na cidade. O órgão tenta minimizar, ou mesmo conter, o aumento dos condomínios fechados de grande porte que, cada vez mais, vêm dividindo as cidades. Fonte: Revista Residenciais <<http://www.revistaresidenciais.com.br>>.

Dessa maneira, a *distinção* é um fator importante quando refletimos sobre esses modelos de moradia. O *status* aparece como elemento fundamental, está presente na fala dos moradores como um mecanismo de diferenciação. Essa diferenciação se estabelece não somente devido uma posição econômica favorável, como também é produzida por uma escala de prestígio social relacionada à autovalorização que o grupo constrói em relação a si mesmo e o discurso depreciativo em relação aos outros grupos²⁰; isso significa que o status não se estabelece por fatores quantitativos mensuráveis, a renda, por exemplo. Ele se funda em um quadro de conteúdo valorativo sim, mas é um valor cultural; socialmente estabelecido, subjetivado e compartilhado em uma interação social seletiva. Os indivíduos que optam por morar em condomínios fechados de luxo reforçam seu senso de pertencimento se apoiando principalmente na negação de características presentes naqueles que se encontram do outro lado do muro.

O conceito Alphaville tornou-se conhecido por resgatar, em grandes centros, aspectos essenciais para a qualidade de vida: o contato com a natureza, a tranquilidade de passear livremente pelas ruas, a satisfação de ter em cada vizinho um amigo. (Luciano Cavalcante Filho – empresário responsável pelo empreendimento Alphaville - Fortaleza)

Nessa busca pela diferenciação surgem as fronteiras. A singularidade dessa forma de habitar é balizada, literalmente, a partir da constituição de fronteiras físicas e simbólicas. Ambas possuem diversos propósitos e várias conseqüências. Segregação, separação, isolamento, apartação, são sinônimos que se confundem em um desses propósitos: *a distinção*.

As *fronteiras físicas* são facilmente identificadas pelo grande muro de concreto que

²⁰ Cf. ELIAS, Nobert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

envolve esses empreendimentos, bem como pelo sistema de segurança que os compõem²¹: câmeras, alarmes, grades, portarias individuais, controle de entrada de moradores e visitantes aos empreendimentos e equipes de vigilância em viaturas monitorando os espaços 24h.

As *fronteiras simbólicas* são percebidas na maneira como esses espaços estabelecem uma seleção de quem, como, e em quais circunstâncias devem entrar no empreendimento, ou mesmo estar em suas proximidades. Tratando-se dos condomínios de grande porte, que possuem uma estrutura de comércio, lazer e serviços em seu entorno, como: padarias, farmácias, consultórios médicos, lojas de vestuário, restaurantes, lanchonetes, escolas e universidades privadas, dentre outros, a idéia de *muros virtuais* se torna mais latente. Essa circunvizinhança instituída é destinada ao uso dos moradores, é construída para atender uma população específica, ou seja, *distinta*, com gostos²² caros e refinados. Assim, apesar de pertencer espacialmente ao território público da cidade, constrange sua utilização por parte dos cidadãos “não moradores”. Para além da construção de um espaço público idealizado *intramuros*, o entorno desses empreendimentos se caracteriza também pela constituição de um espaço *extramuros* que organiza padrões de uso do espaço urbano.

Para Certeau (2008), o espaço privado se restringe ao domínio do lar, é o lugar onde “todo visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar. Mesmo neste caso, o convidado deve saber ‘ficar no seu lugar’” (p. 203). Já o espaço público é pensado como o espaço de uso comum e domínio coletivo. Tratando-se das formas de morar que discutimos podemos perceber, por exemplo, que a rua, considerada um espaço público por

²¹ Grande parte desse aparato de segurança é encontrada em condomínios horizontais e verticais. Desde os de grande porte (acima de 100 residências) até os de pequeno porte.

²² Cf. BOURDIEU, 1994.

excelência, no contexto do condomínio possui duas referências: é privada em relação à cidade, mas pública em relação ao condomínio. Podemos falar disso não só em relação às ruas do empreendimento urbano como também em relação a todos os equipamentos coletivos que o compõe, como as praças, parques, lagos, etc. Estes se configuram como espaços públicos aprazíveis.

A constituição das áreas *intramuros*, *extramuros* e *além muros* são as três referências espaciais que compõem a discussão sobre condomínios fechados de grande porte nesta pesquisa. O *espaço intramuros* é caracterizado por lugares como a rua, as casas, as guaritas, a área de lazer, a capela, as quadras esportivas, etc. Inseridos em um conjunto de relações entre os moradores, esses espaços estabelecem a constituição de um espaço público “privado”. A região *extramuros* está espacialmente situada fora dos muros, no entanto, localiza-se em suas proximidades e também é “guardada” pelos seguranças, também pode ser pensada como um espaço público “privado”. A região *além muros* é a cidade.

Assim, podemos apresentar de forma resumida as principais características que sustentam e configuram essa forma de morar nos seguintes quadros:

Quadro 1- Principais características dos condomínios de grande porte

Área em km²	Mais de 1.000.000 m ²
Natureza do condomínio	Horizontal e/ou vertical
Número de residências	Em torno de 700
Número de moradores	Em torno de 2.500
Infra-estrutura	Áreas residencial, comercial e de lazer
Principais valores norteadores	Segurança, saúde, liberdade, paz, confiança, previsibilidade, entre outros.
Principais serviços disponíveis aos moradores	Alimentação, educação, pequenos serviços médicos, serviços de estética, farmácias, serviços gerais, entre outros.

Quadro 2 - Principais características dos condomínios de grande porte por zonas

	Zona Intramuros	Zona Extramuros	Zona Além-Muros
Descrição	Espaço cercado por muros e aparatos privados de segurança com acesso exclusivo de proprietários, moradores e funcionários.	Espaço cercado e/ou protegido por segurança privada, composto por estabelecimentos comerciais que tem como público alvo os moradores do condomínio e consumidores de alta renda da região.	Áreas e regiões da cidade onde se situa o condomínio ou outras cidades.
Natureza da área	Pública e Privada	Pública	Pública
Segurança	Privada	Pública e Privada	Pública
Principais formas de uso e apropriação pelos moradores	Moradia Lazer	Compras Serviços	Compras Trabalho Lazer

É também a partir dessa outra referência sobre a noção de espaço público que os moradores se situam enquanto “comunidade”.

Segundo Sennet (1998), esses agrupamentos urbanos seriam a “celebração do gueto” nas metrópoles. Grupos de indivíduos que possuem um mesmo capital econômico e um horizonte comum de valores, de construção e manutenção dos mesmos a partir de rituais diários, constituindo uma espécie de personalidade coletiva. Surgem, então, como novas formas de relações sociais baseadas no estabelecimento de fronteiras que busca um retorno a sonhada e inatingível vida em comunidade, no sentido harmônico do termo – um grupo de indivíduos que buscam, além de estarem juntos, viverem em harmonia entre si e com a natureza.

O bairro seguro concebido com guardas armados controlando a entrada; o gatuno e suas variantes substituindo os primeiros bichos-papões modernos do *mobile vulgus*, e juntamente promovidos à posição de inimigos públicos número-um; uma equiparação das áreas públicas e enclaves “defensáveis” com acesso seletivo; a separação em lugar de negociação da vida em comum; a criminalização da diferença residual – essas são as principais dimensões da atual evolução da vida urbana. E é na moldura cognitiva dessa evolução que a nova concepção de “comunidade” se forma. (BAUMAN, 2003: 104).

As teorias clássicas²³ analisam a comunidade sob uma tipologia social caracterizada em geral por grupos de pequena escala que estabeleceriam relações solidárias, coesas, pessoais, espontâneas, cotidianas e permanentes, onde se configurariam identidades comuns (FRÚGOLI, 2003).

²³ Cf. TÖNNIES (1973), WEBER (1921) e WIRTH (1933) in FERNANDES, F. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1973.

É importante destacar que o ideal comunitário retratado pelo marketing imobiliário também tem orientado essa busca pelos condomínios fechados. Apesar de todo o apelo e da sensação de uma suposta vida em comunidade, esse ideal comunitário é “ilusório” e compõem aquilo que Bauman (2003), inspirado em Kant, apresenta como *comunidades estéticas*. Em suas palavras, são aquelas cujos usos principais são “confirmar a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade a que confere aprovação social”. Essa comunidade “dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma ‘comunidade’ de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo...” (p. 61), do retorno. Excluídas as questões da busca identitária apontada por Bauman (2003), tema para outro momento, percebemos que a *comunidade estética* não implica em responsabilidades éticas e nem compromissos a longo prazo, o que se contrapõe aos pressupostos fundantes da noção de comunidade em sua acepção clássica.

É possível relacionar os condomínios fechados com as *comunidades estéticas* trazendo um pouco daquilo que ocorre com frequência nesses espaços. Grande parte desses condomínios apresenta casos de conflitos internos, das leves (discussões, vandalismo, furtos, consumo de drogas entre adolescentes, etc.) às mais graves (atropelamentos, suicídios, assassinatos, estupros, etc.), e não são exceções²⁴. Ou seja, é paradoxal imaginar que esses moradores resolveram buscar esse espaço vislumbrando uma vida tranquila, compartilhada com seus “iguais”, envolvidos em um compromisso ético, mas que, ao contrário do que se imagina, terão parte daqueles problemas da cidade, motivo principal (?) de sua “fuga” ou “busca”.

²⁴ É possível encontrar nos principais veículos de comunicação, como a Internet e os jornais impressos do país, uma extensa lista de notícias sobre esses casos em condomínios fechados de luxo.

Certamente, a probabilidade de ocorrências desagradáveis dentro de um condomínio é menos provável em relação aos bairros comuns que não têm muros nem segurança privada. Mas também é menor o universo de pessoas dentro dos condomínios quando comparamos com o número de habitantes na cidade. Não existem dados acessíveis que apresentem estatísticas e descrevam os problemas que os moradores de condomínios fechados de luxo vêm enfrentando desde sua origem. Por enquanto, alguns desses dados só podem ser explicitados a partir de relatos de moradores e funcionários, e também quando fatos com maior apelo midiático são noticiados em jornais impressos, televisivos e revistas.

No condomínio onde realizei a pesquisa fui informada logo no início do trabalho de campo que uma garota de 13 anos havia sido atropelada e ferida gravemente por um adolescente de 14 anos que dirigia em alta velocidade a sua moto nas ruas do “bairro”²⁵. Percebendo que fiquei surpresa com o ocorrido, minha informante alerta que os casos de atropelamento, assaltos (realizados em grande parte por adolescentes moradores) e até mesmo consumo de drogas já fazem parte do rol de problemas do “bairro”. Alguns trabalhos sobre condomínios, até mesmo de autores que tratam desses arranjos urbanos em outros países²⁶, também apontam os problemas que os moradores adolescentes vêm causando para outros moradores. A falta de levantamentos estatísticos sobre esses e vários outros infortúnios, revela o silêncio de empreendedores e encobre os problemas que moradores de condomínios fechados de luxo têm enfrentado. “Se o que se pretende é a criação de uma espécie de ‘comunidade de iguais’ livre dos ‘males urbanos’, a realidade entretanto termina por

²⁵ Durante minhas visitas, conversando com alguns moradores, percebi que parte deles se refere ao condomínio como bairro.

²⁶ Cf. SVAMPA (2002).

reproduzir ou ampliar as mazelas no seu próprio interior, visto muitas vezes como um espaço acima da lei” (FRÚGOLI, 2001: 181).

Recentemente foi noticiado em jornais de audiência nacional o caso de um condomínio fechado de luxo em São Paulo assaltado com a participação de um jovem morador. O jovem não só consentiu a entrada dos assaltantes como também informou quais residências eles deveriam assaltar. Há pouco mais de 10 anos, uma publicação da revista *Veja* (26/10/1998) já anunciava os problemas das invasões às casas de condomínios como Alphaville-Barueri e Aldeia da Serra, facilitadas principalmente por jovens moradores viciados em drogas e endividados com traficantes. Outro dado revelador é o grande número de processos que correm na justiça envolvendo moradores de condomínios²⁷.

Apesar deste trabalho se apoiar em dados sobre alguns condomínios de São Paulo, Campinas e Fortaleza, é possível encontrar em outros condomínios dessas cidades e também de outras, casos semelhantes. Acredito ser importante apresentar esses dados porque eles ilustram um pouco do problema que as análises superficiais não revelam. Eles mostram em que medida essa relação de confiança e um suposto compromisso ético, presente no discurso dos moradores, podem ser questionados.

Não é difícil constatar que o discurso da *vida entre muros* se sustenta também na idéia do outro confiável (vizinho). Em geral, observa-se que essas pessoas procuram morar em um lugar onde possam estabelecer uma sociabilidade com o vizinho, que, sendo “um dos seus”, é um “outro confiável”. Com isso, duas coisas chamam atenção. Primeiro, entre a maioria dos

²⁷ Este dado inicial foi obtido com um advogado que trabalha no Fórum da cidade de Campinas e também através de conversas informais com funcionários do condomínio. Como a pesquisa foca as crianças, e não pretendo desviar desse interesse, não foram recolhidos dados quanto aos números e motivos dos processos.

moradores não há relação de vizinhança; segundo, o seu outro confiável pode não ser “tão confiável” como se imagina.

Em suma, os moradores de condomínios se cercam de probabilidades (menor chance de vivenciar situações de violência), possibilidades (só aqui uma vida tranqüila é possível) e previsibilidades (sei que vou sair, chegar e minha família vai estar bem). De forma alguma imaginam que possam vir a serem vizinhos de um criminoso em pleno condomínio fechado de luxo, e essa certeza é pautada pela relação de confiança que se constitui neste vínculo de “sociabilidades abstratas”, que não se estabelecem nas relações sociais de fato, mas por via de um imaginário coletivo. Ou seja, a relação de confiança é um entendimento consensual onde não há, de forma direta, uma relação de sociabilidade, isto é, uma troca de experiências marcada pelo estar junto de fato, por laços e redes de interação.

Feita essa digressão, necessária para que possa ficar clara a perspectiva da dinâmica da *vida entre muros* que norteia o trabalho em questão, trago a seguir uma sucinta contextualização do fenômeno dos condomínios fechados na cidade de Campinas-SP e, em seguida, apresento alguns dados do condomínio onde realizei a pesquisa de campo trazendo uma rápida descrição de seus espaços.

1.2 Breve panorama dos condomínios fechados na cidade de Campinas-SP

Levantamentos do IBGE realizados no ano de 2008 apontam que o município de Campinas possui mais de um milhão de habitantes²⁸ em sua área de 795,697 km², sendo a terceira cidade mais populosa do estado de São Paulo, a 11^a mais rica do país²⁹ e a cidade que concentra o maior pólo industrial do interior do estado.

A expansão industrial e populacional de Campinas ocorre com maior intensidade nos anos de 1970 e 1980, acompanhada pelo processo de urbanização da cidade através do parcelamento do solo (SILVA, 2008)³⁰.

Nesse período, a cidade de Campinas segue um processo de urbanização semelhante ao ocorrido em outras grandes cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Fortaleza, entre outras. Transformações que vêm se traduzindo em modificações substanciais na fisionomia urbana das metrópoles contemporâneas. Dentre essas várias transformações podemos destacar o deslocamento das elites para as regiões periféricas das grandes cidades do Brasil, caracterizado principalmente pela busca por espaços de moradia “ligeiramente” afastados dos grandes centros urbanos, onde se instalam a maioria dos condomínios fechados de grande porte.

²⁸ IBGE (2008)

²⁹ IBGE (2005)

³⁰ Cf. SILVA, Paula F. F. da. *A expansão urbana de Campinas através dos condomínios e loteamentos fechados (1974-2005)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

A dinâmica metropolitana mais recente tem acarretado o deslocamento de grupos de razoável poder aquisitivo para distintos tipos de áreas de moradia nas “franjas urbanas”, com destaque especial para as *gated communities*, presentes em cidades como Los Angeles, São Paulo ou Johannesburgo, marcadas em geral por fortes sistemas de isolamento, proteção e vigilância, decorrentes, de um modo geral, de uma proximidade geográfica tensa entre classes sociais e etnias diferenciadas, num contexto marcado por altos índices de violência urbana (FRÚGOLI, 2003).

Os primeiros condomínios fechados da cidade de Campinas surgem na década de 70. Os loteamentos fechados, que impulsionaram a atual configuração dos condomínios fechados horizontais e/ou verticais de grande porte, surgem na cidade apenas na década de 90. Segundo Silva (2008), de 2000 a 2005 foram protocolados junto à prefeitura da cidade cerca de 60 condomínios de maior porte.

Atualmente a cidade de Campinas abriga cerca de 180 condomínios fechados horizontais e/ou verticais, sendo 62 de maior porte³¹ – aqueles que além de acolher um maior número de moradores (mais de 700 casas), possuem uma estrutura de comércio, lazer, serviços e moradia protegidos por muros e vigilância privada.

O mapa a seguir ilustra as regiões da cidade onde se concentram esses condomínios:

³¹ Cf. Anexo 5 – Condomínios fechados em Campinas.

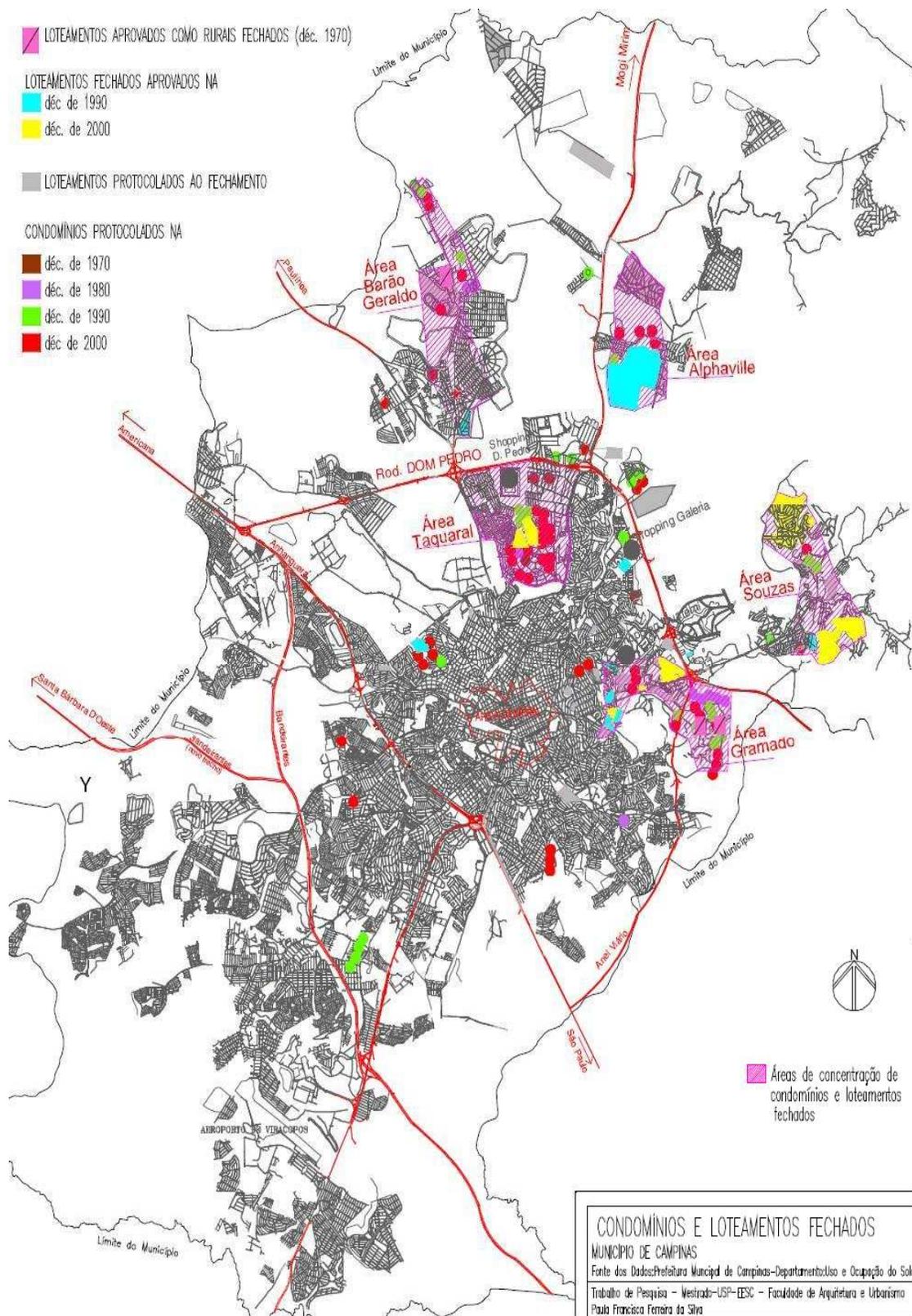


Figura 01 - Distribuição dos condomínios e loteamentos fechados na cidade de Campinas-SP

1.3 O campo

O condomínio de grande porte onde realizei a pesquisa se encontra, estrategicamente³², em uma região relativamente distante dos outros bairros da cidade de Campinas. Está situado na rodovia que liga Campinas a Mogi-Mirim. O empreendimento foi lançado como condomínio fechado de grande porte no mercado imobiliário da cidade no ano de 1997, com cerca de 1.475 lotes residenciais colocados à venda. Atualmente, possui 1.100 casas sendo cerca de 1.000 habitadas e, segundo dados recentes levantados pela associação de moradores do condomínio, uma população fixa de aproximadamente 3.500 moradores, desses cerca de 600 crianças com até 13 anos de idade. Fontes especializadas no mercado imobiliário apontam que as empresas responsáveis por esses empreendimentos visam um público com renda familiar em torno de 40 salários mínimos³³.

Atualmente, os preços das casas no condomínio variam numa faixa de R\$ 850.000,00 até R\$ 3.000.000,00, valores que mudam conforme a localização dentro do condomínio, o número de cômodos, o tamanho da área onde está instalada a casa e o grau de “sofisticação” em relação à qualidade do material utilizado na construção e ao seu desenho arquitetônico³⁴. Os terrenos variam seus valores entre R\$ 250.000,00 até R\$ 600.000,00, valor que é estabelecido conforme o tamanho do terreno e a sua localização dentro do condomínio.

O condomínio é dividido espacialmente em três zonas (cf. Figura 01): a área destinada para as residências, a área do clube destinada ao lazer e eventos públicos, e a área empresarial,

³² A instalação desses empreendimentos sempre ocorre em áreas afastadas dos grandes centros urbanos, e essa é a primeira condição quando seus idealizadores estudam as regiões onde vão ser implementados.

³³ Fonte: Gazeta Mercantil.

³⁴ Esses valores também aumentam de acordo com uma maior ocupação do empreendimento ao longo dos anos.

onde estão os estabelecimentos comerciais e a escola em que estuda uma parte das crianças e adolescentes que moram no condomínio.

A seguir faço apenas uma breve apresentação desses espaços bem como de suas funções gerais para a dinâmica social no empreendimento.

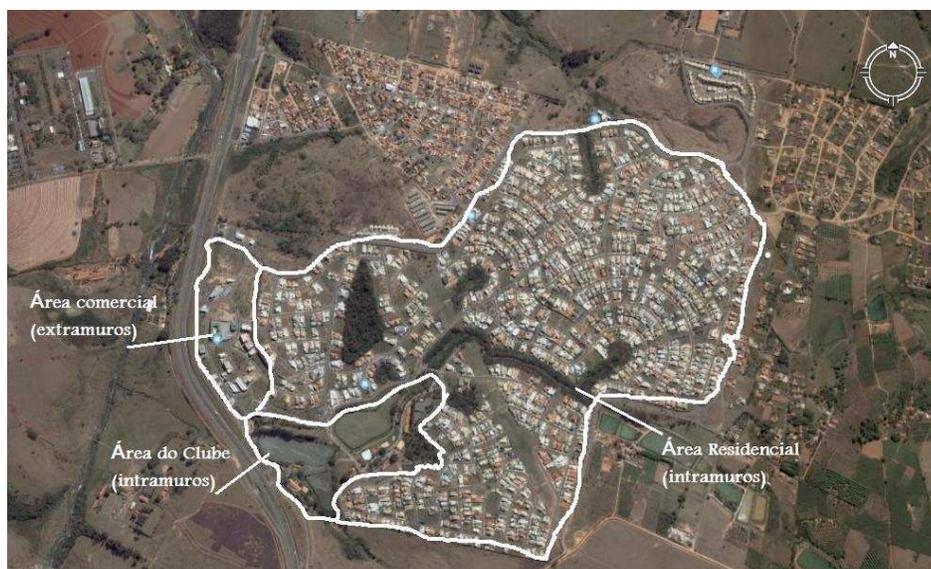


Figura 02 - Vista aérea do condomínio e seus espaços. Foto: *Google earth* (2008)

A área comercial se encontra nas proximidades do muro, é a *região extramuros* citada anteriormente. É composta por alguns estabelecimentos comerciais para necessidades cotidianas como: padarias, farmácias, posto de gasolina, salão de beleza, loja de vestuário, clínica de estética, clínica médica, dentista, banco, cafeteria, frutaria, papelaria, pizzaria, lavanderia, locadora de DVD, entre outros. É também onde se encontra a escola de ensino fundamental e médio, a escola de línguas e a escola de artes e música, além de um hotel de luxo e da sede da Procuradoria Regional do Trabalho – órgão vinculado ao Ministério Público Trabalhista.

Apesar de não estar circunscrita pelos muros, a área, que fica próxima a portaria principal de entrada dos moradores, é cercada por alguns portões e grades e também é vigiada pela segurança privada do condomínio. É também nas proximidades desta zona onde se localiza uma parada de ônibus. Uma linha de transporte público³⁵ da cidade torna possível o acesso dos funcionários que não possuem veículo ao empreendimento.

A área residencial é dividida em pequenos bairros ou zonas, circunscritas pelo muro de concreto, são os lotes residenciais *intramuros*. Abrangem uma área de aproximadamente 100 hectares, ocupada pelas casas, ruas, avenidas e canteiros.



Figura 03 - Vista externa do condomínio

Andar por esse espaço, por essa zona residencial, parece ser semelhante a uma caminhada por cidades cinematográficas. Ruas limpas, casas luxuosas, silêncio, verde, pássaros... Uma simetria que se destaca nas disposições das ruas, casas, canteiros – espaços e objetos devidamente distribuídos na paisagem. Por um momento quase acredito que seria

³⁵ O acesso ao condomínio, difícil através dos ônibus urbanos, era queixa freqüente dos funcionários até pouco tempo. Isso por que eles levavam cerca de 1 hora e meia, em média, para chegar ao condomínio e mais 1 hora e meia para voltar. Hoje, com a implantação do transporte urbano na região, essa média fica em torno de 50 minutos para cada trajeto.

impossível correr algum tipo de risco frente a essa “cidade inofensiva”, mas antes de fazer meu primeiro passeio já havia sido alertada quanto à velocidade que os adolescentes dirigem seus carros nessas pacatas ruas, apesar de algumas placas alertarem a velocidade máxima permitida.



Figura 04 - Vista interna do condomínio

As casas, todas sobrados de dois andares³⁶, apresentam vários estilos arquitetônicos: do clássico ao “pós-moderno”. Cercas de madeira ou mesmo cercas vivas, feitas com algumas espécies de planta, separam uma casa da outra. As calçadas são raras. A

³⁶ Ao construir suas casas os proprietários devem seguir, obrigatoriamente, um padrão mínimo de construção. Por exemplo, a área mínima construída não pode ser inferior a 150 metros quadrados, o que já representa uma casa de médio porte.

maioria das casas possui uma frente gramada, com um jardim devidamente decorado, porém, pouco convidativa aos pedestres.

O silêncio entre o barulho do motor de um carro ou outro que passa nas ruas é uma das coisas que também me chamou atenção sempre que fazia minhas caminhadas pelo condomínio. A ordem que esses moradores tanto buscam parece, num primeiro momento, existir naquele “espaço sem pessoas”. A paisagem rapidamente descrita é o que compõe esse espaço, que apesar de pertencer ao conjunto da obra, assim como a cidade também parece ser descartado pelos moradores. Apenas carros circulam pelas ruas. O movimento de pedestre é mais intenso pela manhã ou no fim da tarde, quando os (as) empregados (as) estão chegando ou saindo do empreendimento. É raro presenciar moradores circulando a pé pelas ruas do condomínio, principalmente na medida em que as casas vão se distanciando da área do clube. Apenas uma parte daqueles que moram muito próximos ao clube se deslocam a pé para esse espaço de lazer “público”.



Figura 05 - Vista interna do condomínio 2

O clube é a área onde realizei a maior parte da pesquisa de campo, já que é o espaço destinado ao lazer das crianças principalmente aos finais de semana. Ele se encontra dentro do condomínio, na região *intramuros*, entretanto, uma portaria com seguranças separa a área do clube da zona residencial.

Para lazer dos moradores em geral, crianças e adultos, o espaço possui: três lagos, duas piscinas, quadra poliesportiva, quadras de tênis, pista para caminhada, quadra de vôlei de praia, de peteca, de futebol de areia, campo de futebol, academia, entre outros. A área social do clube é composta por um *deck* com churrasqueira e uma piscina, uma capela, o salão social onde ocorrem festas de casamento e outras, e a sede da administração do clube. O clube também oferece aulas de karatê, tênis, natação, futebol, entre outras atividades aos seus moradores.

O galpão da recreação, a brinquedoteca, o *playground* e a grande árvore, compõem os principais espaços utilizados pelo grupo de crianças pesquisado e também estão localizados dentro do clube do condomínio (Cf. Figura 06, logo abaixo).



Figura 06 - Vista aérea do clube, em destaque alguns dos espaços das crianças
Foto: Google Earth (2008)

São as crianças, juntamente com os adolescentes de 12 a 15 anos de idade, que mais se apropriam dos espaços e equipamentos do clube do condomínio. Para os adolescentes dessa faixa etária, o clube tem usos e significados diferentes em relação às crianças com até cerca de 11 anos de idade. É importante salientar que afirmações relacionadas a faixas etárias possuem uma linha tênue. Esse dado apenas aponta que a maioria das crianças com até 11 anos de idade fazem um uso específico em relação aos espaços do clube, reforçado por um modelo de ludicidade baseado no lazer e no brincar aos finais de semana, das 11:00 horas da manhã às 18:00 horas da noite. Enquanto os chamados adolescentes utilizam o espaço para ir para a academia durante o dia e para momentos de lazer com os amigos do condomínio no período da noite.

As formas de uso e apropriação dos espaços pelas crianças acontecem de maneiras distintas em períodos de aulas e férias, assim como durante os dias da semana, de segunda a sexta, e aos sábados, domingos e feriados. Exploro com mais intensidade essas formas de uso e apropriação dos espaços, envolvidos na configuração de uma *infância plena*, no capítulo 03.

Assim, antes, apresento no capítulo 02 uma discussão sobre a infância enquanto objeto de análise sociológica. Além de trazer os principais marcos teóricos que contribuíram para a construção de um campo de estudo que ainda busca se estabelecer no Brasil, apresento o esboço de uma discussão metodológica para pesquisa com crianças; inspirada em leituras diversas e, principalmente, partindo da minha experiência de campo.

CAPÍTULO 2

O UNIVERSO DA INFÂNCIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Contrariamente à proclamada “morte da infância”, o que a contemporaneidade tem aportado é a pluralização dos modos de ser criança. (SARMENTO, 2004, p. 09)

... kids are deserving of study as kids. (CORSARO, 1997, p. 95).

Os estudos sobre grupos etários ou geracionais têm aumentado de forma significativa no campo das ciências sociais nos últimos anos. A *juventude* é o tema que aparece em maior número nesses estudos, mas a *infância* e a *velhice* aos poucos também se estabelecem como uma vertente investigativa importante para as ciências sociais.

Sejam os estudos sobre juventude, infância ou velhice, todos se apresentam como uma tentativa de compreender experiências e interpretações de diferentes grupos etários em universos culturais singulares, e, mais ainda, de apreender sobre distintos modos de compreensão da realidade. Isso pode ser constatado quando se entende que estudar um grupo etário – como a infância, a juventude ou velhice – implica em perceber formas de pertencimento, de situar-se no mundo. Para isso, segundo Velho (2006), é necessário entender maneiras de ser jovem, de ser velho e de ser criança.

As pesquisas sobre as crianças e a condição da(s) infância(s) são recentes. Atualmente, podemos perceber até certo fascínio acadêmico por esse tema nas ciências humanas. Mas

quando começaram a surgir essas pesquisas que abordam a criança e o universo da infância? Por que surgiram? Afinal, por que ouvir as crianças? Como a Sociologia da Infância responde a essas questões? O que podemos chamar de infância? E qual “papel” tem sido atribuído a criança nesse universo infantil?

Apresento neste capítulo uma discussão sobre essas e outras questões. Inspirada em textos de historiadores, educadores, filósofos, antropólogos e sociólogos, essa reflexão está para além da noção que define a infância como a época do crescimento compreendida entre o período do nascimento até a puberdade, apenas enquanto etapa da educação e da instrução. A infância é, antes de uma etapa, uma condição da experiência humana (AGAMBEN, 2005).

2.1. Sobre o processo de socialização

[...] as crianças são atores sociais, participam das trocas, das interações, dos processos de ajustamento constantes que animam, perpetuam e transformam a sociedade. As crianças têm uma vida cotidiana, cuja análise não se reduz à das instituições.

(Mollo-Bouvier, 1994 apud SIROTA, 2001, p.10)

As concepções teóricas clássicas sobre a temática da socialização contribuíram de maneira significativa para o desinteresse dos cientistas sociais em relação às crianças. Em grande parte dessas teorias, a condição da criança é a de um ser socialmente incompleto que somente através de um *processo de socialização* se torna um ser social, ou seja, o adulto plenamente socializado.

...ela [a infância] apresenta ao educador não um ser formado, não uma obra realizada e um produto acabado, mas um devir; um começo de ser, uma pessoa em vias de formação. Não importa que período da infância consideremos, sempre nos encontramos em presença de uma inteligência tão fraca, tão frágil, tão recentemente formada, de constituição tão delicada, com faculdades tão limitadas e exercendo-se por um tal milagre que quando pensamos nisso tudo, não há como não se temer por essa esplêndida e frágil máquina. A condição a ser criada parece se localizar no oposto daquilo que nos é dado como ponto de partida. (DURKHEIM & BOUISSON (1911) Apud SIROTA, 2001, p.09)

É nesse eixo que a educação vai ocupar um papel fundamental na teoria do sociólogo francês. Para Durkheim, o ser social é produto da educação: “a sociedade é uma consciência coletiva que precisa ser introduzida dentro da alma da criança” (DURKHEIM, 1963: 236). A socialização é o desenvolvimento da consciência coletiva, é o processo pelo qual o indivíduo aprende os sistemas de idéias, sentimentos e hábitos de uma determinada sociedade ou grupo social com a finalidade de funcionar dentro dela. Esse processo se funda a partir da interiorização da cultura na qual a criança cresce, essa interiorização assume forma a partir da educação, instrumento fundamental para reforçar a unidade social. Durkheim define educação como uma

[...] ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM & BOUISSON (1911) Apud SIROTA, 2001, p.09)

O processo de socialização, do ponto de vista da educação durkheimiana, é entendido como a assimilação da cultura, ou seja, é um processo contínuo capaz de atribuir ao indivíduo

uma identidade social que assinala seu pertencimento a um grupo, a partir da atribuição de uma língua, por exemplo. A socialização, então, pode ser entendida como a assimilação de idéias e valores estabelecidos coletivamente e a identificação de papéis e de comportamentos socialmente desejáveis ou esperados.

Refletir sobre processos de socialização é também compreender o conjunto de fatores que compõem os mecanismos de construção de uma “identidade” social do indivíduo na atualidade. A contemporaneidade traz novos elementos para compreendê-la por conta do “surgimento de outras instâncias que compartilham a responsabilidade na formação da subjetividade e das representações dos indivíduos” (SETTON, 2003: 335). Ou seja, além da família e da escola, instituições clássicas nos estudos que abordam a temática da socialização, insere-se atualmente o papel dos meios de comunicação na socialização das crianças bem como dos instrumentos tecnológicos como a *Internet*, rede virtual de interação social que tem um papel cada vez mais significativo na socialização, e sociabilidade, das gerações atuais.

William Corsaro (1997), sociólogo americano, um dos principais representantes da Sociologia da Infância mundial, nos anuncia alguns elementos que trazem uma nova luz sobre a temática da socialização. Segundo Montandon (2001), o autor apresenta uma perspectiva interpretativa³⁷ e construtivista para refletir sobre a socialização das crianças.

Segundo essa abordagem, a socialização das crianças não é uma questão de adaptação nem de interiorização, mas um processo de apropriação, de inovação e de reprodução. Interessando-se pelo ponto de vista das crianças, pelas questões que elas se colocam, pelas significações que elas atribuem, individual e coletivamente, ao mundo que as rodeia, descobre-se como isso

³⁷ Segundo Montandon (2001), “os pesquisadores que adotam a abordagem interpretativa reivindicam com maior frequência os métodos etnográficos e etnometodológicos com objetivo de compreender o ponto de vista das crianças” (p.11).

contribui para a produção e a transformação da cultura dos grupos de pares, assim como da cultura adulta. (p. 11)

Esse outro olhar sobre a problemática da socialização, apresenta a capacidade (re)criadora e participativa da criança através de “suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças” (CORSARO, 2007: 01), incorporando a essa idéia o fato das crianças estarem inseridas em um contexto de reprodução cultural, ou seja, “as crianças e as infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros” (Ibid., p. 03). Ou seja, trata-se de pensar um processo de socialização que é marcado pelos elementos socioculturais que afetam a criança, caracterizando a sua condição de indivíduo que integra uma sociedade específica, assim como, essa mesma sociedade é afetada em seus aspectos sociais e culturais através da capacidade interpretativa da criança, que não só reproduz como também produz e adiciona novos elementos à sociedade na qual está inserida.

Partindo dessa reflexão inicial, que implica em aceitar que as crianças não são meros espectadores que treinam para a vida adulta, trago a seguir as principais correntes teóricas e algumas pesquisas recentes que pensam a participação da criança na sociedade, a partir de uma reflexão sobre a(s) infância(s) e as crianças.

2.2. Sobre a infância enquanto objeto de análise sociológica

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. (SARMENTO, 2004: 10).

Você não entende porque você é grande...

Menina, 05 anos, explicando por que a “tia” não havia entendido seu desenho.

A idéia de infância enquanto construção sociohistórica se reforça na obra do historiador francês Phillipe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (1973), cuja tese central aponta que a infância não é algo natural e universal, mas uma construção sociohistórica exposta a mudanças e variações que devem ser abordadas pelo pesquisador. Ariès nos instiga a pensar, antes, uma compreensão do vir-a-ser criança dadas as implicações socioeconômicas e culturais do período em que se realiza a pesquisa, para a partir daí entender a criança no caso específico em que se trabalha. Ou seja, o que significa ser criança para diferentes culturas, sociedades e condições de classe?

A grande contribuição do historiador se refere também a uma reflexão sobre a construção histórica do que ele chama de um *sentimento da infância*. Ariès afirma que esse sentimento não está relacionado ao aspecto do cuidado, ou seja,

O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo do jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 1981: 99).

A construção de uma sensibilidade em torno da criança instaura o universo infantil. O surgimento dessa sensibilidade é um dos fatores constitutivos da cisão mundo infantil / mundo adulto, pois é a partir do estabelecimento de um lugar para a criança que, evidentemente, ela não mais poderá fazer parte do “mundo adulto”, o quê, segundo o historiador, acontecia na sociedade medieval, quando a criança era devidamente incorporada à convivência com os adultos. “Assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (Ibid., p. 99). Ou seja, o sentimento da infância é uma elaboração sociohistórica sobre a particularidade da infância em relação ao mundo adulto, que estabelece uma ruptura entre dois contextos de experiências sociais.

O historiador francês apresenta duas versões para a construção de um sentimento da infância. Uma versão positiva e outra negativa – que surgiu no fim do século XVI e, sobretudo no século XVII na Europa. A primeira é baseada no reconhecimento da infância, pautada no cuidado e afeição, que pode ser percebido como o sentimento positivo. O outro é baseado na crítica e reação a forma “papurizada” de tratar a criança, a papurização, definida por Ariès como o sentimento negativo.

Por exemplo, Montaigne “não admite a idéia de se amar as crianças 'como passatempo, como se fossem macacos', nem de se achar graça em 'seus sapateados, brincadeiras e bobagens pueris'” (Ibid., p.101).

Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente. (Montaigne apud ARIÈS, 1981, p.101)

É possível perceber que a construção de um *sentimento da infância* ou a idéia sobre aquilo que chamamos de infância, pode ser constantemente reformulada tanto pelo contexto histórico quanto pelo grupo de indivíduos que a concebe. Por exemplo, no Brasil os sentimentos sobre a infância são distintos em relação à criança pobre, negra, “de rua” e a criança rica, branca, “moradora de condomínio de luxo”. Takeuti (2002) destaca que no imaginário social brasileiro *menor não é criança*; “basta ser uma criança pobre da periferia para ser transformada em ameaça potencial ao bem estar social” (p.177). Ou seja, é inegável o estigma que se projeta em “crianças de ruas” e em “menores delinquentes”, e isso só ressalta o quão complexo é entender as infâncias e os sentimentos decorrentes destas.

Diante da complexidade da construção social da infância, é essencial traçar duas questões para esboçar melhor um contexto teórico que se insere nos estudos das crianças: o que *infância* quer dizer? E o que pode ser a *criança*?

Contrária a premissa sobre o “desaparecimento da infância” apresentada por Neil Postman (2005)³⁸, as análises de grande parte de sociólogos e antropólogos da criança têm apresentado reinvenções da infância frente às significativas transformações sociais ocorridas no mundo contemporâneo. Contra as análises que anunciam a “morte da infância”³⁹, esses estudiosos tem se perguntado qual o lugar que a contemporaneidade reserva para a criança e, desse lugar que ela ocupa, como as crianças vêm construindo suas interações, na edificação dos seus modos de vida (SARMENTO, 2004).

³⁸ Cf. POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 2005

³⁹ Essas premissas se baseam justamente na naturalização de um universo infantil caracterizado principalmente pela inocência e pela ludicidade, características que, para esta vertente, têm desaparecido do universo infantil contemporâneo. No entanto, é importante apontar que a inocência e a ludicidade caracterizam apenas algumas infâncias em contextos históricos e sociais específicos.

No mundo contemporâneo a infância é freqüentemente definida como a época do crescimento compreendida entre o período do nascimento até a puberdade, representando o momento da educação e instrução. É tratada também como o período sujeitado àqueles que não tem a palavra, segundo a origem etimológica – *in-fans*, aquele que não tem fala. A infância, nesse sentido, é expressa negativamente por um “déficit, criança é o que não fala (infans), o que não tem luz (a-luno), o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não tem responsabilidade parental ou judicial, o que carece de razão, etc.” (SARMENTO, 2002: 53).

Os principais instrumentos analíticos para uma sociologia da infância surgem exatamente a partir da oposição a uma idéia de infância que esvazia da criança sua capacidade de engendrar dinâmicas sociais. Ou seja, uma nova noção sobre a infância não pensa a criança como um simples sujeito da sociedade que se movimenta ao seu redor, mas sim, como um agente capaz de produzir um sentido outro ao mundo que está inserido. É principalmente por negar uma infância enquanto “simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições, que vão surgir e se fixar os primeiros elementos de uma sociologia da infância” (SIROTA, 2001, p.09).

Sarmento (2002) aponta que as crianças são capazes de “construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de acção intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e acção” (p.54). É nesse sentido que o sociólogo propõe uma reflexão sobre as culturas infantis.

[...] as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (Ibid., p.04)

Assim, Sarmiento (2002) propõe o lugar da criança na produção cultural, que de um lado se estabelece a partir das formas culturais produzidas para as crianças e do outro, nas formas culturais produzidas pelas crianças.

No livro *Vozes do meio fio* (SILVA & MILITO, 1995) Hélio Silva & Cláudia Milito mergulham no universo de crianças e jovens que vivem em determinados bairros da cidade do Rio de Janeiro. A intenção maior da pesquisa é discutir sobre a realidade desses meninos e meninas de rua. Através de uma rica pesquisa antropológica mostram como estes constroem suas relações com o espaço público da cidade. A idéia de “menor abandonado”, propagada pelo senso comum e pela mídia, se mostra vaga e imprecisa para tratar dessas crianças; que possuem família, mas mostram outras formas de relações familiares, baseadas em alternativas de viver, e muitas vezes de morar, que estão fora do domínio doméstico comum. Os autores mostram que essas crianças compõem “redes de apoio mútuo e de pares que, sob o comando de uma liderança, apossam-se de um espaço...” (SILVA & MILITO, 1995, p.29). A rua, comumente caracterizada como espaço da carência afetiva, social e econômica, é experimentada por esses “menores” como um espaço territorializado onde engendram uma “recomposição familiar”. O texto anuncia a possibilidade de pensar a infância para além do papel das instituições socializadoras, ou seja, concentra a análise na criança, a partir da

construção de seus próprios espaços de sociabilidade e de uma rede familiar (re)composta a partir de sua vivência na rua.

De maneira semelhante Maria Filomena Gregori nos fala da *experiência de meninos de rua*, mas agora em São Paulo. O livro, *Viração: experiência de meninos de ruas* (2000), ressalta a posição atuante das crianças que vivem nas ruas da cidade, considerando ser “especialmente importante evitar explicações causais e buscar compreender as experiências e o universo material e simbólico em que elas estão imersas” (GREGORI, 2000, p.18). Nessa pesquisa etnográfica, a autora nos mostra como essas crianças que pertencem a rua, ou que tem esse espaço como palco de suas principais experiências – o que geralmente remete a uma idéia de “menor abandonado”, “delinqüente” ou “criança em situação de risco” – têm um papel ativo na constituição de suas relações sociais, como também na elaboração de uma identidade de si e do grupo com quem compartilham suas experiências.

Por essa pesquisa, vê-se que essas crianças engajam-se ativamente na constituição de laços afetivos e de relações sociais em todos os espaços pelos quais circulam. Isso inclui desde a constituição de “agrupamentos” de composição diversa e particular – mas que obedecem a códigos e regras e estabelecem para si um local definido e definidor –, passando pela família e as instituições – nas quais buscam alguns recursos e que freqüentemente usam como “bases” para depositar documentos, por exemplo –, até os outros atores da realidade urbana em que se inserem. Mais: não sendo, em termos absolutos, nem vítimas nem algozes, fazem, no entanto, uso dessas imagens estereotipadas para estabelecer um discurso que funda uma identidade tão fluida como é sua circulação. (COHN, 2005:33).

Ao propor uma antropologia da criança, Clarice Cohn estabelece os limites e as possibilidades para se pensar a infância no contexto das ciências sociais. Para a antropóloga, o desafio maior é “reconhecer na criança um objeto legítimo de estudo”. Para isso, é necessário

ver as crianças sob um novo ângulo e não mais como “seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social” (COHN, 2005: p.21). Uma nova percepção sobre a(s) infância(s) é aquela que reconhece a criança como ator social, capaz de ter um papel ativo na definição de sua própria condição. Segundo Cohn (2005), reconhecer esse papel ativo da criança é aceitar que ela “não é um 'adulto em miniatura', ou alguém que treina para a vida adulta”. Ou seja, é assumir que “onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações” (p.28). Para além da atividade socializadora, inegável na constituição de cada indivíduo, é necessário acrescentar que *a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia.*

Regine Sirota (2001), em seu texto *L'Émergence d'une sociologie de l'enfance: évolution de l'objet, évolution du regard*, apresenta um panorama geral dos estudos e teorias da infância no mundo, mostrando seus avanços a partir do início das pesquisas com crianças, que surge primeiramente através das investigações mais voltadas para a temática da sociologia da educação ou mesmo da pedagogia. A discussão principal gira em torno do que já foi contemplado anteriormente neste texto – a construção social do conceito de infância e o papel ativo das crianças em seus contextos e dinâmicas sociais. Contudo, a pesquisadora traz alguns pontos conclusivos que, frente a essa emergência de uma sociologia da infância, parecem ser tomados como ponto de partida convergente entre os estudiosos da área, tanto na literatura inglesa e francesa quanto na brasileira. Quais sejam:

- 1- o universo da infância é uma construção sociohistórica,
- 2- deve ser “considerada não simplesmente como um momento precursor, mas como um componente da cultura e da sociedade” (JAVEAU, 1994 apud SIROTA, 2001, p.19),
- 3- “as crianças devem ser consideradas como atores em sentido pleno e não simplesmente como seres em devir” e
- 4- “a infância é uma variável da análise sociológica que se deve considerar em sentido pleno” (OVORTRUP, 1994 apud SIROTA, 2001, p.19), ou seja, deve-se estabelecer as relativas conexões “às variáveis clássicas como a classe social, o gênero, ou o pertencimento étnico”.

Diante dessas considerações, acredito ser importante apontar duas questões que aparecem de maneira enfática em textos e pesquisas com crianças. A primeira se refere à uma expressão recorrente nos textos que tratam da condição da criança no universo social – *pensar a criança como ator em sentido pleno* é uma reivindicação constante. Não pretendo adentrar nos pormenores da discussão teórica sobre a respectiva afirmação, apenas me proponho a refletir brevemente sobre as implicações sociológicas de tal pressuposto. Acredito que a categoria *ator social* engendra uma idéia de assujeitamento da criança em relação ao mundo, na medida em que esta sociedade adulta lhe oferece um papel dentro de um repertório de práticas pré-estabelecidas. Ou seja, a criança deve cumprir o que for requerido na definição de um papel prescrito pelo sistema social. No entanto, ao contrário de apontar ou enquadrar a criança em uma categoria social como: sujeito, ator, indivíduo; opto, no momento, por pensar a criança como *criança*, ou mesmo *agente* no sentido de Bourdieu (1996), aquele capaz de reelaborar sua experiência social a partir de uma percepção sobre o mundo.

A *cultura infantil* é a segunda questão que gostaria de explorar de maneira breve, pois ela se refere ao outro pressuposto presente em alguns textos. Segundo Sarmiento (2004), a *cultura infantil* implica em um “reconhecimento da capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados” (p. 20). A questão central não é apenas o fato das crianças supostamente produzirem significações culturais autônomas, mas em que medida essas significações se estruturam e se consolidam em sistemas simbólicos padronizados, ainda que dinâmicos e heterogêneos (SARMENTO, 2004). O debate sobre uma pretensa autonomia das crianças na construção de culturas infantis é um tema instigante entre os autores.

Estudos sociológicos da infância têm sustentado a autonomia das formas culturais da infância (Denzin, 1977; Corsaro, 1997; James e Prout, 1998; Prout, 2000). Essas formas culturais radicam e desenvolvem-se em modos específicos de comunicação intrageracional e intergeracional. Sem prejuízo da análise dos factores psicológicos e das dimensões cognitivas e desenvolvimentais que presidem à formação do pensamento das crianças, as culturas da infância possuem, antes de mais, dimensões relacionais, constituem-se nas interações de pares e das crianças com os adultos, estruturando-se nessas relações formas e conteúdos representacionais distintos. (SARMENTO, 2004: 12).

Sarmiento (2004) ressalta que esses autores têm sustentado uma autonomia das crianças no conjunto de suas práticas sociais. Esse debate reforça o suposto carácter “universal” das culturas infantis, ou seja, identificam-se traços próprios das culturas infantis que ultrapassam os limites da inserção local de cada criança. O autor português apresenta, então, os quatro eixos estruturadores das culturas da infância: a interactividade (o conjunto vasto e heterogêneo de suas relações), a ludicidade (o brincar), a fantasia do real (“o mundo do faz de conta” na sua visão do mundo e significações) e a reiteração (seu tempo é recursivo). Entretanto,

acredito que tais hipóteses são passíveis de uma intensa discussão, por isso, é importante traçar alguns limites para essas afirmações.

Concordando com a antropóloga Clarice Cohn (2005), também acredito que as crianças

[...] não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada; digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com adultos. Negá-lo seria ir de um extremo ao outro. (p. 35, grifo meu).

Dessa maneira, penso que reivindicar uma suposta natureza infantil ou características universalizantes de uma cultura infantil não é o melhor caminho. Acredito que o esforço na pesquisa com crianças deve se concentrar em compreender a criança como “fazedoras e transgressoras de culturas, com modos instigantes, próprios e indagadores de resignificar a vida” (VASCONCELLOS, 2007: 13).

Através do apanhado de leituras que realizei para tentar compreender de maneira satisfatória esse “novo” universo de pesquisa, é possível arriscar algumas contribuições para esse campo de investigação. Por isso, em seguida, apresento uma continuidade dessas reflexões teóricas dialogando com esses e outros autores. Além disso, destaco a importância de uma *observação sensível* na pesquisa com crianças.

2.3. Apontamentos teóricos e metodológicos para pensar a criança e a(s) infância(s): outros olhares sobre esse campo

[...] que nós nos relacionemos com a criança através de um momento de construção, da recuperação da tessitura de uma “experiência vivida”, ou da prática “narrativa”, nos termos benjaminianos; que a constituição desta relação seja plena de sentidos, para todos os envolvidos, que esteja fundada não na posse imobilizadora de uma única verdade, mas na troca de visões de mundo e de sensibilidades (GALZERANI, 2002, p.65).

2.3.1 Pensar a criança

A vida é um “vir a ser” permanente. Acredito que essa consideração não pode ser deixada de lado quando tratamos de pesquisas com/sobre crianças. Ainda que ela fale mais sobre nós adultos, que numa visão adultocêntrica julgamos sermos os detentores da completude social, cultural e biológica. Ela é o ponto de partida para desconstrução dessa visão adultocêntrica que reduz as crianças a meros expectadores, ao mesmo tempo em que projetam uma concepção “infantilizada” desta etapa da vida.

Reforçando o pressuposto de Agamben (2005), a infância é uma condição da experiência humana. No entanto, essa experiência não deve ser percebida do ponto de vista cronológico, isto é, quanto maior a idade da vida, maior a experiência. Sua medida é a experiência vivida sim, mas que é emoldurada por uma realidade social específica. Ou seja, uma criança de 06 anos em determinadas circunstâncias de socialização e sociabilidade, possivelmente não compartilha de um mesmo processo de experiência social que outras crianças de 06 anos compartilhariam. É o caso, por exemplo, de algumas crianças moradoras

de favelas espalhadas pelo Brasil, que trabalham, ou mesmo apenas têm um contato direto ou indireto com a criminalidade. Certamente essas crianças possuem uma experiência social distinta em relação às crianças do campo que trabalham em lavouras, assim como em relação às crianças moradoras de condomínios fechados de luxo.

Inspirado em Deleuze, o filósofo Walter Kohan nos apresenta duas infâncias:

Uma é a infância majoritária, a da continuidade cronológica, da história, das etapas do desenvolvimento, das maiorias e dos efeitos; é a infância que, pelo menos desde Platão, se educa conforme um modelo. Essa infância segue o tempo da progressão seqüencial: seremos primeiro bebês, depois, crianças, adolescentes, jovens, adultos, velhos. Ela ocupa uma série de espaços molares: as políticas públicas, os estatutos, os parâmetros da educação infantil, as escolas, os conselhos tutelares. Existe também uma outra infância, que habita outra temporalidade, outras linhas, a infância minoritária. Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que interrompe a história, que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes: “a criança-autista”, “o aluno nota dez”, “o menino violento”. É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair do “seu” lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados. (KOHAN, 2003: p.12, grifos meus).

É dessa maneira que também proponho pensar a criança; mais enquanto potência⁴⁰ criadora, do que reprodutora. A criança não é simplesmente uma tabula rasa, no sentido lockeano, uma folha de papel em branco, ou mesmo uma simples marionete no mundo que treina para a vida adulta. “As crianças não sabem menos, sabem outras coisas” (COHN, 2005: 33).

⁴⁰ Segundo Deleuze, a potência define todos os seres. Todo indivíduo é um grau de potência singular definido pela capacidade de afetar e ser afetado. O que define essa criação, ao invés de reprodução, são os “bons encontros”, que incitam e estimulam a ação e o pensamento. Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

Essa concepção sobre a criança fala mais de produção e menos de reprodução. Contudo, não é possível deixar de considerar o fato desse universo infantil ser construído dentro de um contexto social amplo. No entanto, o mais importante é compreender como as crianças em condições sociais diversas interpretam e (re)significam os sentidos sobre mundo que lhes cercam.

2.3.2. Compreender o universo das crianças

Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Quero com isso dizer que não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo. (BASTIDE, 1979, p.154, grifo meu).

Ao prefaciar o texto de Florestan Fernandes (1979) “As trocinhas do Bom Retiro”, o antropólogo francês Roger Bastide enfatiza enquanto estratégia metodológica a necessidade de uma imersão no universo infantil, já que em alguns contextos a distinção mundo adulto / infantil é claramente percebida e inevitável.

Vários autores têm mostrado a importância do método etnográfico para a pesquisa com crianças, pois é através de uma participação em seu cotidiano que é possível compreender seu ponto de vista. Ou seja, a idéia é fazer pesquisas com as crianças e não sobre as crianças. O que dizem os pais sobre suas crianças, bem como o que dizem outras instituições, apenas ilustram idéias sobre as crianças, o que elas devem ou não ser e/ou fazer. No entanto, mais importante, é compreender como as crianças realizam suas relações, como elas se situam no

mundo. Mais importante do que entender o lugar destinado as crianças no mundo contemporâneo, é compreender o lugar que elas, as crianças, ocupam na sociedade e as maneiras como elas se situam nesses “lugares”, na medida em que as crianças muitas vezes subvertem esses lugares, (re)significam e realocam-se. Assim, é necessário também para nós, pesquisadores das crianças,

[...] subverter o lugar tradicionalmente delegado à criança, não por uma condescendência gentil com os mais novos, mas por que nos interessa resgatar a condição de estranhamento inerente ao confronto com o outro como condição tanto do diálogo como da produção do conhecimento. (SOUZA, 2005: 14)

Diante dessa constatação, a observação participante, enquanto recurso etnográfico que possibilita ao antropólogo uma maior aproximação com o universo pesquisado, pode ser um importante instrumento de investigação. Entretanto, “fazer pesquisa etnográfica com crianças pequenas envolve um certo número de desafios, uma vez que os adultos são percebidos como poderosos e controladores de suas vidas” (CORSARO, 2005: 443).

Qualquer pesquisa que tem como principal interlocutor a criança enfrenta certas limitações e dificuldades. Por exemplo, uma simples entrevista gravada, que quase sempre funciona muito bem com adultos, não é suficiente para entender o ponto de vista de algumas crianças, que muitas vezes limitam suas respostas em “sim” ou “não”. Minha experiência de pesquisa apontou algo que Corsaro (2005) já anunciava ao estudar crianças pequenas (entre 03 e 06 anos), “os adultos querem iniciar conversas com crianças, mas não se sentem à vontade com as respostas mínimas das crianças e sua tolerância para o que (para os adultos) parecem

ser longos silêncios” (p. 448). Por isso, aliado a esses momentos de *quase conversas* acredito ser importante vivenciar uma *observação sensível*.

A *observação sensível* possibilita ao pesquisador mergulhar no universo infantil estudado, frente aos limites e as possibilidades de se alcançar uma proximidade máxima com as crianças. Certamente, infringimos um fator irreversível, o tamanho físico bem maior em relação aos pequenos. Porém, isso pode ser parcialmente contornado se nos entregarmos às múltiplas expressividades presentes no grupo de crianças pesquisadas. No meu caso específico a expressão predominante foi a brincadeira. Qualquer hesitação em subir uma árvore ou pular um muro era motivo de diferenciação e, o mais grave, desconfiança. Entrar no jogo, literalmente, foi de fundamental importância para que as crianças aceitassem aquela pessoa grande com quem brincam.

Alguns aspectos da relação que estabeleci com as crianças no decorrer da pesquisa de campo foram inspirados nas experiências etnográficas realizadas com crianças pequenas e apresentadas por William Corsaro em seu texto *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas* (2005).

Diante das minhas leituras e da experiência de pesquisa, acredito que o papel atribuído à etnografia na pesquisa com crianças tem como principal objetivo, por um lado, viabilizar a participação do pesquisador no universo infantil estudado, e por outro, promover uma documentação dessa participação em um diário de campo; tal participação pode ser plena, em

certa medida, ou apenas periférica⁴¹. No entanto, para fazer pesquisa com crianças é necessário ser aceito⁴².

O processo de entrada no campo é crucial na etnografia com crianças, uma vez que seu objetivo central, enquanto método interpretativo, é entender o ponto de vista das crianças através de uma perspectiva de dentro (CORSARO, 2005). Entretanto, como as crianças vão receber, aceitar e interagir com um adulto desconhecido que de maneira abrupta começa a fazer parte de certos momentos da sua vida, é um grande desafio para o pesquisador, já que qualquer “deslize” pode colocar o andamento da pesquisa em risco.

Concordando com Dermatini (2002), acredito que a sensibilidade pode, ou mesmo deve, ser uma importante via de informação e aceitação. Minha experiência de pesquisa com crianças, tanto o processo de aceitação quanto minha participação, reafirmaram essa possibilidade. Também na visão de Souza (1996) é possível entender o ponto de vista das crianças, os modos como elas se organizam, suas relações sociais, suas respostas, suas resistências aos limites temporais e espaciais do mundo adulto, quando redescobrimos nossas experiências sensíveis, o que significa (re)aprender a ver aquilo que não percebemos de imediato.

Ao estudar a feitiçaria na região do Bocage francês, a antropóloga francesa Favret-Saada (2005) destaca que a dimensão da sensibilidade, enquanto modalidade de *ser afetado*, está para além da prática antropológica clássica chamada *observação participante* ou de certa

⁴¹ O grau e a natureza da participação variam em função do contexto e do momento da pesquisa de campo.

⁴² Principalmente pelas crianças, já que os pais também precisam concordar com a pesquisa. Cf. KRAMER, Sonia. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças in In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº116, p. 41-59, julho, 2002.

empatia pelos pesquisados. *Ser afetado*, o que aqui aproximo de uma *observação sensível*, significa deixar se envolver – sem qualquer distanciamento – pelas sensações, percepções e pensamentos das crianças: experimentando as intensidades ligadas ao “lugar” que elas ocupam na sociedade e em suas condições sociais específicas. Mais do que isso, possibilita ao pesquisador experimentar as dimensões das fantasias e brincadeiras das crianças.

Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo a um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los. (FAVRET-SAADA, 2005: 159).

Ainda para a antropóloga, esse “método” também implica em uma abertura maior para um diálogo específico com o pesquisado, em uma “comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (p.159).

2.3.3. Notas para uma observação sensível na pesquisa com crianças

Acredito que narrar minha experiência etnográfica com as crianças moradoras de um condomínio fechado de luxo na cidade de Campinas pode explicar melhor o que pode ser uma *observação sensível* na pesquisa com crianças, ou mesmo aquilo que acredito (e/ou aprendi) que seja fazer etnografia *sensível* com crianças.

Como disse anteriormente, talvez esse seja o “método” capaz de capturar um ponto de vista tão peculiar. No caso, optei por tentar interagir tanto quanto fosse possível por entender que dessa maneira poderia ser aceita pelas crianças, conquistar sua confiança e através dessa participação em seus momentos de lazer, e de um envolvimento em suas atividades lúdicas, realizar uma coleta de dados espontânea, não intencional. Mais do que capturar um ponto de vista, tentei, em certa medida, vivenciar esse ponto de vista. No entanto, encontrava-me ali (quase) como intrusa simplesmente para obter o que fosse possível dessas crianças para responder minhas indagações sociológicas sobre o fenômeno da *infância entre muros*. A princípio, era uma angústia, talvez compartilhada por vários outros pesquisadores que se aventuram na observação participante. No entanto, essa posição desconfortável foi se extinguindo aos poucos. Primeiro quando decidi falar da pesquisa para as crianças e deixar que elas, e não os pais ou tios de lazer, decidissem conversar comigo quando, onde e como desejassem. Foi também a partir desse momento que comecei a construir minha participação nesse universo, estabelecendo uma *observação sensível*.

Nessa perspectiva visualizei a possibilidade da troca de sensibilidades e visões de mundo, não superficialmente enquanto adultos e crianças, mas como indivíduos singulares que compartilham um universo lúdico de formas diferentes. Ou seja, participar daquele universo lúdico não significava tornar-se criança (o que alguns acreditam ser possível), mas engendrar relações de sentidos ⁴³.

Estava lá para ser uma delas tanto quanto podia, mas tinha um entendimento sobre a impossibilidade de experimentar esse ponto de vista de maneira plena. A princípio, observei-

⁴³ Cf. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana* [online]. 2002, v. 8, n. 1, pp. 113-148.

as de “fora”, passei a frequentar seus momentos de recreação, mas sem qualquer envolvimento nas brincadeiras e conversas. Os primeiros encontros foram marcados pela curiosidade que minha presença despertava nas crianças. Todas queriam saber se eu era uma “nova tia” ou uma “estagiária”, pois elas perceberam que eu apenas observava as brincadeiras e suas conversas, mas não me envolvia. Aos poucos fui me aproximando e explicando o motivo da minha presença, que já era freqüente aos finais de semana. Não posso precisar a ocasião exata em que passei a brincar com as crianças e os tios, mas foi a partir desse momento que pude me (re)aproximar desse universo de forma mais intensa. Somente nesse momento passei a realizar entrevistas e algumas dinâmicas que considerei importantes. Ainda assim, destaco que os momentos das brincadeiras e conversas entre essas brincadeiras, trazem dados que uma coleta não-espontânea, como uma entrevista, não apresenta. Acredito que as entrevistas complementam e esclarecem algumas questões observadas durante a pesquisa, mas quase nada dizem sobre as crianças quando não estão aliadas aos momentos espontâneos proporcionados por uma *observação sensível*.

Em suma, ancorada naquilo que realizei em campo e na leitura de outros trabalhos, posso traçar três limites sobre a natureza da participação⁴⁴ na pesquisa com crianças. Esse envolvimento pode ser *pleno*, *restrito* ou *periférico*.

Sobre a participação plena. Para uma participação plena é necessário uma completa aceitação das crianças em seu mundo. Entendo que uma aceitação completa é possível, mas

⁴⁴ Também Cf. CORSARO, William. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas in *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, maio/ago, 2005.

uma participação plena se sustenta somente enquanto ideal. Ela pode ser uma referência ao pesquisador, mas uma meta impossível de se alcançar.

Sobre a participação restrita. Sua base é a possibilidade de entender o ponto de vista da criança participando de seu universo, seja ele qual for. Entretanto, por questões óbvias, como o tamanho físico, essa participação se restringe a ser aquela pessoa grande com quem as crianças brincam e interagem. Também é desejável uma aceitação completa, se possível. Ela se diferencia das outras relações com os pais, as mães, os professores, etc., por não se sustentar em hierarquias de papéis ou de conhecimento. Mais do que participação, trata-se de uma relação, e sua força motora é a troca de visões de mundo e de sensibilidades.

Sobre a participação periférica. Essa participação pode ser realizada antes de uma relação restrita e não necessita de uma aceitação das crianças. Trata-se de uma aproximação prévia, percebendo-as e ouvindo-as de “fora”. O objetivo é mapear possíveis particularidades do grupo e só depois tentar uma aproximação, já tendo um conhecimento prévio sobre seu universo. Acredito que é de fundamental importância realizar essa proposta de participação, pois ela deve indicar os possíveis caminhos que a investigação pode tomar.

Dessa maneira, as experiências do brincar com as crianças e os diálogos que se desenrolam durante nossas brincadeiras apresentam os aspectos fundamentais das informações recolhidas durante a pesquisa de campo. É através dessa minha iniciação à *observação sensível* – desde a minha participação em uma simples brincadeira à formulação de desenhos e histórias pelas crianças (também com minha “participação”) – que vou apresentar, nessa dissertação, o repertório de discursos e práticas de um grupo de crianças em relação à(s) cidade(s), frente a sua condição de moradoras de condomínios fechados de luxo.

CAPÍTULO 3

A INFÂNCIA ENTRE MUROS

Ao inventar a infância, a modernidade cria a idade de ouro de cada indivíduo. Fase em que a vida será perfeita, protegida e tranqüila, antes de ser tomada pelas exigências do trabalho. Época ideal de nossas vidas, em que ser criança é não ter qualquer outro compromisso que vá além do gozo puro e simples de sua inocência.

(Trecho extraído do documentário *A invenção da Infância*, de Liliana Sulzbach, 2000)

Qual o lugar que essas crianças ocupam na problemática da segregação urbana? Essa é a questão que devo responder para apresentar sua participação no cotidiano dos condomínios fechados de luxo. Isso deve ser explicitado pois acredito que para apresentar esse ponto de vista peculiar é de fundamental importância compreender de qual infância estamos falando. Dessa maneira, é necessário apontar o que significa ser criança (para os adultos) neste contexto da *vida entre muros*.

Primeiro, é importante ressaltar que é atribuído a criança um papel fundamental quando os pais decidem morar em um condomínio fechado de luxo. Grande parte dos proprietários possui filhos pequenos ou muda-se para o condomínio imaginando o lugar onde seus futuros filhos possivelmente poderão experimentar uma *infância em liberdade*.

Era a chance de proporcionar tranqüilidade e segurança para meus filhos. Hoje, as crianças têm muito mais liberdade para brincar, dentro e fora de casa. Deixá-las ir para rua não é mais uma ameaça. (D. S., médico, 39 anos, morador)

Faz um ano meio que moramos aqui e não podíamos ter feito melhor escolha na hora de optar por um lugar para nosso filho Lucas de 2 aninhos crescer com toda a liberdade, sem precisar ficar trancado em casa. Eu saio para trabalhar e sei que minha esposa e meu filho estão em segurança. Não há coisa melhor do que ter essa tranqüilidade. (J.J., 36 anos, cirurgião-dentista, morador)

Em sua tese de doutorado a antropóloga Cristina Moura, através de uma pesquisa de cunho etnográfico em um condomínio fechado na cidade de Goiânia – cujo título é *Ilhas Urbanas: novas visões do paraíso* (2003) – percebe que o item segurança é o “menos citado espontaneamente” quando seus moradores são indagados sobre o motivo da mudança, sendo os itens “liberdade para os filhos” e “tranqüilidade” os mais mencionados (p.141).

Conforme aponta Andrade (2006),

Outra pesquisa também realizada nos condomínios de Goiânia mostra o papel secundário atribuído à segurança por seus moradores. Em primeiro lugar aparece “morar em casa”, seguido por “melhor lugar para criar os filhos”. É claro que a segurança proporcionada pelos condomínios é um pressuposto para se morar em casas e para um tipo diferente de vida para os filhos, mas não é colocada, pelos moradores, como fator preponderante. (p. 310).

A constatação não é diferente no condomínio fechado de Fortaleza, onde realizei minha pesquisa de graduação (2005-2006), nem no condomínio fechado de Campinas, campo onde concentro grande parte das reflexões deste texto. Tanto os pais quanto os idealizadores desses empreendimentos afirmam de maneira nostálgica a possibilidade de uma “infância plena” somente se protegida por muros. Os pais escolheram morar lá principalmente por vislumbrarem a possibilidade de seus filhos experimentarem aquilo que eles chamam de uma “infância de verdade”.

A concepção de infância idealizada por esses pais não é diferente daquela que o direito, a pedagogia, e mesmo o mundo contemporâneo preconiza. Para estes, infância significa tempo de brincar; momento, por excelência, da ludicidade e da aprendizagem. Também segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, toda criança tem “o direito à liberdade”; o quê, dentre outras coisas, significa poder brincar, divertir-se.

A infância entre muros apresenta o condomínio fechado de grande porte como lugar ideal para realização de uma “infância plena” frente aos problemas que a cidade contemporânea apresenta (violência urbana, poluição, insegurança, etc.). Protegida por muros (liberdade), cercadas de muito verde (saúde), espaço (lazer) e segurança (tranquilidade); para esses pais, é através desses elementos que seus filhos poderão viver essa etapa da vida de maneira “completa”.

Ao falar sobre o condomínio onde moram atualmente muitas crianças fazem referência à antiga residência.

Você gosta de morar aqui? Por quê?⁴⁵

Eu gosto de morar aqui porque tem bastante coisas legais, eu tenho bastante amigos aqui. (Menino, 10 anos, mora há quatro no condomínio)

Gosto. Porque eu tenho mais amigos. Eu morava em um condomínio de chácaras em Itatiba, lá eu não tinha amigos.

(Menina, 09 anos, há pouco mais de dois anos mora no condomínio)

Claro. Porque tem esporte e lá no outro condomínio eu não tinha.

(Menino, 08 anos, não sabe há quanto tempo mora no condomínio)

⁴⁵ Entrevista realizada em julho de 2008, Cf. Anexo 2 – Roteiro de entrevista com as crianças.

*Gosto. Ah.... eu não sei, meu pais vinheram pra cá eu era pequena ainda. Eu acho que eles gostaram daqui.
(Menina, 08 anos, não sabe exatamente há quanto tempo mora no condomínio)*

*Porque eu tenho um clube na frente de casa, é mais seguro do que uma rua normal, tem muito mais segurança, porque na rua normal você não tem alarme, guardas pra te proteger...
(Menino, 10 anos, mora há quase 5 anos no condomínio)*

Os pais trocaram suas residências em prédios verticais, com pouco ou nenhum espaço para as crianças brincarem, por residências em um condomínio horizontal de grande porte, ou seja, podem morar em casas com jardins, quintais, oferecer um clube com vários aparatos de lazer para seus filhos; tudo isso “muito bem vigiado e protegido”.

Além de serem figuras centrais na escolha dos pais pelos condomínios horizontais, as crianças também estão presentes em grande parte dos acontecimentos que importam ao cotidiano do condomínio. Na maioria das vezes essa presença não é somente física, ou seja, não se dá apenas através de sua presença nas festas e eventos do condomínio. As crianças também estão presentes em reuniões condominiais na voz dos pais e dos representantes da área residencial e do clube, pois a garantia de segurança, saúde e lazer dessas crianças têm um peso relevante nas decisões políticas da associação de moradores.

Não é difícil perceber que falamos de crianças cujos pais ou responsáveis legais possuem recursos financeiros favoráveis para o exercício de uma infância que tem como principais referências a ludicidade e o aprendizado. Diante desse quadro, é possível imaginar que essas crianças não possuem outra obrigação além de estudar e se divertir nos espaços do condomínio. No entanto, essa infância enquanto tempo de brincar também é caracterizada

pelas obrigações cotidianas que essas crianças devem cumprir ao longo da semana. Entre as crianças que estão na faixa etária de 07 a 11 anos, as obrigações cotidianas são concentradas em 01 curso de línguas ou informática, 01 esporte e 01 instrumento musical ou habilidade artística (como pintura), no mínimo. Algumas crianças fazem mais de uma atividade esportiva ou artística.

Quais suas atividades durante a semana, quando você não está de férias, além da escola?

Segunda eu tenho tênis, terça eu tenho inglês, quarta eu tenho catequese, quinta eu tenho inglês, sexta eu tenho hipismo, e karatê dia de quarta e sexta à noite, ah... e coral quinta à noite. (Menino, 10 anos)

Natação, futebol, tênis e badminton... (Menino, 07 anos)

Na segunda eu não faço nada, na terça eu saio da escola aí eu almoço, daí eu vou pra academia que é lá no shopping galeria, daí eu faço escalada, ginástica e balé. Quinta a mesma coisa e sexta natação. Faço inglês e música na minha escola... (Menina, 08 anos)

Faço futebol, tênis, aula de piano e karatê... (Menina, 09 anos)

Inglês, futebol, música e tênis. (Menino, 10 anos)

Futebol, tênis de mesa e inglês... (Menino, 08 anos)

A princípio é possível imaginar que muita dessas obrigações são cumpridas por essas crianças “com muito prazer”, o que não é verdade. Os pais das crianças, dentre outros propósitos, imaginam ser divertido e saudável dançar balé duas vezes na semana depois de assistir as aulas da escola normal e ainda fazer ginástica e aulas de inglês e música no mesmo

dia. Além de achar “divertido”, os pais preferem que a criança esteja sempre ocupada, sem tempo ocioso para “pensar em bobagens” ou ocupar o curto tempo dos pais com problemas pueris. Mesmo com o curto tempo em casa diante de tantas atividades, grande parte das crianças é cuidada por babás⁴⁶, algumas desde a mais tenra idade.

Durante a pesquisa não ouvi muitas queixas verbais das crianças quanto à quantidade de atividades que deveriam realizar ao longo da semana. No entanto, muitas delas se mostravam aliviadas com a chegada do fim de semana, quando finalmente podem se deslocar para o clube, encontrar outras crianças e os tios de lazer e simplesmente brincar. Apesar das atividades que realizam durante os dias da semana parecerem divertidas (tênis, balé, futebol, ginástica, hipismo, piano, etc.), na verdade, são cumpridas pelas crianças como obrigação assim como os períodos na escola.

Falamos de uma infância que também é marcada por uma intensa preparação para a vida adulta. Por exemplo, aos filhos de grandes empresários é delegada a obrigação de dar continuidade aos negócios dos pais; e desde cedo essas crianças são preparadas para isso⁴⁷. Obviamente, essa situação não está relacionada ao espaço de moradia, mas sim a condição familiar (filha de empresário) da criança⁴⁸.

O fato é que as crianças não demonstram entusiasmo ao realizarem ou falarem sobre as atividades artísticas e esportivas que realizam durante a semana, isso ocorre principalmente

⁴⁶ Há crianças que possuem até três babás, que se revezam entre os dias de semana, os finais de semana e os feriados e datas festivas.

⁴⁷ Na Escola Internacional Alphaville, localizada no condomínio em Barueri-SP, é oferecida uma educação bilíngüe especializada “na formação de futuros líderes e empreendedores”, com turmas que vão do berçário (03 meses a 1 ano e meio) ao ensino médio. Lá, além das disciplinas clássicas, as crianças também assistem aulas de *business english* (inglês para negócios) e empreendedorismo, já que *empreender, seja dentro de uma empresa ou abrindo o próprio negócio, vai ser a realidade do mundo deles* (comenta o empresário e pai de um aluno).

⁴⁸ Sobre o funcionamento dos mecanismos de reprodução escolar Cf. BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

pelo rigor dos horários e pela grande frequência dessas aulas durante a semana. Ao conversar com as algumas crianças percebi que isso também acontece por que não é a criança quem decide quais atividades gostaria de realizar, e sim seus pais.

Para minha informante, que há quase 10 anos acompanha o cotidiano do condomínio, principalmente dos moradores infantis, essa carga de obrigações incorporadas ao cotidiano das crianças descaracteriza o ideal de “infância plena” tão citado pelos pais.

Pesq.: Eu percebo com frequência, tanto nas propagandas desses modelos de moradia como dos pais, e principalmente deles, a questão da infância em liberdade, da infância plena, eu queria que você falasse sobre isso. O que seria essa infância plena?

Mentira... Eu vou falar uma coisa, eu também trabalho com crianças de periferia. Aquelas que têm uma família estruturada, mas são pobres, eu acredito que eles têm mais infância do que as crianças do condomínio. O repertório de jogos delas põe no chinelo as crianças do condomínio. Eles não se preocupam em ser mini adultos. Isso pra elas ainda está longe. Quando pra crianças do condomínio é uma infância achatada. E eu me pergunto o que é essa infância em liberdade, se eles estão se preparando pra ser adultos? Eles fazem o inglês não pra agora, não é pro hoje, é pra quando eles ficarem adultos eles poderem falar inglês fluente. Não que isso seja ruim, mas eles se ocupam de tantas obrigações e não curtem esses momentos como deveriam. As crianças não podem se sujar porque as mães ficam loucas. Como em liberdade se eles não podem brincar na rua? A rua da casa deles é o clube, que é cercado. É uma liberdade supervisionada o tempo todo.

Para minha informante, que é educadora física no condomínio e em uma escola municipal da cidade, a infância plena “é uma infância que não tem pressa em acabar”, o que , segunda ela, não acontece entre as crianças do condomínio, pois ela disse que “vê meninas de 09 anos que já dizem ser adolescentes e meninas de 11 ou 12 anos que se vestem como mulheres”.

Assim, tudo aquilo que contradiz ao ideal de infância plena apontado por minha informante, é na verdade o que caracteriza essa *infância entre muros*, principalmente para os pais, pois, para eles, o que seus filhos vivem dentro do condomínio pode ser chamado de infância plena, e, ainda para esses pais, seu alicerce é atividade lúdica (o brincar) somada à uma intensa preparação para o mundo adulto.

Essas crianças, portanto, estão imersas não só no discurso da *vida entre muros*, como também por ideais de infância construídos por seus pais e educadores.

Mas, diante desse quadro, o que dizem as crianças? Se no início da pesquisa de campo imaginava encontrar mini adultos que não brincam e não sabem o que é uma cidade, minha participação neste universo lúdico, através da *observação sensível*, mostrou como essas crianças, de forma criativa, procuram “escapar” desse cotidiano prescrito, e como, na verdade, buscam vivenciar essa etapa da vida reinventando esses dois lugares: o da infância e o da *vida entre muros*.

Como essas crianças se apropriam dos espaços do condomínio e como constroem seus laços de sociabilidade? Como estabelecem suas circulações pelo condomínio e pela cidade? São essas relações que busco explorar neste capítulo. Assim, realizo as primeiras aproximações sobre o ponto de vista dessas crianças em relação à cidade explorando as particularidades dessa *infância entre muros* através de uma descrição do seu cotidiano no condomínio.

As crianças aguardam ansiosas pelas atividades recreativas que ocorrem no fim de semana na área do clube e demonstram através da intensidade das brincadeiras e dos encontros a importância que esse momento tem em seu cotidiano.

O projeto de recreação no clube do condomínio surgiu em 1999 por iniciativa de uma moradora, cujo objetivo inicial era ocupar o tempo livre das crianças aos finais de semana. A coordenadora da recreação explica que o projeto, que se chama *Recrear*, entende “o lazer enquanto produção cultural no tempo disponível, aquele que não é tomado por obrigações sociais, familiares, etc. O lazer como opção e não como uma obrigação”⁴⁹.

Essas atividades recreativas realizadas aos finais de semana estabelecem uma importante relação espaço-temporal entre as crianças e o cotidiano desses espaços de moradia que ressaltam o lazer e a segurança. Nesse cenário estão inseridos não apenas esse espaço físico cercado de muros e seus equipamentos de vigilância, como também os agentes envolvidos na construção desses espaços como: os pais, os tios e tias de lazer, as babás, funcionários de limpeza, seguranças e demais moradores adultos, adolescentes e infantis.

3.1. Os filhos da clausura: o lugar das crianças na vida entre muros

[...] onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia.
(CERTEAU, 2008: 215)

O condomínio ocupa a área de uma antiga fazenda da região de Campinas. Alguns espaços dessa fazenda ainda são preservados e o clube concentra a maioria deles, como por exemplo: antigos estábulos, casas de moradores, casa sede, árvores centenárias, entre outros.

⁴⁹ Entrevista realizada em 13 de junho de 2008 (Cf. ANEXO 6 – Roteiro de entrevista com a coordenadora da recreação)

Espaços que atualmente têm outros sentidos. A casa sede da antiga fazenda atualmente é um salão de eventos e seu anexo é a capela do condomínio; a casa de moradores foi readaptada para se tornar a sede administrativa do clube; dentre outras adaptações. O *Galpão da Recreação* (fig. 04) também é um desses espaços, um antigo estábulo que ainda guarda o nome dos cavalos nas paredes⁵⁰.

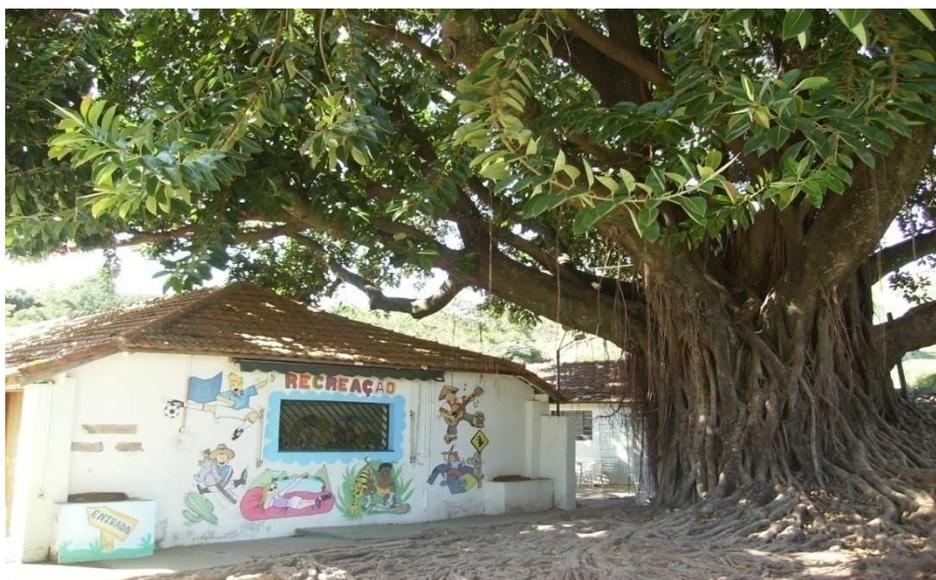


Figura 07 - Galpão da Recreação (Foto: Marina Saraiva, 2008).

Minha intenção é apresentar a apropriação dos espaços das crianças mostrando os sentidos atribuídos a eles, através do envolvimento desses agentes com as áreas do condomínio. Ou seja, procuro apresentar a *infância entre muros* descrevendo os usos e circulação das crianças pelos espaços do condomínio, ou seja, suas *práticas cotidianas*.

Para isso, realizo recortes espaciais e temporais, já que um mesmo espaço na área do clube, por exemplo, é utilizado de forma diferente de acordo com o dia da semana e o período

⁵⁰ O condomínio, através da associação de moradores, tem como norma preservar alguns espaços da antiga fazenda.

do ano. Assim, organizo a descrição da seguinte maneira: a princípio faço um recorte espacial para apresentar primeiro a relação das crianças com a área do clube e depois a relação delas com os outros espaços do condomínio, ou seja, a zona residencial e a área comercial.

Destaco na figura a seguir alguns espaços mencionados durante essa descrição, para que possa proporcionar uma melhor visualização desses usos e apropriações.

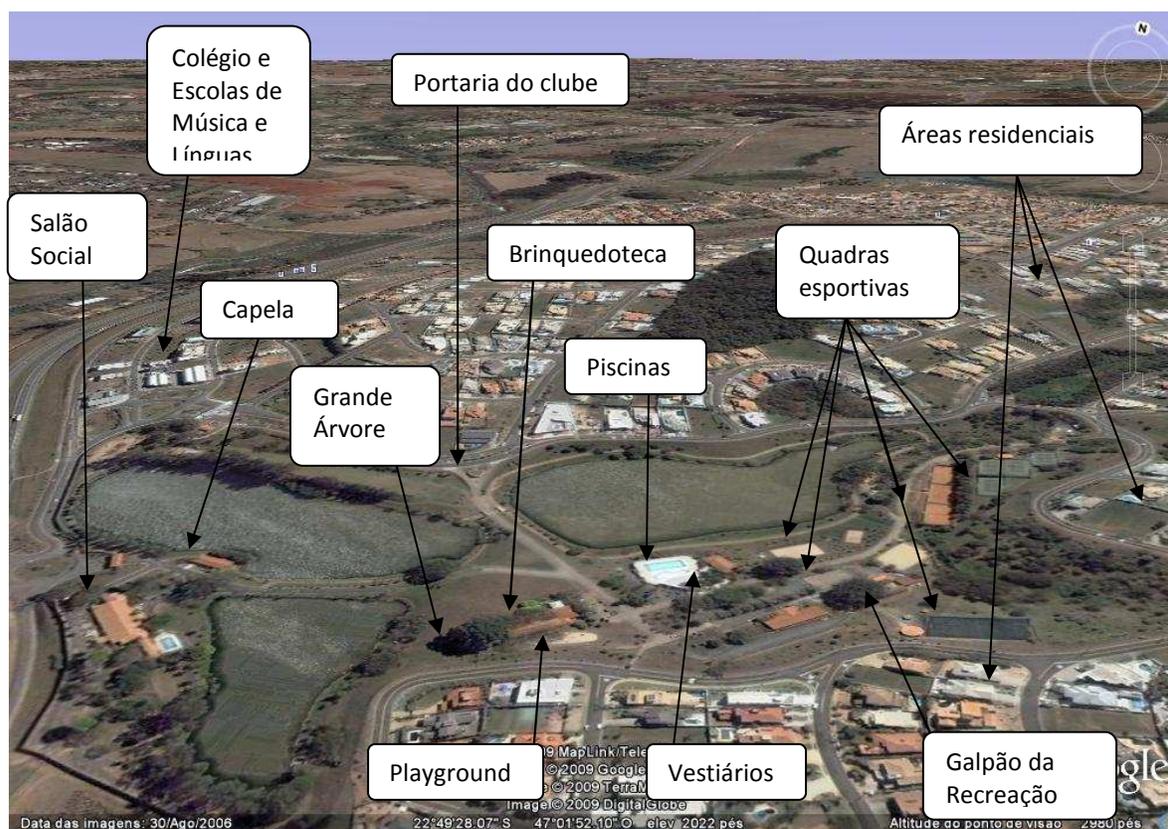


Figura 08 – Vista área do condomínio. Em destaque os principais espaços por onde circulam as crianças.
Foto: Google Earth (2006)

No decorrer da descrição também incluo certos trechos do meu diário de campo com relatos de alguns episódios interessantes que ocorreram durante a pesquisa. Apesar de parecerem deslocados no momento da descrição, trazem alguma relação com aquilo que descrevo e servem de ilustração para as reflexões realizadas no final do capítulo.

Michel de Certeau é o pensador que nos guia para as *práticas do espaço*. Para ele, o lugar é material, pode ser quantificado, está ligado à existência física e as disposições dos objetos. Já o espaço é constituído por um conjunto de relações, e está combinado as idéias de movimento, atuação, sentido, tempo...

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de instabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidade contratuais. (CERTEAU, 2008, p. 201-202).

Portanto, *o espaço é um lugar praticado*, ou seja, “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (Ibid., p.202). Dessa maneira, são os relatos que atravessam e organizam os lugares, eles são *percursos de espaços*. Quando descrevemos esses espaços do cotidiano, suas circulações tomadas por relações de tempo e de lugar, realizamos uma narrativa; e para Certeau essa narrativa pode e deve ser pensada como *prática de espaços*. Não só os significados atribuídos pelas crianças aos atuais espaços do condomínio, mas também a maneira como se deu a apropriação dos moradores nesse loteamento, ilustra um pouco dessa possibilidade *certauniana*.

Como Sousa Filho (2002), compartilho a idéia de que

Michel de Certeau não propôs nenhum sistema fechado capaz de servir de “modelo” teórico, mas análises diversificadas capazes de demonstrar que a aparente desordem das palavras e dos atos humanos compõe cenários com profundidade e inteligíveis a observadores interessados. O mundo diário –

mundo de profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, coisas – abriga táticas do fazer, invenções anônimas, desvios da norma, do instituído, embora sem confronto, mas não menos instituintes. (p.02-03).

As análises de Certeau revelam a possibilidade de olhar para as “criações anônimas” presentes na vida cotidiana, aquelas que à primeira vista não parecem ter qualquer relevância. No contexto da *vida entre muros* as crianças são esses “pequenos sujeitos” movidos por “pequenas subversões sem propósitos, mas que temperam o cotidiano de ‘maravilhas’ como ‘festas efêmeras que surgem, desaparecem e voltam’” (SOUSA, 2002: 04).

3.1.1 “O clube é a rua das crianças”.

A área do clube no condomínio é o principal lugar de encontro das crianças. Conforme anunciado no capítulo 1, a área concentra os principais espaços das crianças, vivenciados especialmente aos finais de semana. Durante a realização da pesquisa de campo pude observar quatro espaços importantes dentro do clube. São eles: o *Galpão da Recreação*, a *Brinquedoteca* e o *Playground* (Cf. Figura 06), construídos especificamente para as crianças. Entretanto, vários outros espaços são reinventados por elas. Por exemplo, uma grande árvore localizada próxima à academia é na verdade a *Grande Árvore*, importante espaço de referência para as crianças em momentos específicos de algumas brincadeiras.

Além do *Galpão da Recreação* ser um importante espaço de encontro e sociabilidade entre as crianças, principalmente na ocasião de eventos e datas comemorativas, ele é também

um ponto de referência para elas, que quando se encontram para brincar exploram todas as áreas do clube.

As crianças circulam “livremente” por todas essas áreas do clube sendo constantemente vigiadas por seguranças e também pelos tios de lazer. Além de direcionar as brincadeiras os tios também cuidam para que não ocorram maiores imprevistos; como brigas, machucados, entre outros.

Fuga na “Farra da Páscoa”

Campinas, 15 de março de 2008.

Em um dia de evento, que parecia como os outros dias de recreação, algo “inusitado” aconteceu. João de 10 anos, que estava brincando com as outras crianças procurando pistas pelo clube, desaparece. Quando uma das tias se dá conta do sumiço, de maneira imediata percebo uma intensa movimentação dos outros tios e funcionários do clube, principalmente por parte dos seguranças. Todos cuidam para que as outras crianças não percebam o que está acontecendo. Até eu demoro um pouco pra entender a “gravidade” da situação. Todos correm e se dividem para procurar o menino pelos espaços clube. Os seguranças da portaria garantem que João não saiu do clube, já que sabem que é terminantemente proibido deixar que as crianças saiam do clube sem a companhia de seu pai ou dos tios. Logo em seguida, cerca de 40 minutos depois do “sumiço”, uma tia chega à recreação com João, que está suado e despenteado. Depois de uma breve bronca ele se junta novamente às outras crianças e retoma as brincadeiras. Um segurança vestido com seu terno preto e gravata, o uniforme padrão, caminha em direção a recreação enquanto fala com algum colega por um pequeno microfone no bolso do paletó, ele se dirige até a tia e pergunta se a criança apareceu. A tia responde que sim. O segurança pede pra ver a criança, a tia aponta e ele, o segurança, diz “Esse danadinho já deu trabalho outras vezes”, João fingi que não é com ele e continua a brincar.

Como explicitarei anteriormente, os espaços por onde as crianças circulam possuem inúmeros significados principalmente se fazemos um recorte temporal. Por exemplo, o *Galpão*

da Recreação acolhe aulas de artes marciais durante os dias da semana, mas aos finais de semana recebe as crianças para a recreação. Dessa maneira, a seguir procuro apresentar os usos desses espaços através de um recorte temporal, que são: os dias “ordinários” (segunda a sexta), os dias “extraordinários” (sábado e domingo) e os meses de Janeiro e Julho, que se referem ao período de férias das crianças.

a) Os dias ordinários

Nos dias ordinários, os chamados dias úteis de segunda a sexta-feira, as crianças se deslocam para o clube para realizarem atividades esportivas programadas. As aulas são oferecidas e gerenciadas pela administração do clube. Ou seja, os pais pagam uma mensalidade cujo valor varia de acordo com a modalidade esportiva e sua frequência ao longo da semana. As principais atividades são realizadas no mínimo duas vezes na semana. As crianças deixam de cursar essas “aulas” apenas nos meses de férias (janeiro, julho e dezembro).

Os principais espaços frequentados pelas crianças ao longo da semana são: a piscina, o galpão da recreação, a quadra de esportes, o campo de futebol e a quadra de tênis.

b) Os finais de semana: o momento da recreação

A recreação se inicia às 10 horas da manhã dos sábados e domingos, normalmente se encerra às 18 horas, quando os funcionários responsáveis pelas atividades vão embora. Os tios de lazer, que fazem parte de uma equipe, se revezam aos finais de semana entre o *Galpão da*

*Recreação e a Brinquedoteca*⁵¹. Segundo a coordenadora, a perspectiva de lazer do projeto busca envolver na programação das atividades de recreação conceitos como: “respeito”, “cooperação”, “autonomia”, “potencialidade”, entre outros, para que possam ser “trabalhados” pelas crianças. Além disso, o papel do tio é o de “animador sociocultural”. Ele deve direcionar as brincadeiras, prevenir acontecimentos desagradáveis e, o mais importante, brincar com as crianças como se fosse uma delas, entretanto, “*ele é mais um educador informal do que um cara que vai lá fazer palhaçada*”. O “animador” também deve deixar clara sua posição de hierarquia quando desafiado por alguma criança.

Apesar de perceberem no “tio de lazer” um adulto atípico, que sobe em árvore e busca ao máximo extrapolar todos os seus limites na interação com elas, a grande maioria das crianças estabelece uma relação de respeito e obediência para com seus “tios de lazer”. Algumas se constrangem em fazer algo proibido pelos tios, como subir muito alto nas árvores ou querer sair da área do clube; outras se arriscam, desobedecem e depois das várias “chamadas de atenção” dão algum descanso, já outras os desafiam e só dão uma trégua quando ameaçados: “vou ligar para o seu pai” ou “vou avisar para a coordenadora da recreação”.

Não são poucos os casos das crianças que desobedecem as “regras”, tanto nos dias de recreação quanto durante a colônia de férias. A desobediência é comum entre grupos infantis de maneira geral, a particularidade entre as crianças do condomínio é a maneira como parte delas desafia seus tios com frases do gênero “*Você sabe quem é meu pai?*”, “*Meu pai paga seu salário, você é minha empregada*”. Minha informante relata que não foram poucas as vezes que algumas crianças se dirigiram a ela dessa forma no momento de uma “bronca”. Ela

⁵¹ A *Brinquedoteca* é um espaço destinado para crianças com até 06 anos de idade que disponibiliza livros infantis, brinquedos e pequeno cinema para uso das crianças e dos pais.

conta também que um pai usou a seguinte expressão na frente de todas as crianças durante a recreação: *Você é paga pra gostar do meu filho!*

Para ela, o grande problema é que “*as regras são as deles*” (moradores), o que inclui os moradores infantis. A coordenadora relata:

A partir do momento em que em toda a sociedade não pode andar de moto com 14 anos, lá dentro pode. Enquanto ninguém pode dirigir sem carta, lá dentro eles podem. E isso é permitido. Primeiro que muitas são criadas por babá. Então não tem essa relação afetiva com os pais. Essa relação afetiva é substituída por dinheiro, carro, moto, viagens e brinquedos supersônicos. Quer dizer, “tudo eu tenho”, “tudo eu posso”, “tudo eu quero e eu vou fazer”, e aí olha o que vai gerando na cabeça desse ser humano? Que ele pode tudo, que ninguém pode segurá-lo, que o mundo dele.

Mas as crianças também mostram uma relação afetiva com esses tios. A criança envolvida na confusão que teve como consequência a frase do pai relatada anteriormente, foi até a tia quando seu pai foi embora, chorou e pediu desculpas; ela falou: “*tia, desculpa meu pai, é que ele quer sempre o melhor pra gente, mas às vezes ele exagera*”.

Muitas vezes quando chegávamos ao clube já havia algumas crianças brincando na quadra, esperando que os tios abrissem o galpão que fica logo em frente as quadras. Algumas logo corriam e os abraçavam ansiosas pelo início das brincadeiras.

O *Galpão da Recreação* é um grande salão de paredes coloridas com uma pequena sala onde são guardados alguns jogos, equipamentos de esporte e outros apetrechos utilizados para as brincadeiras e outras atividades artesanais. As modalidades das brincadeiras são estipuladas mês a mês pela coordenação da recreação. São as crianças que escolhem as brincadeiras de acordo com as sugestões dos tios. Dentre as propostas de final de semana está o resgate das

“brincadeiras de rua”. Segundo a coordenadora da recreação, por que muitas das crianças não conhecem essas brincadeiras; ela cita: bola-de-gude, pião, pipa, etc.

28 de junho de 2008

Hoje cheguei à recreação e percebi algumas novidades no galpão. As gravuras coloridas, que simulam um jogo de tabuleiro pelas paredes do galpão, receberam um reforço na pintura e as cores estão mais fortes. Mas essa não foi a única novidade. Foram colocadas grades nas muretas do galpão. Agora as crianças não podem entrar no galpão pulando a “divertida” mureta. Mas não foi esse o motivo das grades. Segundo minha informante, adolescentes do condomínio estavam entrando no galpão da recreação durante a noite e causando alguns estragos nas estruturas do prédio. Por isso foi necessário colocar as grades além de reforçar a tranca da porta de entrada.

Não foram poucas as vezes que os adolescentes foram citados como figuras “perturbadoras” da ordem do condomínio. Crianças, funcionários, moradores em geral, todos em algum momento relatam casos de interrupção dessa ordem, onde os personagens centrais são chamados de adolescentes. Pequenos furtos, problemas de trânsito, consumo de drogas, dentre outros. Segundo minha informante, eles são na maioria meninos, entre 12 e 15 anos de idade, e alguns já freqüentaram o Galpão da Recreação e a Colônia de Férias.

Algumas crianças ficam o dia todo na recreação; almoçam com os tios no restaurante do clube ou vão para casa almoçar e logo em seguida estão de volta. Há também crianças que aparecem apenas pela manhã ou à tarde.

Nos dias de recreação as crianças realizam o deslocamento de suas casas até o clube de várias maneiras. O pai ou a mãe a trazem de carro ou mesmo o motorista da família, ou por vezes são os pais de algum amigo do condomínio que as levam. Há crianças que chegam de bicicleta ou é a babá quem os acompanham a pé até chegar ao galpão. O mesmo ocorre na volta pra casa no fim do dia.

As crianças chegam ao espaço aos poucos, e os dias de recreação são sempre uma incógnita quanto à quantidade de crianças que comparecem ao galpão e à pluralidade em relação ao gênero e a idade. “São quase 30 crianças em um domingo chuvoso”; “apenas 06 em um sábado ensolarado”; “20 crianças em um domingo frio com sol”, “12 crianças em um sábado de feriado festivo (como a Páscoa)”... Durante a realização da pesquisa de campo não foi possível observar fatores comuns que influenciassem para um maior número de crianças na recreação. Até mesmo em dias de eventos o número de crianças poderia ser pequeno. Ou seja, esse dado dependia exclusivamente da disposição individual de cada criança. No entanto, independente desses números e variáveis, a dinâmica não é diferente. Elas sempre se adéquam as brincadeiras⁵² conforme os elementos do dia. Por exemplo, em um dia de sol com muitas crianças, exploram todas as áreas do clube com brincadeiras onde precisam formar equipes, correr, se esconder, procurar pistas, etc. Também podem usar as quadras para realizar atividades esportivas, mas se o número de crianças for muito grande essa opção é descartada já que nem todos poderão jogar. No entanto, quando todas as crianças concordam as regras de um jogo de vôlei ou futebol podem ser repensadas, e então me vejo assistindo (e muitas vezes jogando!) uma partida de futebol com mais de 20 jogadores (tios, meninos e meninas) em uma pequena quadra de futebol de salão.

As crianças raramente fixam suas brincadeiras em um único espaço quando estão em um grande número. Mas as brincadeiras com menor dispêndio de energia, aquelas que elas realizam sentadas e em grupos menores, não perdem seu caráter lúdico por este motivo. É principalmente em dias chuvosos, quando não podem sair do galpão ou quando o número de

⁵² Cf. Glossário das brincadeiras.

crianças é pequeno, que essa modalidade de brincadeira ocorre com mais freqüência. Dentro do galpão elas se divertem com cartas de baralho, jogos de tabuleiro, uma mesa de *pebolim*⁵³ e também realizam atividades artesanais, chamadas de oficinas, que não está no grupo das “brincadeiras” preferidas, aliás, algumas crianças não percebem as oficinas como brincadeiras.

Mesmo havendo uma variedade de meninos e meninas que freqüentam a recreação, alguns tios se queixam que as meninas do condomínio aos poucos têm deixado de comparecer. Os tios dizem não entender o motivo. No entanto, conversando com uma menina de 09 anos ela me explica que não vem muito para a recreação porque “*não tem muitas brincadeiras para meninas*”. Pergunto o que seriam essas brincadeiras e ela explica que não tem muita disposição para ficar correndo o tempo todo. Ela conversava comigo justamente por ter resistido a uma partida de futebol com as outras crianças na quadra. Entretanto, depois de um tempo conversando comigo o jogo ficou mais atrativo...

As atividades lúdicas realizadas dentro do galpão da recreação contribuem para uma interação mais acentuada entre as crianças. Durante uma partida de *Pôquer*⁵⁴, por exemplo, é possível ouvi-las conversar sobre fatos do seu cotidiano, sobre a escola, a família, os amigos, para onde viajarão nas próximas férias, etc. Quando realizam brincadeiras com maior esforço físico (correndo, por exemplo) não encontram tempo para essas conversas. Entretanto, é através dessas brincadeiras que elas definem umas as outras. Quando uma criança vai escolher as outras que farão parte de sua equipe de *Caça ao tesouro*⁵⁵, por exemplo, ela identifica aquela que é mais rápida ou mais lenta ou a mais esperta para descobrir a pista. Ou seja,

⁵³ Cf. Glossário de Jogos e Brincadeiras.

⁵⁴ Cf. Glossário de Jogos e Brincadeiras.

⁵⁵ Cf. Glossário de Jogos e Brincadeiras.

mesmo não havendo oportunidade para conversas, outras modalidades de interação se estabelecem no decorrer dessas brincadeiras.

Alguns espaços presentes no clube são bastante citados pelas crianças durante essas atividades lúdicas, pois servem como referência de encontro ou limites para um *Esconde-esconde*⁵⁶, por exemplo. Dentre eles a *Grande Árvore* (Figura 09), um espaço composto por alguns banquinhos dispostos na sombra de uma árvore centenária localizada próxima a *Brinquedoteca* e a academia de ginástica. O espaço é utilizado também quando as crianças se dividem em equipes e precisam se reunir, umas das equipes pode usar esse espaço.

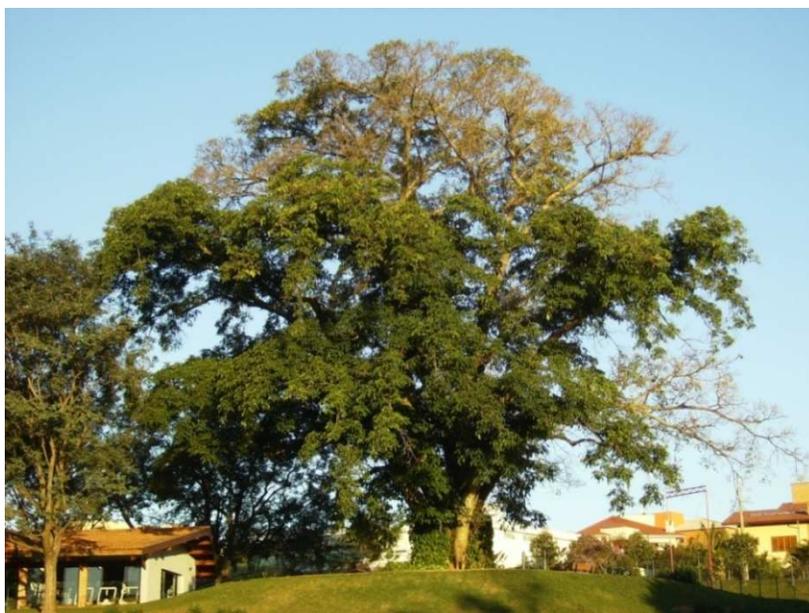


Figura 09 - Grande Árvore
Foto: Marina Saraiva, 2008

Os eventos destinados ao público infantil do condomínio são realizados aos finais de semana no *Galpão da Recreação* durante o horário regular. Por exemplo, comemoração do aniversário da recreação, Páscoa, Dia das Crianças, entre outros. Diferente dos dias comuns de

⁵⁶ Cf. Glossário de Jogos e Brincadeiras.

recreação, nos eventos as brincadeiras são temáticas e têm uma proposta educativa, com realização de oficinas e diálogos sobre o tema.

Aos domingos as crianças de orientação católica, que são a maioria, também freqüentam a capela do condomínio, localizada dentro do clube, para participação na missa que ocorre regularmente aos domingos por volta das 19 horas. Durante a pesquisa algumas crianças também estavam fazendo a catequese⁵⁷ no mesmo espaço.

c) Janeiro e Julho: a colônia de férias

A colônia de férias ocorre nos meses de janeiro e julho, desde 2001, nos espaços do clube. É um evento organizado exclusivamente para as crianças moradoras do condomínio. Seus participantes têm entre 03 e 13 anos. A mesma equipe responsável pela recreação se reúne alguns meses antes para o início da organização das atividades das férias.

Geralmente a colônia de férias acontece na segunda e terceira semana dos meses citados, inicia-se na terça-feira às 09h e se encerra às 08h do sábado. As atividades que farão parte da semana são direcionadas de acordo com um tema escolhido durante as reuniões da equipe de animadores. Faltando pouco menos de um mês para o início da colônia de férias, é feita uma divulgação no condomínio através de panfletos e pelo site da administração do clube. Os pais devem preencher uma ficha com dados da criança e pagar uma taxa de inscrição. A demanda é grande, mas as vagas disponíveis são limitadas. Segundo a responsável pela colônia férias, um grande número de crianças não é possível por que a

⁵⁷ Consiste numa espécie de preparação ou “curso” para o rito católico de primeira eucaristia, que é uma espécie de reafirmação “consciente” do batismo como escolha religiosa e introdução do indivíduo na religião católica.

estrutura física do clube não viabilizaria o bom andamento das atividades e das brincadeiras, o quê, ainda segundo ela, comprometeria a qualidade da colônia de férias.

Após o encerramento das inscrições, muitas delas feitas já na véspera do início das atividades, é feito um levantamento do número de crianças de acordo com a idade. Os inscritos, então, são divididos em três grupos e cada um tem seu espaço devidamente demarcado pela organização do evento.

O quadro a seguir apresenta como essa divisão foi realizada nas duas edições do mês de Julho de 2008.

Quadro 01 - Grupos, faixa etária, temas e espaços das crianças na colônia de férias

Grupo	Faixa etária	Temas		Espaço	Inscritos por semana
		1ª semana	2ª semana		
Kids	03 a 06 anos	“As grandes invenções do homem”	“Rural e Urbano: além dos muros da cidade”	Salão Social	±30
Juniors	07 a 10 anos	“As décadas da nossa história”	“Aventuras de Pirata”	Galpão da Recreação	±50
Teens	11 a 13anos	“As décadas da nossa história”	“Aventuras de Pirata”	Área da Brinquedoteca	±20

Para os monitores que trabalham na colônia de férias o momento é de concentração, trabalho árduo e paciência, mas também de divertimento. Para os pais, a colônia de férias é um tempo de descanso. Mas para as crianças, a julgar pela ansiedade semanas antes, esse momento tem um significado peculiar. Não apenas as crianças que ainda participam dessas semanas de férias no condomínio, como também adolescentes que já participaram, mas hoje

dizem não ter mais idade para isso, parecem relatar com saudade momentos que viveram durante esses dias.

Faço um relato desses momentos a partir daquilo que vivenciei nas edições de Julho de 2008, pois eles parecem ser tão marcantes para as crianças quanto os dias de recreação. Para isso, destaco em minha narrativa o grupo *Juniors*, por ser o grupo que compõe a faixa etária da pesquisa. Entretanto, não deixo de trazer alguns relatos sobre os outros dois grupos em momentos oportunos.

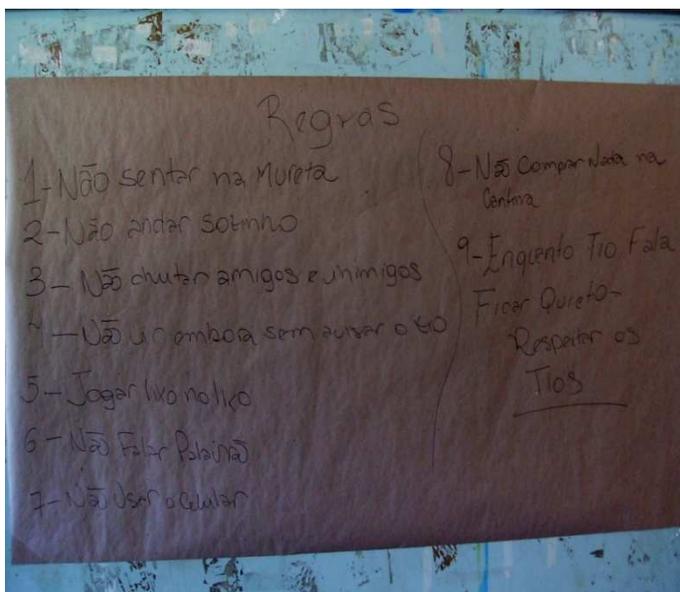
Na terça-feira as crianças chegam trazidas por seus pais ou motoristas. Cada uma traz sua mochila com roupa de banho, brinquedos e outros apetrechos que possam precisar ao longo do dia. No primeiro dia procuram descobrir seu grupo, para onde devem ir e qual o monitor responsável caso tenha alguma dúvida ou problema. Após descobrir seus responsáveis, todas se dirigem para a quadra esportiva para realização do *Quebra-Gelo*⁵⁸, que geralmente só ocorre no primeiro dia de cada temporada da colônia de férias.



Figura 10- Colônia de férias: mochilas do Galpão da Recreação Foto: Marina Saraiva, 2008

⁵⁸ Cf. Glossário de Jogos e Brincadeiras

Antes de começar as atividades da semana, cada grupo discute em conjunto as regras a serem seguidas. As sugestões são debatidas entre as outras crianças e os monitores. Em meio a gritos e aversões à discussão em pauta, “a regra é não ter regra” diz um menino de 08 anos, as normas são fixadas na parede do galpão:



Regras da colônia de férias 2008 segundo o grupo Juniors ⁵⁹

1. Não sentar na mureta.
2. Não andar sozinho.
3. Não chutar amigos e inimigos.
4. Não ir embora sem avisar o Tio.
5. Jogar lixo no lixo.
6. Não falar palavrão.
7. Não usar o celular.
8. Não comprar nada na cantina.
9. Enquanto o Tio fala ficar quieto.
10. Respeitar os Tios.

O grupo é dividido em quatro equipes que competirão ao longo da semana. Cada atividade tem uma pontuação. As crianças pensam em um nome para seu grupo e ensaiam um grito de guerra que é apresentado para os tios, para mim e para as outras crianças. Iniciam-se então as atividades.

Pela manhã, ocorrem as brincadeiras mais ativas, que envolvem intenso esforço físico e uma maior circulação pelas áreas do clube. As crianças se deslocam para a quadra esportiva,

⁵⁹ A punição em caso de desrespeito as normas é a expulsão. Mas as crianças ainda têm a chance de conversar com a coordenadora e evitar a situação extrema. Presencio casos de descumprimento de todas as regras, com exceção da última.

depois se espalham pela área do clube a procura de pistas do *Caça*, até se reunirem novamente no galpão para contagem de pontos. Na hora do almoço, cerca de 12h, todo o grupo segue para o salão social para fazer a refeição. Inquietas e famintas esperam o monitor chamar sua vez para fazer o prato e comer. Terminada a refeição, voltam ao galpão e a próxima atividade é uma oficina. Todos sentados confeccionam o artefato indicado pelo tio. Por exemplo, preparar uma propaganda tendo como referência fotos de brinquedos da década de 70. Após a oficina elas têm uma hora livre para, segundo os tios, “*fazer o que quiser sem sair do clube*”.

Logo depois os tios comandam outras brincadeiras variadas. Por volta das 18h elas se preparam para ir embora. O roteiro descrito é repetido nos outros dias. Apenas na sexta ele muda.



Figura 11 - Colônia de Férias: as crianças se preparam para mais uma brincadeira.
Foto: Marina Saraiva, 2008

Na sexta-feira as crianças chegam por voltas da 14h e só vão embora no outro dia às 8h. Esse dia é muito esperado. As crianças participam do *Caça Noturno*⁶⁰, da festa de encerramento da colônia de férias e ainda vão dormir todas juntas no salão social, um grande espaço de festas com suntuosas paredes de vidro.

Campinas, 11 de julho de 2008.

Somente na última noite da colônia de férias percebo a grande dimensão dos problemas causados por adolescentes no condomínio. Percebo como essas figuras despertam uma forte sensação de medo e insegurança para as crianças, no condomínio.

Estávamos todos no salão social nos preparando para a festa de encerramento quando algumas crianças gritam e começam a chorar. Elas estavam próximas as janelas de vidro do salão. Todos correm para entender o que estava acontecendo. “*Foram os adolescentes*”, avisa um dos tios. Mas o que aconteceu?

As crianças olhavam para o jardim do salão através da janela e vêm cerca de quatro adolescentes vestidos de preto se aproximando das janelas. Elas continuam olhando achando que são tios preparando alguma surpresa. Os adolescentes se aproximam e com máscaras de monstros e lanternas verdes dão um grande susto nas crianças. Além do choro algumas crianças não se sentem bem. Uma criança que estava bem próxima no momento do susto chora muito e abraça o adulto mais próximo, eu... Ela chora e não consegue explicar o que havia acontecido. Não que eu tenha perguntado para escrever essas notas. Diante da situação tensa a intenção era compreender o problema para resolvê-lo. Quando ela se acalma tento ajudar outras crianças que estavam na mesma situação. “Por que eles fazem isso com a gente?”, diz um menino de 10 anos. Uma tia responde: “Promete que você vai se lembrar disso tudo quando tiver com a mesma idade que eles?”. Ele balança a cabeça dizendo que sim.

Os tios tentam explicar que eram apenas adolescentes do condomínio com máscaras, não entendem o significado que essa palavra, adolescentes, representa àquelas crianças. Episódios como esse aumentam o medo das crianças em relação a essas figuras. Elas ainda não entendem que mais tarde também serão *adolescentes no condomínio*, e que talvez carreguem ou não essas marcas.

Quanto ao fim do ocorrido, uma tia entra em contato com os seguranças do clube e relata o sucedido. Dois carros da segurança chegam logo depois, eles dizem que viram alguns adolescentes entrando, que até imaginaram que poderiam “aprontar”. Os adolescentes são procurados por todo o clube. Não presencio o desfecho da “história”, pois minha prioridade naquele momento eram outras crianças...

⁶⁰ Cf. Glossário de Jogos e Brincadeiras

Nesse dia, logo após um pequeno lanche, já quase no início da noite, os *Juniors* e *Teens* se tornam um só grupo. As tias encaminham as meninas para o banho no vestiário feminino do clube e os tios acompanham os meninos até o vestiário masculino. Todos tomam banho, se perfumam, as meninas se maquiam, e todos se preparam para a festa de encerramento com roupas relacionadas ao tema da semana, é uma grande festa à fantasia no salão social. Antes, porém, um jantar especial, diferente do cardápio balanceado e saudável dos outros dias. Após o jantar todos vão ao salão para dar início à festa.

O salão acomoda as meninas de um lado e os meninos do outro. Cada criança tem seu colchão, lençóis, cobertores e travesseiros; objetos trazidos de suas casas pelos pais. Antes de arrumar seus lugares de dormir, para acalmar os ânimos depois do susto descrito anteriormente, a coordenadora inicia uma “guerra de travesseiros” inesperada. De repente, todos estão “guerreando” com seus travesseiros em meio a gritos e gargalhadas. As crianças correm pelo salão procurando seus “inimigos” e ao mesmo tempo tentam escapar das “travesseiradas” que surgem de todos os lados. “Todo mundo no tio [...]”, grita a idealizadora da brincadeira, e todos bombardeiam o tio “da vez”. “Todo mundo na tia [...]”, e todos trocam de alvo. Assim seguem as travesseiradas em todos os tios e tias; e eu, mesmo não sendo tia, sou um dos últimos alvos das crianças.

Logo após a “guerra de travesseiros”, as crianças organizam suas “camas”; escolhem o lugar do colchão, arrumam seus cobertores, etc. Em seguida, sentam no chão formando uma

grande roda para realização do *amigo chocreto*⁶¹. As crianças colocam vários tipos e tamanhos de chocolates no meio da roda e começam a troca de presentes.

Com o fim dos presentes, se iniciam os desfiles e shows de talentos. As crianças que se fantasiaram para a festa desfilam seus modelos, algumas cantam e fazem coreografias, outras tocam suas músicas preferidas no violão, uma criança faz um show de malabares com um *diabolô*⁶², etc. Os mais tímidos apenas assistem.

Já passa da meia-noite e o fim das apresentações anuncia o início do momento mais esperado pelas crianças durante toda a colônia de férias: o *Caça Noturno*. Inspirados na temática que caracteriza todas as atividades da semana, os tios preparam um cenário cheio de suspense no entorno do salão e em algumas áreas mais afastadas, ainda dentro do clube. Antes de dar início à brincadeira as crianças devem decidir se vão ou não participar, pois os tios avisam que ninguém poderá desistir no meio da atividade.

Um pequeno grupo de quase 30 crianças decidiu participar da brincadeira. Seguimos para a capela e o tio narra uma história cercada de elementos de terror e suspense. A história fala de morte, espíritos, crianças fantasmas, etc. As crianças, todas assustadas, tentam ficar juntas e cada uma segue com uma lanterna procurando as pistas descritas nos lugares anteriores. Algumas crianças choram e desistem, outras não agüentam o frio intenso da madrugada de inverno e aos poucos voltam para o salão.

Encerrada a brincadeira, quando todas as pistas são encontradas e “*a maldição que assolaria o condomínio*” é desfeita, as crianças voltam para o salão e aos poucos vão dormir.

⁶¹ Cf. Glossário de brincadeiras e jogos.

⁶² Cf. Glossário de brincadeiras e jogos.

Algumas haviam dormido logo depois da “guerra de travesseiros” ou do “*amigo chocreto*”. Outras tentam dormir depois do “*caça*”, enquanto algumas insistem em ficar acordadas e insistem em relembrar o momento em que “os adolescentes” as assustaram, momento em eu adormeço...

Na manhã seguinte, por volta das 8h, finalmente os pais chegam para buscar as crianças e a colônia de férias é encerrada. As crianças já saem imaginando que a próxima será tão divertida quanto à primeira. Os principais acontecimentos da semana serão lembrados e narrados pelas crianças ao longo do ano, até que se inicie uma nova temporada da colônia de férias do condomínio.

Fora do clube do condomínio, o cotidiano das crianças tem outras peculiaridades, que podem ser percebidas em meio às conversas e brincadeiras durante os momentos descritos. Por isso, apesar de ter realizado a pesquisa de campo principalmente aos finais de semana e durante as férias, apresento a seguir a relação das crianças com as ruas da zona residencial e com a área comercial, além de apresentar seus principais deslocamentos para a cidade.

3.1.2 As crianças, o condomínio e a cidade: mapas, percursos e usos da cidade

A cidade não falta na *prática cotidiana* das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo. Entretanto, formas peculiares de “usos da cidade” distinguem essa *infância entre muros*. Dessa maneira, são os *percursos* realizados que mobilizam os sentidos dessas crianças sobre a cidade além muros. Antes de tratar desses sentidos⁶³, apresento onde e como a cidade aparece nos relatos e no cotidiano do grupo de crianças em questão, pois para compreender a cidade do ponto de vista das crianças moradoras de condomínio fechados de luxo é importante descrever essa relação.

Os dados sobre a implantação e a localização do condomínio, apresentado no capítulo 01 deste texto, lembra que ele se encontra em uma região “ligeiramente afastada” de Campinas. Nem tão perto que os estranhos possam ter um acesso fácil, nem tão longe que não possam realizar suas trajetórias oficiais diariamente, como: casa/trabalho, casa/shopping, casa/aeroporto, casa/hospital, dentre outros. Mesmo tentando evitar o contato com a cidade trazendo para perto tudo aquilo que pode ser útil, os moradores de condomínios fechados de grande porte ainda estão atrelados à cidade além muros.

Diante desse laço que os moradores ainda mantêm com a cidade, Andrade (2006) ressalta que a dimensão da vida nos condomínios não deve ser reduzida a segurança e a ruptura com o modo de vida urbano. As conclusões apresentadas nas teses de Moura (*Ilhas Urbanas: novas visões do paraíso*, 2003) e Roberts (Cidadania interdita: um estudo de condomínios horizontais fechados-São Carlos-SP, 2002), mostram que, para os moradores, a

⁶³ As percepções sobre a cidade além muros serão discutidas no capítulo 4.

cidade ainda carrega um status importante; eu diria necessário. Ainda que percebam as diferenças óbvias entre o condomínio e a cidade, ambos não se caracterizam como uma oposição para os entrevistados. “O condomínio propiciaria a realização de alguns desejos reprimidos na cidade, como a possibilidade de andar nas ruas sem estar sujeito a pequenos furtos e outros inconvenientes” (ANDRADE, 2006: 312).

Quando pensamos nos moradores infantis, a relação (necessária) com a cidade não é tão diferente. A necessidade do *percurso* é semelhante e o deslocamento também é de carro; seja com os pais ou com motoristas particulares ou de táxi.

Os *trajetos oficiais* realizados pelas crianças na cidade são aqueles “obrigatórios” ou “essenciais”. Ou seja, o deslocamento do condomínio até a cidade envolve certos compromissos sociais, obrigações familiares e modalidades de lazer. Para as crianças esses deslocamentos ocorrem nas seguintes situações: casa/escola – casa/shoppings – casa/hospital ou consultórios médicos – casa/local de trabalho dos pais – casa/aeroporto – casa/residência de familiares que não moram no condomínio – casa/outros clubes, entre outros trajetos.

Apesar de existir na área comercial do condomínio um colégio particular de “excelência educacional” (segundo indicadores locais), não é possível afirmar que todas as crianças do grupo pesquisado estudam nele, nem mesmo que a maioria estuda⁶⁴. O colégio também recebe alunos de outros condomínios próximos, ou seja, crianças de condomínios

⁶⁴ A diretora do colégio não autorizou minha visita à escola, nem mesmo se interessou pelo intuito da pesquisa. Por isso não tive acesso a esses dados. Escrevo aquilo que pude observar a partir das conversas que tive com as crianças, pais, funcionários do condomínio e, principalmente, devido a entrevista que realizei com a coordenadora da recreação que, além de trabalhar há 9 anos no condomínio, sempre esteve bem próxima da realidade dessas crianças e me apresentou alguns dados gerais sobre esse assunto.

vizinhos também estudam no colégio citado, mas a maioria dos estudantes são moradores do condomínio em questão.

Em relação ao grupo de crianças que esta pesquisa tem como foco, uma parte estuda na escola do condomínio e outra parte em escolas particulares de excelência da região. Segundo minha informante, esses últimos optam por escolas “na cidade” por conta da metodologia de ensino da escola do condomínio que, apesar de ser uma escola privada de qualidade, referência em toda a cidade, com 15 sedes espalhadas pelo interior de São Paulo, possui um método de ensino apostilado, o que não agrada esses pais. Por esse motivo eles decidem matricular seus filhos em outras escolas de excelência da região com método de ensino tradicional através de livros didáticos⁶⁵. Seja dentro ou fora do condomínio, as crianças se deslocam até seus respectivos colégios em transportes escolares ou são levadas de carro pelo(a) pai/mãe/motorista ou mesmo vão de carona com pais de amigos ou amigas⁶⁶.

Segundo minha informante, grande parte das crianças realizam suas atividades extracurriculares, aquelas relacionadas às artes e música, no *Conservatório Carlos Gomes*, espaço localizado em um bairro nobre da cidade de Campinas. Algumas crianças também realizam essas atividades na área comercial do condomínio, que também conta com uma escola de artes e música e curso de línguas, ambas especializadas nessas áreas.

As atividades esportivas são realizadas no clube do condomínio, mas também em outros clubes da cidade. O mais citado pelas crianças se chama *Hípica*, oficialmente

⁶⁵ Estudar dentro ou fora do condomínio não me parece um problema para a pesquisa. Reflexões mais profundas (Cap. 04 e Considerações finais) mostrarão que não é a escola onde essa criança estuda que deve estabelecer suas “sensações” em relação à cidade, mas sim um conjunto de fatores.

⁶⁶ Alguns pais fazem revezamento ao longo da semana ou do mês, cada pai se torna responsável por certas crianças em alguns dias, enquanto outros ficam “livres” da obrigação de deixar as crianças na escola.

Sociedade Hípica de Campinas. O tradicional clube fundado em 1948 e freqüentado pela elite econômica da cidade, oferece atividades culturais, esportivas e outros eventos com acesso exclusivo para sócios. Algumas crianças também freqüentam academias de ginástica e esportes em *shoppings* próximos ao condomínio.

A cidade de Campinas conta com seis grandes centros privados de compras e lazer, ou shoppings. Três deles estão bem próximos da região do condomínio. *Shopping Galeria*, *Shopping Iguatemi* e *Parque Dom Pedro*; são os três⁶⁷ maiores da cidade e os mais freqüentados pelas crianças para momentos de lazer, compras, refeições e até mesmo atividades físicas.

Outro importante espaço da cidade que recebe essas crianças são os aeroportos da região. Em seus relatos as crianças mostram que viajam com freqüência para outras cidades do Brasil e do mundo. Não são poucas as crianças que conhecem outros países ou visitaram alguns mais de uma vez. Os mais visitados são os Estados Unidos, por conta do famoso centro de entretenimento chamado *Walt Disney World* localizado na cidade de Orlando, e alguns países da Europa como Itália, Portugal, Espanha, França e Inglaterra. Muitas crianças também viajam para localidades com o intuito de visitar parentes.

O diagrama a seguir ilustra esses principais deslocamentos para a cidade e a circulação das crianças nas áreas do condomínio.

⁶⁷Durante a entrevista com as crianças, ao perguntar quais espaços da cidade elas costumavam freqüentar, esses shoppings foram os mais citados, das 10 crianças entrevistadas individualmente, 8 citaram pelo menos um dos shoppings.

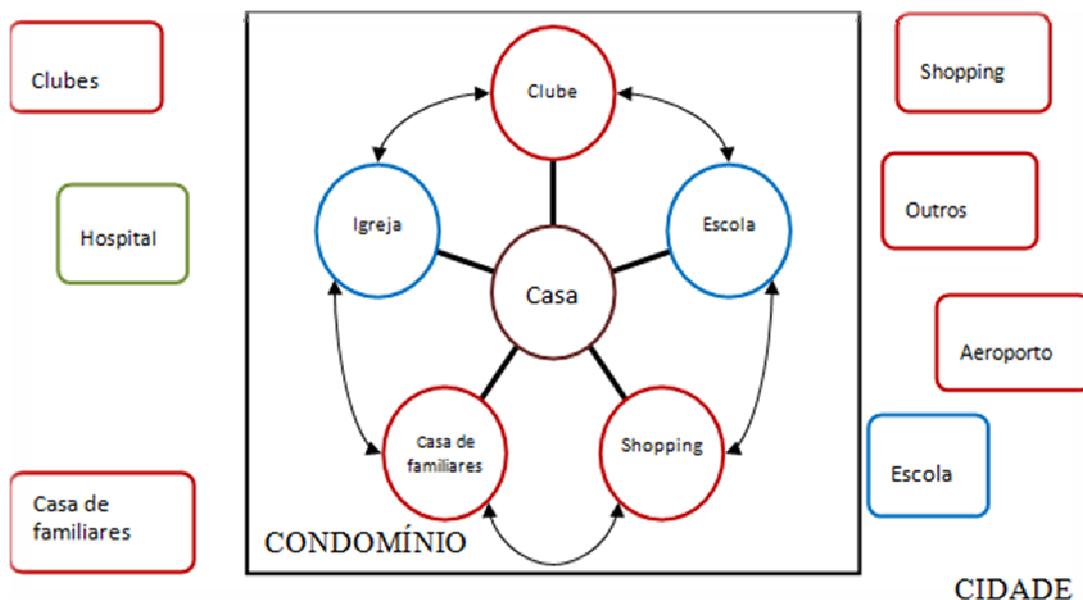


Figura 12 – Ilustração dos principais espaços de circulação das crianças no condomínio e para a cidade

Essas crianças, em certa medida, “experimentam” a cidade não somente através desses trajetos, mas também por meio das “imagens” da cidade apresentadas em relatos de adultos e outras crianças, através da Internet, dos jornais, programas de TV, aulas na escola, etc.

Pesq.: Quais espaços da cidade você costuma freqüentar?

Quando eu morava no Castelo eu ia bastante no Taquaral mas agora eu não vou muito não.

Pesq.: Você gosta de morar em campinas?

Gosto.

Pesq.: Você acha que a cidade tem problemas?

Muito roubo.

Pesq.: Como você fica sabendo dessas coisas?

No jornal. Quando não tem nada pra ver na TV eu vejo jornal.

Menino, 10 anos

Shopping galeria. É... mais é o shopping galeria.

Mais ou menos. Porque tem muita violência, tem muito acidente...

Eu vejo na TV, na internet.

Menina, 09 anos

Shopping Dom Pedro e Galeria.

Gosto de Campinas. Apesar de ter um pouco de violência, eu gosto.

Ladrão, acidente, carro batido...

Na TV.

Menina, 08 anos

Pesq.: Você se preocupa com a cidade que você mora?

Me preocupo. Seria bom se alguém pudesse mudar a violência, as coisas ruins da cidade.

Menino, 10 anos

Nas entrevistas as crianças diziam gostar de morar na cidade de Campinas, entretanto, ao perguntar sobre os problemas da cidade elas destacaram aspectos como violência e problemas de trânsito, principalmente acidentes. Chamou minha atenção o fato de crianças de 08 anos, que moram desde a mais tenra idade no condomínio, falar do medo da violência urbana de forma tão enfática, como se fizesse parte do seu “mundo” de alguma forma. Os diálogos também mostravam como elas tomavam conhecimento da violência na cidade e as duas respostas mais colocadas foram: 1º) Na TV ou na Internet e 2º) Através de relatos dos pais ou outros familiares. Este último dado não apareceu nas entrevistas, mas surgiu com frequência nas conversas informais realizadas durante os intervalos das brincadeiras.

Ao conversar com um pai durante o evento da Páscoa, perguntei como ele percebia essa relação das crianças, principalmente seus filhos (dois meninos de 04 e 10 anos) com os meios de comunicação (TV, Internet, etc.). Ele me falou que não deixa seus filhos assistirem TV, principalmente em horários que passam telejornais. Falou também que só usam a Internet para trabalhos escolares. Ainda segundo ele, muitos pais do condomínio não se preocupam com isso, mas ele ressalta que só permite que seus filhos vejam canais de desenho animado.

Ainda assim, é problemático acreditar que essa criança não venha a ter qualquer informação sobre a cidade além muros. Basta que ela brinque com outra criança “bem informada” no *Galpão da Recreação* que o assunto vem à tona. Fato que presenciei com alguns casos de violência urbana que tiveram maior repercussão na mídia e viraram o assunto das crianças na recreação. Elas tocam no assunto, relatam e tentam explicar para as outras que não ficaram sabendo. Obviamente, não conversam sobre o assunto por horas, nem o tornam “importante”, afinal elas têm coisas mais relevantes para fazer: brincar.

3.2. Sobre a infância entre muros

Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar... (CERTEAU, 2008: 205).

Para além dos trajetos, mapas, apropriações e usos do condomínio e da cidade, as relações envolvidas nessas práticas estabelecem uma modalidade de infância peculiar nas

metrópoles contemporâneas. Ao realizar seu trajeto de casa para a escola, ou de casa para o galpão da recreação no clube, dentre outros percursos, as crianças estabelecem maneiras de vivenciar esses espaços compartilhando com outras crianças, adultos e funcionários, situações cotidianas diversas. São esses momentos que estabelecem os laços sociais entre as crianças e os demais, e onde cada “personagem” encontra seu lugar nessa arena privilegiada da cidade.

Na *cidade intramuros* o brincar é possível, e um conjunto de medidas e aparatos torna esse objetivo plausível.

Se na cidade além muros a rua significa perigo, no condomínio ela deveria ter outra representação, já que seus moradores escolheram morar em um lugar onde pudessem deixar suas crianças brincarem na rua. No entanto, ao contrário do que imaginamos, assim como na cidade, a rua do condomínio também é proibida. Nas entrevistas as crianças disseram que não brincam na rua por conta dos adolescentes que dirigem seus carros em alta velocidade nas ruas do residencial e do clube.

Pesq.: Você acha que existem problemas no condomínio?

Existe.

Pesq.: Quais?

Os adolescentes que nem tem 18 anos e já fumam, bebem e andam de moto.

Pesq.: E você se preocupa com esse problema?

Eu me preocupo. Eu tava falando de segurança, né? Eu sou protegido por guardas, mas como tem gente do condomínio que faz essas coisas daí eu não tenho tanta segurança. Se eu ouço um barulho na rua eu vou olhar pela janela...

(Menino, 10 anos)

Mais ou menos.

Tem gente aqui que nem tem 18 anos e já bebe, fuma e anda de moto, sem ter noção...

(Menina, 09 anos)

Existe.

Tem meninos de 14, 15 anos que ficam andando de moto aqui.

(Menino, 10 anos)

No contexto *intramuros*, os adolescentes representam para as crianças figuras desestabilizadoras semelhantes àquelas que “atormentam” o imaginário de seus pais na cidade. Em muitos momentos das brincadeiras as crianças conversam sobre os adolescentes, compartilham suas impressões sobre essas “figuras”, algumas vezes dividem opiniões sobre o infortúnio, se queixam da intranqüilidade e de outros problemas do condomínio.

Pesq.: Você brinca na rua?

Não, na rua não deixam

Pesq.: Por quê?

Ah, mesmo se passa pouquinho carro eles não deixam.

Pesq.: E as outras crianças, também não brincam na rua?

Não... Assim... O Pedro e o Mateus, eles são meus primos, eles são meus vizinhos, ai eles ficam andando de bicicleta na rua. Os pais deles deixam, mas minha mãe só deixa na caçada. (Menina, 08 anos)

Às vezes.

Minha mãe não deixa.

Porque ela tem preocupação de passar um carro... (Menino, 08 anos)

Como não podem brincar na rua, principalmente por que seus pais proíbem, o clube se torna o principal espaço desses encontros e sociabilidades.

O clube é para as crianças do condomínio o que a rua é para as outras crianças que moram em bairros tradicionais na cidade (pelo menos para aquelas que ainda podem utilizar a rua), é o *locus* da ludicidade.

O espaço do clube atrai as crianças do condomínio tanto quanto a possibilidade do encontro e do convívio com as outras crianças. Aliás, é possível afirmar que o encontro é o

que mais motiva essas crianças a se deslocarem de suas casas até o clube para brincarem com seus pares, já que parte do aparato de lazer encontrado no clube também existe em suas casas.

É importante lembrar que o envolvimento do universo da infância com o lúdico não é algo exclusivo das crianças que vivem em condomínios fechados; o lazer “deve” fazer parte de todas as infâncias. Uma versão mais radical dessa perspectiva imagina que não existe infância para a criança que não pode vivenciar o lúdico nessa etapa da vida. Imagino não ser necessário realizar neste momento uma reflexão filosófica profunda sobre a medida e a importância do ato de brincar⁶⁸ para o universo infantil. No entanto, é importante ressaltar o significado dessa prática para o universo infantil em questão.

Para Debortoli (2008), o brincar pode ser compreendido como um processo de inserção em um tempo-espaço. Inspirado em Vygotsky, acrescenta que o brincar

[...] se expressa como umas das formas mais sofisticadas de partilha das relações de significação do mundo; entrecruza história, tempos e espaços; brinca-se com uma memória coletiva que ultrapassa quem brinca e o próprio momento da brincadeira: objetos, tempos, espaços, substâncias, regiões, épocas, cidades, países, continentes, rituais, os mais amplos e ricos contextos humanos. (p. 79).

É através desse propósito lúdico que as crianças – principalmente aquelas cujo presente texto se refere – elaboram seus espaços e compartilham a produção de um universo infantil limitado aos muros e grades do condomínio. Entretanto, ao ocupar esses espaços elas o investem de novos significados.

⁶⁸ Questão que autores consagrados o fazem com brilhantismo e são referências fundamentais. Cf. BENJAMIN (1984), VYGOSTSKI (1998), BAKHTIN (1988), entre outros.

Para as crianças moradoras de condomínios fechados de grande porte, as obrigações cotidianas (escola normal e atividades extracurriculares), os espaços e o tempo para brincadeira são devidamente demarcados e programados. Ainda assim, essas ocasiões mostram o quanto esses indivíduos buscam escapar dessa cotidianidade trazendo situações que muitas vezes contrariam a ordem imposta por essa forma de morar. Elas estabelecem outras maneiras de se relacionar com os espaços do condomínio e com os outros moradores e funcionários. Ao contrário de seus pais, que muitas vezes não demonstram interesse ou motivação em encontrar outros moradores, em estabelecer laços de sociabilidade, as crianças não só vão ao clube do condomínio para encontrar outras crianças, como esse parece ser o principal motivo; o encontro com tios, tias, funcionários do clube, com outras crianças e com os espaços. As crianças procuram formas próprias de perceber e brincar nos espaços do condomínio.

O lazer, aos finais de semana na recreação e nos meses de férias, tem um papel significativo para as crianças mesmo sendo programados e demarcados. Durante a semana o cotidiano repetitivo e monótono gera uma insatisfação nas crianças que procuram novas formas de vivenciá-lo. O espaço do clube é o lugar dessa (re)invenção do cotidiano.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição. (...) É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória de lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (LEULLIOT apud CERTEAU, 1996:31)

Uma análise superficial definiria o espaço dessas crianças como algo prescrito e forçosamente instituído por normas. Essa mesma análise usurparia dessas crianças qualquer capacidade inventiva e criadora, afirmando ainda que suas práticas são desprovidas de sentidos de apropriação. “Espaços com significações reduzidas”, “pobres trajetos” ou “práticas espaciais medíocres”. Acredito que essas afirmações pouco dizem sobre a realidade dessas crianças ou, em outras palavras, é como se uma “espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras”⁶⁹ dos espaços das crianças que vivem em condomínios luxuosos.

No contexto dessa forma de morar as crianças são para o condomínio aquilo que os *praticantes ordinários* são para a cidade. Para Certeau (2008), “os praticantes ordinários são os caminhantes, os pedestres; cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo” (p. 171). Entender o condomínio fechado a partir desses *praticantes ordinários*, as crianças, significa reescrever esse espaço percebendo outra existência que não aquela constituída pelo percurso planejado, pela segurança diária, pelo tempo programado, enfim, por suas práticas cotidianas normatizadoras. A prática ordinária envolve uma experiência singular, profunda, de dentro, ou “embaixo” (*down*) como prefere Certeau. Essa outra relação com o espaço é caracterizada principalmente pelo saber lúdico; uma prática cotidiana que abre um espaço próprio em uma ordem imposta (CERTEAU, 1996).

Segundo Souza (1996), as crianças (re)significam seu cotidiano quando brincam com a realidade e constroem um universo particular. Elas ultrapassam o sentido único que sua condição material e social parece apresentar, ou seja, as crianças possibilitam uma

⁶⁹ Certeau, 2008: 171.

compreensão polifônica do mundo (ou do condomínio), pois elas mostram “os múltiplos sentidos que a realidade física e social pode adquirir” (p.49).

Todo o comportamento que a criança apresenta no jogo, mas que raramente transparece na vida diária... são a base da construção dos valores éticos, morais, afetivos e cognitivos que, posteriormente, irão compor suas possibilidades de subjetivação diante do contexto social e cultural em que vive. (VYGOTSKY apud SOUZA, 1996: 54)

É neste momento que uma pesquisa com crianças – e não sobre crianças – revela sua importância. Afirmar que as crianças possuem autonomia no conjunto de suas práticas é algo perigoso, afinal, não são elas que decidem morar em um condomínio, nem mesmo determinam onde e quando podem brincar. É verdade que além das obrigações, o lazer também é planejado e tem seu lugar preestabelecido. No entanto, pensar esses espaços aceitando a apropriação das crianças para além das representações e funcionalidades atribuídas por seus pais, acrescenta à análise sentidos de pertencimento e uma vivência cotidiana de encontros e laços de sociabilidade, esboçados nos relatos e descrições realizados anteriormente.

Se na periferia as condições precárias favorecem a inventividade das crianças para as brincadeiras, no condomínio de luxo as condições favoráveis colaboram para uma incessante reinvenção das brincadeiras. Mesmo possuindo em suas casas *vídeo games* de última geração, piscina, amplo espaço para brincar, brinquedos e mais brinquedos, as crianças ainda se deslocam para o galpão da recreação para brincar com outras crianças e com seus tios de lazer. Algumas dizem que seus brinquedos só são “legais” logo que ganham, mas depois “perde a graça”. Entretanto, não são todas as crianças que “largam” seus brinquedos em casa para se juntar às outras crianças na recreação. Algumas crianças do condomínio não demonstram qualquer interesse pela recreação, outras aparecem raramente e uma parte vai à recreação com

freqüência. Para essas últimas os espaços do clube são um poderoso atrativo. É nele que a sociabilidade infantil no condomínio se desenrola com uma força maior. O brincar é a principal expressão dessa sociabilidade. Através da brincadeira elas se conhecem e se reconhecem, atualizam suas representações sobre o condomínio e a cidade e compartilham códigos e condutas que sustentam seus repertórios de sentidos e percepções sobre a cidade e os cidadãos. Acredito que somente dessa maneira encontramos a especificidade de uma *infância entre muros*, explorando a riqueza e a singularidade de suas formas de apropriação do condomínio e suas inserções pela cidade.

CAPÍTULO 4

A FÁBULA DA METRÓPOLE

A fábula é uma pequena narrativa que, sob o véu da ficção, guarda uma moralidade.

La Fontaine (séc. XVII)

A fábula, enquanto gênero literário, é uma narrativa inverossímil, imaginária ou mitológica; uma ficção como indica o poeta e fabulista francês Jean de La Fontaine. É sobretudo um texto alegórico do qual se extrai uma lição de moral. Dessa maneira, qual o propósito do título “*A fábula da metrópole*”? Em que medida o ponto de vistas das crianças, sobre a cidade, pode ser carregado de “idéias fantasiosas”? Afinal, apresentar impressões da cidade tendo como principal referência a violência urbana não soa fantasioso frente à realidade das metrópoles brasileiras com seus altos índices de violência, constantemente atualizados pela mídia. Adulto ou criança, morador de condomínio ou não, todos compartilham o medo da violência urbana e seus receios, em certa medida, são reais.

Acredito que a peculiaridade desse ponto de vista é o fato dele se firmar naquilo que elas experimentam “rapidamente” enquanto se deslocam de casa até a escola, ou mesmo quando escutam os relatos de seus pais, de outras crianças, dos meios de comunicação em geral, de suas babás, entre outros. Ou seja, é aquilo que as crianças fabricam a partir dessas “imagens” da cidade.

A fábula da metrópole pode ser entendida como uma possível “interpretação alegórica” que essas crianças fazem da cidade. A cidade, de várias formas, diz algo para essas crianças. Elas a escutam, mas qualquer experiência, em certa medida, é rara, entretanto são capazes de narrar uma cidade além muros; menos como “protagonistas” e mais como “espectadoras”. Por isso esses relatos sobre a cidade podem ser pensados como ficção, como uma fábula. Essa ficção também “guarda uma moralidade”.

As crianças moradoras de condomínio fechados de luxo apresentam “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir” (CERTEAU, 2008: 42). Seus usos caracterizam outra geografia da cidade, diferente dos outros cidadãos que estão além das fronteiras. Neste trabalho, também os usos, e principalmente eles, são podem ser pensados como uma narrativa. Ou seja, a maneira como praticam o espaço urbano também explica seu ponto de vista sobre a cidade. CASTRO et al. (2008), inspirados em Michel de Certeau, acreditam que a forma como o indivíduo usa a cidade, os lugares que frequenta e como ele se desloca, diz também sobre quem ele é.

Este capítulo procura compreender a cidade do ponto de vista das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo, principal objetivo da pesquisa. Antes de retomar a problematização sobre a relação entre a *infância entre muros* e o espaço urbano, iniciada no final do capítulo 03, apresento uma discussão sobre a infância e cidade. Qual o lugar das crianças nas metrópoles? E como essa relação vem sendo entendida em algumas pesquisas realizadas nos últimos anos?

Logo após essa discussão, retomo a problematização sobre os filhos da clausura, agora tentando apresentar quais são as “impressões” dessas crianças sobre a cidade. Em seguida,

procuro apresentar em que sentido a dinâmica de uma *infância entre muros* pode configurar outros usos dos espaços urbano, caracterizados principalmente por uma *experiência urbana singular*.

4.1. O lugar das crianças nas cidades

Dentro de cidades que parecem sem começo nem fim há uma massa de pessoas dispersas, procurando lugares que facilitem a experiência de arrebatamentos inatuais, de elaborações reflexivas refinadas e de diversões reconfortantes. Lugares afetuosos, intimistas, ou expansivos, que de algum modo levem o ser humano a amar o fardo da vida, a esquecê-lo ou a percebê-lo mais leve. Espaços que liberam o fervor juvenil porque não aprenderam a minar a dignidade dos pedestres. Sabe que uma cidade com tais possibilidades não deveria ser uma coisa do outro mundo, nem somente um micromundo reduzido a uma dúzia de shoppings e clubes. (SANT'ANNA, 2001: 50)

Estamos diante de uma cidade pensada, projetada e construída por adultos e para adultos que não considera a infância como portadora de um conhecimento próprio sobre o espaço urbano que habita. (NASCIMENTO, 2007: 01)

Alguns textos apontam os problemas que as cidades revelam para as crianças quando seus gestores não levam em consideração os desejos e as necessidades desses cidadãos “em iniciação”. Muitos reivindicam uma valorização desses desejos infantis e seus direitos na participação da construção do espaço urbano. De fato, são os adultos que pensam, projetam e constroem os elementos da cidade assim como determinam os espaços nela destinados as crianças. No entanto, em que medida tal fator impede que as crianças participem da construção

e da ocupação dos espaços da cidade? Se o espaço é uma invenção social, como aponta DaMatta (1991), se a rua projetada pelo urbanista se transforma em espaço pelos pedestres, como indica Certeau (2008), será estritamente necessário se incluir como gestor da cidade para produzi-la ou ocupá-la? Mesmo diante de certa invisibilidade projetada nestes pequenos cidadãos, acredito ser importante perceber em que medida as crianças (re)inventam essas cidades. Acredito que não são as crianças que necessitam da cidade, mas o contrário.

Crianças e adultos sempre dividiram maneiras diferenciadas de experimentar a vida na cidade. Por este motivo, fatores geográficos, sociais, econômicos e históricos devem ser considerados. A relação das crianças com o espaço urbano possui marcadores históricos e sociais importantes. Aos poucos as cidades foram instituindo fronteiras que passaram a demarcar, de maneira geral, o espaço do jovem (clubes e bares), o espaço das crianças (escola e casa), o espaço do adulto (trabalho) e o espaço do idoso (a praça).

Em princípio, crianças e adultos são todos cidadãos, sujeitos dos acontecimentos e das mudanças ocorridas no espaço urbano, assim como, podem ser agentes desses efeitos, pela sua existência e circulação nesse espaço. Ambos enfrentam o espaço urbano como uma aventura, pois este representa o encontro com o inesperado, com o diferente e com o estranho; porém, para as crianças, essa aventura parece se dar de forma mais desafiadora e por que não, assustadora (CASTRO et al., 2008: 182).

Segundo Ariès, na cidade medieval do século XVII, a vida cotidiana das crianças não se diferenciava da vida dos adultos. Esse contexto também foi marcado por outra configuração da relação público/privado. Naquele período, a cidade pertencia às crianças tanto quanto aos adultos. Segundo o historiador, era notável a presença das crianças entre os adultos, nos mais variados momentos do cotidiano de ambos, pois naquele período não existiam

... representações coletivas onde as crianças pequenas e grandes não tenham seu lugar, amontoadas num cacho pendente do pescoço das mulheres, urinando num canto, desempenhando seu papel numa festa tradicional, trabalhando como aprendizes num ateliê, ou servindo como pajens de uma cavaleiro (ARIÈS, 1981: 99).

Somente no fim do século XVII os espaços das crianças começam a ser inaugurados.

Para Ariès esse processo se inicia quando as crianças deixam a rua e vão à escola. Ou seja,

A escola substitui a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida a distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização (Ibid., p.11).

A família passou a atribuir novas competências às crianças e uma importância que antes não existia. Além de objeto de “paparicação”, a criança passou a ser educada para uma vida adulta tendo como principal objetivo seu sucesso profissional. Ou seja, a criança passou a exercer o ofício de filho e aluno. A casa e a escola passaram a representar “os novos espaços que se erguem em oposição ao espaço externo, e as crianças são encerradas nesses novos locais onde ocorrerá sua preparação para a entrada no mundo adulto” (VASCONCELLOS; MOREIRA, 2005: 29).

As crianças foram relativamente “forçadas” a priorizar outros espaços, e o espaço urbano foi sendo colocado em segundo plano. Ou seja, a escola passou a ser o espaço do

aprendizado e a rua se tornou o espaço das brincadeiras. Para as crianças, principalmente as que pertencem à classe média e alta, a cidade se tornou “lugar de passagem”.

Florestan Fernandes, em seu trabalho *As troçinhas do Bom Retiro* (1961), escrito em 1944, apresenta o primeiro trabalho no Brasil sobre a especificidade da infância na cidade. Ele registra a sociabilidade das crianças e suas formas de expressão através de uma análise sociológica do folclore infantil. O sociólogo destaca a rua como lugar fundamental para o exercício das práticas culturais daquelas crianças, realizadas através do brincar. Naquele momento, a rua, enquanto espaço público, era o *locus* da ludicidade das crianças naquele bairro.

Entretanto, diante do atual cenário urbano, qual o papel que a rua, ou mesmo que a cidade tem para as crianças? Quais os novos significados atribuídos a esses espaços, que até pouco tempo eram destinados também as brincadeiras e sociabilidades infantis?

Nas cidades brasileiras contemporâneas, cada vez mais, percebemos discursos depreciativos em relação à cidade, principalmente em relação à rua e a outros espaços públicos. Isso acontece não somente por parte daqueles que possuem uma condição economicamente favorável e descartam a cidade por um lado, mas também de mães e pais das camadas pauperizadas que não querem que seus filhos sejam confundidos com um “menor delinqüente” ou “menino de rua”.

A pesquisa de Begnami (2008), realizada com crianças em uma favela na cidade de São Carlos-SP, apresenta o ponto de vista de algumas mães sobre a relação de seus filhos com os espaços do bairro. Algumas não permitem que as crianças brinquem nas ruas do bairro, para essas a rua é representada como lugar do “perigo” e, principalmente, de “más

influências”. Para as crianças que não podem brincar a principal diversão é assistir programas na TV. Ainda assim, a pesquisa mostra como grande parte das crianças do bairro resiste a essa proibição de algumas mães, e estabelecem uma sociabilidade significativa para o universo infantil naquele bairro.

Segundo Caldeira (2000), na cidade contemporânea as pessoas compartilham uma idéia de que “as más influências” se propagam facilmente, e esse fato não está diretamente relacionado à classe social. Tanto as mulheres de classes abastadas como aquelas das classes pauperizadas, mostram uma preocupação em controlar seus filhos para que eles não sejam alvo das chamadas “más influências”.

A rua tem sido apresentada como o palco onde se propagam as principais mazelas da cidade, e por isso as crianças, ricas ou pobres, cada vez mais, têm sido impedidas de experimentar esse espaço.

Para as crianças, o deslocamento se restringe porque a idade, como obra dos adultos, reflete a divisão social do trabalho onde casa e escola são os lugares onde a criança deve estar, enquanto a rua, ou a cidade de maneira geral, são os lugares onde só os maiores têm livre circulação. (CASTRO, 2004, p: 73)

Várias pesquisas apontam para uma espécie de “falência da cidade” enquanto espaço praticado, apoiadas principalmente na idéia de uma estigmatização da rua ou da praça, lugares não mais percebidos como gestores de sociabilidades. A desintegração dos laços de sociabilidade nesses espaços geralmente possui como principal intensificador a fuga das camadas mais abastadas da população para espaços segregados, como os condomínios fechados de grande porte que configuram um “espaço público” apazível.

Nesse cenário, “multiplicam-se as políticas e programas de proteção à criança das camadas populares destinadas a tirá-las do ‘mundo da rua’, em que se cristaliza a representação de universo de perigo, desordem e exploração” (GOMES & GOUVEIA, 2008, p. 55). Esse imaginário em relação à rua, a esvazia de indivíduos – sejam crianças, jovens, adultos ou idosos, ricos ou pobres – assim como colabora para a construção de um outro sentido sobre o espaço urbano. Ou seja, cada vez mais, a rua, espaço citadino por excelência, deixa de ser um lugar praticado por todos, e não exclusivamente pelas crianças moradoras de condomínios fechados de luxo. Para BAUMAN (2009), “a insegurança e a idéia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade” (p. 16).

Ou seja, é ingênua qualquer empreitada reflexiva que negue esse fenômeno do declínio das experiências urbanas nas cidades contemporâneas. No entanto, acredito que não podemos deixar de considerar que ainda assim há uma cidade do lado de fora dos muros do condomínio ou do *shopping*. A idéia é aceitar essa tendência não deixando de considerar os vários sujeitos e personagens ainda inseridos nessas cidades, e nem mesmo ignorando o significado que esses usuários têm para a cidade e vice-versa. Uma visita ao centro das grandes cidades, pelo menos por enquanto, ainda nos mostra uma pluralidade de usos e apropriações. São vários os trabalhos⁷⁰ que exemplificam “modalidades de lazer, lugares de encontros, formas de ser e atuar de personagens que, com seu comportamento, se apropriam de determinados espaços da cidade [...] dando-lhe novos e surpreendentes significados” (MAGNANI: 1996: 09).

⁷⁰ Cf. MAGNANI, J. G. C & TORRES, L. L. (orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996.

É principalmente por acreditar que o espaço urbano ainda nos apresenta uma pluralidade de usos e apropriações que persisti nessa empreitada: engendrar uma reflexão sociológica substancial sobre a especificidade de uma infância na cidade.

Para analisar e interpretar as percepções sobre o espaço urbano para crianças que moram em condomínios de luxo, foi necessário eleger uma concepção de cidade que não tem relação direta com a idéia de cidadania e que também não se reduz a limites geopolíticos. Por isso, no diálogo com as crianças, a cidade foi pensada como um espaço urbano vivido, ou seja, o(s) cenário(s) onde as crianças realizam seus deslocamentos e circulações. Esse cenário pode ser tanto a cidade de Campinas quanto São Paulo, ou mesmo cidades estrangeiras, já que essas crianças viajam com frequência.

As respostas das crianças indicaram que o espaço urbano não pode ser definido apenas como lugar da violência urbana e da evitação e, mais do que isso, o espaço urbano não se reduz a cidade de Campinas. Dessa maneira, a presente pesquisa entende que o ponto de vistas das crianças sobre a cidade está “para além do olhar ‘competente’ que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo” (MAGNANI, 2002: 15).

4.2. A infância entre muros na cidade além muros

As crianças, assim como os adultos, são agentes na construção de novas possibilidades de se viver na cidade.

(CASTRO et al, 2008: 182).

Em um primeiro momento é possível imaginar que até mesmo a idéia de cidade inexistia para essas crianças. No entanto, essa relação com o espaço urbano é bem mais complexa do que uma infância de luxo cercada por muros pode supor. É necessária uma reflexão mais profunda, pois a *infância entre muros* se desenrola de maneira paradoxal. As crianças estão, em certa medida, excluídas dos espaços urbanos – não por escolha própria, pelo menos por enquanto – mas o contexto citadino contemporâneo compõe seu cotidiano, até mesmo quando estão dentro do condomínio. Antes de introduzir uma reflexão pautada na *experiência urbana* dessas crianças, é importante apontar quais as impressões que esses indivíduos têm sobre o urbano, e como aparecem em suas conversas ou durante uma brincadeira, por exemplo.

Além de compartilhar com as crianças alguns de seus momentos na recreação e na colônia de férias, conforme já anunciei na introdução da dissertação, também realizei algumas dinâmicas importantes para uma compreensão mais específica sobre seu cotidiano e suas representações sobre o espaço urbano. Ao iniciar a atividade onde solicitava que as crianças desenhassem “a cidade de Campinas de forma livre, espontânea”, e que elas fizessem um esforço para indicar “onde suas casas se localizavam nesse desenho”, L. de 09 anos olha pra mim e diz:

MAS EU NÃO MORO NA CIDADE!

A menina ainda acrescenta que, por esse motivo, não conseguiria fazer o desenho. Diante desse “impasse”, falei que poderia desenhar apenas sua casa ou o que desejasse. O andamento da atividade não foi diferente com as demais crianças, todas queriam saber “realmente” o que deveriam fazer e mostraram certa dificuldade em indicar qualquer ponto de referência espacial que localizasse suas casas na cidade de Campinas. Não encontrei outra alternativa se não solicitar que desenhassem o que tivessem vontade. Apesar disso, as 10 crianças que participaram da “brincadeira” rabiscaram na cartolina cidades interessantes e curiosas, por exemplo: uma “cidade dos pingüins”, uma “cidade sustentável” e até mesmo um desenho que representava “o planeta terra”, ou seja, o mundo. Mas não era o conteúdo dos desenhos o que eu procurava, pois não foi meu intuito fazer análises psicologizantes dos desenhos, mas sim compreender as provocações que meus pedidos suscitavam nas crianças⁷¹, interessava-me o conteúdo de suas falas.

O capítulo 03 mostrou os principais deslocamentos das crianças, não só na cidade de Campinas como também em momentos de viagens e visita aos parentes em cidades próximas. A condição de moradora de condomínio de luxo, em certa medida, deixa de existir quando estão nessas outras cidades, principalmente as estrangeiras. As crianças circulam em transportes urbanos públicos quando estão a passeio nesses espaços. O imaginário em relação ao medo da violência urbana é sublimado quando estão nessas outras cidades, que são apresentadas como seguras e confiáveis por seus pais.

⁷¹ Alguns dos desenhos se encontram em anexo (Cf. Anexo 7).

Certamente, quando direcionamos esses olhares “infantis” para a cidade de Campinas, local onde está instalado o condomínio, a percepção é diferente. Apesar de gostarem de Campinas elas relatam e apresentam medo e evitação aos espaços públicos que não pertencem ao condomínio.

Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso possibilita que indivíduos passem rápida e facilmente de um meio para o outro, e encoraja o experimento fascinante, mas perigoso, de viver ao mesmo tempo em vários e diferentes mundos contínuos, mas amplamente separados. (PARK apud FRÚGOLI, 2007: 21)

Para algumas crianças a cidade foi definida como “o mundo inteiro”, para outras a cidade se limita nas fronteiras do condomínio, ou ainda pode ser um conglomerado de prédios, estradas, fábricas e carros. Ou seja, as crianças mostraram que não só possuem um entendimento sobre a cidade como compartilham várias idéias sobre o espaço urbano.

Na verdade, percebi que a cada esforço de rabiscar esse seu “lugar de passagem”, uma nova cidade era “inventada”. Na esteira de CASTRO et al. (2008), é como se existissem inúmeras cidades,

[...] construídas a partir dos modos de inserção e circulação que cada indivíduo possui no espaço urbano. O sentido que cada indivíduo atribui ao espaço se dá por meio do seu uso cotidiano e da sua participação, assim como de suas experiências vividas ali (p. 182).

Não só em seus desenhos, mas principalmente em seus questionamentos, apresentam a cidade de várias formas justamente por que são de várias maneiras que esses indivíduos enfrentam o espaço urbano. Apesar dessa pluralidade, é importante apontar que uma cidade já

conhecida por seus pais está presente nas construções das crianças, àquela cidade como lugar do medo e do imprevisível, onde a possibilidade da violência é constante e brincar na rua é inviável. Ao conversar comigo e com os tios sobre a possibilidade de possuir um carro de luxo como o da construtora *Ferrari*, J. de 10 anos relata que poderia ser assaltado quando saísse do condomínio e que:

... quando eu dobrar a rua, depois da portaria, um bandido vai mirar uma metralhadora em mim, assim... (gesticula o garoto).

Percebi então que, assim como seus pais, as crianças também parecem saber exatamente por qual motivo moram em um condomínio fechado. O filme *La Zona*⁷², cuja história se passa em um condomínio fechado de luxo cercado por favelas na Cidade do México, apresenta uma cena onde um pai vendo sua filhinha de 03 anos brincar no jardim “aberto” de sua casa, questiona: “*Não sei o que dizer para minha filha quando ela me perguntar por que vivemos atrás de muros?*”. A questão não é diferente da constatação “radical” que aparecia nas primeiras impressões sobre o fenômeno urbano em meu projeto, que as crianças moradoras de condomínios fechados viviam completamente apartadas da cidade, sem qualquer conhecimento sobre o meio urbano e que, enquanto crianças, os muros talvez dissessem pouco para elas. Entretanto, percebi que essa preocupação nem mesmo é cogitada no condomínio onde realizei a pesquisa. Aliás, até mesmo diante das minhas experiências em outros condomínios brasileiros, acho pouco provável que alguma criança que cresça em um condomínio fechado no Brasil venha a indagar seus pais sobre isso, se os mesmos estão constantemente atualizando um repertório peculiar de modos de praticar e falar

⁷² *La Zona*. Dirigido por Rodrigo Plá. México: Dreamland, 2007.

da cidade (principalmente aquela onde está instalado o empreendimento urbanístico) o que acaba justificando e já respondendo qualquer questionamento ou curiosidade sobre a opção de seus pais de viverem “atrás de muros”.

Perguntei para um menino de 10 anos se ele conhecia a cidade São Paulo, pois eu ainda não conhecia, pedi para ele me falar sobre a cidade. Ele me explica:

- É uma cidade que tem muitas coisas para fazer. Vou para lá para ver exposições, visitar museus. Meus pais sempre me levam pra isso. Uma vez, eu tinha uns 07 anos, eu acho, fomos visitar um museu de arte, minha mãe queria ir... No caminho tínhamos que passar por uma rua escura e com casas pobres. Meu pai ficou com medo, ele deu ré e não fomos mais. (Diário de Campo, 08 de julho de 2008).

São várias as imagens das cidades apresentadas por essas crianças, fabricadas a partir dessas múltiplas relações que envolvem percursos obrigatórios ou de lazer, relatos e maneiras de agir nos espaços urbanos. Existe a cidade da qual é preciso manter distância, assim como existe a cidade do percurso, ou a cidade do lazer (aquelas que ficam na Europa ou na América do Norte), e ainda outra cidade limitada nas fronteiras do condomínio, e outras que se estabelecem apenas na rica imaginação de algumas crianças... As crianças moradoras de condomínios fechados de luxo podem fabricar e perceber uma pluralidade de cidades, suas imagens sobre o espaço urbano apresentam *multipliCIDADES...*

Apesar de tentar não reduzir a discussão apenas à cidade de Campinas quando conversava com as crianças, optei por realizar uma atividade onde elas me mostrassem em que medida conhecem a cidade onde está localizado o condomínio. Para isso, confeccionei uma grande mural com 31 fotos de vários espaços urbanos, entre eles a maioria era da cidade de

Campinas, mas também tinham fotos de Buenos Aires, de cidades norte-americanas, de São Paulo, de personagens urbanos como malabaristas de sinais, e algumas fotos do condomínio onde moram. Pedi para que o mesmo grupo de 10 crianças observasse as figuras no mural e escolhessem dentre elas aquelas que fossem relacionadas à Campinas. Assim como na primeira atividade, estava mais atenta na movimentação e nas questões das crianças durante a “brincadeira” do que nas fotografias que seriam escolhidas por elas.

A princípio imaginei que elas teriam certa dificuldade para identificar as fotos de Campinas, devido à experiência da atividade de desenhos realizada no dia anterior. De fato, suas escolhas não foram “automáticas” como foram em relação às fotos do condomínio e dos shoppings da cidade. Primeiro pedi para que identificassem 15 fotos que pertencessem à cidade de Campinas das 31 que eu estava apresentado⁷³. As crianças demonstraram dificuldade e perguntaram se não poderiam procurar um número menor de fotos; pedi então que me apresentassem apenas 10 fotos. Com papel e lápis em suas mãos elas deveriam escrever o número das fotos. Ainda assim, 03 crianças não conseguiram encontrar 10 fotos de espaços urbanos de Campinas no mural apresentado.

Ao analisar suas respostas percebi que todas haviam identificado pelo menos um espaço público da cidade (algumas com a ajuda de outras crianças!), além dos shoppings e das fotos do condomínio que foram reconhecidos por todas as crianças. Ou seja, não é possível afirmar que as crianças não possuem qualquer conhecimento sobre os espaços urbanos que identificam “sua cidade”.

⁷³ Cf. Anexo 8 – Distribuição das fotos no mural por quantidade.

Foi interessantes assistir as duas crianças do grupo que apresentavam os espaços (parques e praças públicas da cidade) para as outras que não conheciam, pois, segundo as crianças (um menino com 10 anos e outro com 09 anos), elas moravam em condomínios menos afastados da cidade, e seus pais a levavam para esses espaços em Campinas com mais frequência. Durante a dinâmica do mural, elas disseram que depois que se mudaram para o condomínio deixaram de ir para os espaços da cidade que, segundo elas, gostavam muito de frequentar.

Deslocamentos e relatos compõem um conjunto de elementos que possibilitam às crianças identificarem e fabricarem suas imagens sobre o espaço urbano. Mesmo não mais realizando esses antigos percursos, novos deslocamentos estabelecem o laço das crianças com o contexto urbano. Mas não apenas os deslocamentos como também as “imagens” que chegam através de seus pais, de outras crianças, outros adultos, meios de comunicação, dentro outros, também estabelecem esses vínculos com a cidade (Campinas, principalmente).

Podemos entender que a cidade não falta no cotidiano das crianças moradoras de condomínios de luxo, entretanto outras formas de “usos da cidade” caracterizam essa *infância entre muros*. Ou seja, são relatos e percursos que mobilizam os seus sentidos sobre a cidade *além muros*.

Apesar da fixidez do condomínio, elas refazem continuamente seus percursos pela cidade, tanto através de seus deslocamentos quanto por seus relatos. Elas falam da cidade, ou melhor, em seus relatos apresentam uma cidade que parece mobilizar seus sentidos sobre o contexto urbano.

A infância entre muros apresenta tentativas de usos ordenados dos espaços urbanos, pois aspectos importantes do cotidiano das crianças ainda estão atrelados ao “resto” da cidade. O condomínio ainda é “muito restrito para assumir a totalidade do desejo urbano; as comodidades que oferece também não conseguem atender a todo tipo de comportamento” (MAYOL, 1996:157). É

[...] desta diferença de prática que o bairro retira um acréscimo de identidade; a “viagem” apenas terá sido um lapso de tempo, um excedente, reconduz ao seu lugar de origem, exatamente onde ressurgem o prazer de viver no bairro. Uma vez fechada a cortina para o exterior do resto da cidade, o próprio bairro, bem longe de entorpecer-se na captação de sua identidade, encontra uma dinâmica interna capaz de satisfazer o reconhecimento de seus moradores. (MAYOL, 1996:157-158)

Por isso, enquanto satisfazem suas necessidades nesses outros lugares (shoppings, escola, clubes, etc.), as crianças moradoras de condomínios de luxo se agregam ao espaço urbano, se tornam “personagens” da cidade; crianças reclusas em carros de luxo à prova de balas que cruzam ruas e avenidas na intenção de chegar a seu destino.

[...] o deslocamento na cidade permite ao sujeito novas percepções, ações e sentidos [...] Este permanente deslocar-se, o movimento e a circulação necessários à vida na cidade, epitomizam as múltiplas e diversas possibilidades de identificação do sujeito contemporâneo. (CASTRO, 2002: 54)

O conhecimento sobre o espaço urbano que essas crianças possuem, extrapola os muros do condomínio. Ou seja, apesar de uma dinâmica que parece “negar” os usos da cidade, ela (a cidade) está ali de outras formas, talvez não mais pela experiência concreta de caminhar em uma rua ou praça pública, ou mesmo estar dentro de um transporte público, mas está na

TV que a criança assistiu, nas páginas da Internet que ela acessou, nos livros didáticos da escola e mesmo nas conversas cotidianas realizadas no seio da família. Está ainda nos trajetos executados de casa até a escola, ou de casa até o shopping, entre os outros deslocamentos citados. É essa discussão que vai indicar os possíveis caminhos para uma *experiência urbana singular*. Portanto, não se trata de simplesmente afirmar a não existência de uma prática urbana, mas sim, de refletir sobre outra maneira de “praticar” a cidade e quais suas conseqüências.

4.3. Sobre uma experiência urbana

[...] existem espaços onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe realmente. (AUGÉ, 1994: 81)

Minhas atuais escolhas teóricas mostram que uma análise sobre as experiências urbanas das crianças que vivem em condomínio fechados nas grandes cidades não pode ser reduzida a mecanismos de *reprodução social* que legitimariam formas de segregação e distinção⁷⁴, ou seja, que essas crianças inseridas em um contexto de negação a cidade, possivelmente seriam adultos que negariam a cidade assim como seus pais. Além disso, seriam também crianças que não tem nenhum contato com o espaço urbano *além muros*, não

⁷⁴ Cf. BOURDIEU, Pierre. (1994).

demonstrariam qualquer conhecimento sobre os problemas da cidade (pois eles não lhes interessam); finalmente, suas percepções e deslocamentos estariam restritos a uma realidade limitada ao microcosmo do condomínio.

Entretanto, percebi que mais interessante do que “desvendar uma possível reprodução de valores e estilos de vida” – afirmação que trazia em meu projeto de pesquisa, conforme indiquei na introdução da dissertação – é perceber como essa forma de morar *sui generis* colabora para a manutenção de discursos e práticas singulares no que diz respeito aos espaços da cidade. Essa outra perspectiva indica uma idéia peculiar em torno da cidade a partir do “protagonismo” das crianças e de sua relativa autonomia no conjunto das dinâmicas sociais da qual fazem parte, buscando refletir sobre o lugar que a criança ocupa na construção das suas interações, na edificação dos seus mundos de vida e das suas condições socioculturais (SARMENTO, 2004).

Se algumas crianças avistam a cidade do alto do morro, outras avistam a cidade do alto luxo do condomínio fechado. É através da dinâmica dessa modalidade de moradia que as crianças “cercadas” captam os sentidos sobre a cidade. Diógenes (2002), também inspirada em Certeau, indica que os modos de apropriação, de percepção e as múltiplas possibilidades de produção de sentidos são revelados pelas experiências de *praticar a cidade*, ou seja, é a partir das várias formas de enfrentamento com a cidade que o indivíduo produz uma imagem sobre o urbano.

Mas em que medida essa relação das crianças com a cidade pode se configurar como uma *experiência urbana singular*? Para responder essa questão, é importante traçar uma diferença crucial entre *experiência na cidade* e *experiência urbana*, pois acredito que, na

relação dessas crianças com os espaços urbanos, não é possível perceber uma *experiência na cidade*, entretanto, é possível dizer que há uma modalidade de *experiência urbana*.

Ao propor uma sociologia da experiência em seu livro *Sociologie de l'expérience* (1994), François Dubet define a experiência como aquilo capaz de dar sentido às práticas sociais. Wautier (2003), ao aprofundar o conceito de *experiência* na obra de Dubet, indica que na contemporaneidade a experiência social

[...] aparece como uma maneira de construir o mundo, ao mesmo tempo subjetiva (é uma 'representação' do mundo vivido, individual e coletiva) e cognitiva (é uma construção crítica do real, um trabalho reflexivo dos indivíduos que julgam sua experiência e a redefinem). Experiência não alheia à alienação [...]. (WAUTIER, 2003: 181)

Ainda segundo Wautier (2003), para Dubet, a experiência enquanto objeto sociológico se aproxima de uma sociologia da ação e do ator:

A sociologia da experiência social visa definir a experiência como uma combinatória de lógicas de ação que vinculam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator deve articular estas lógicas de ação diferentes e a dinâmica que resulta desta atividade constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade. (DUBET apud WAUTIER, 2003: 181)

Apesar dessa aproximação, a experiência social, conforme aponta o autor, não pode reduzir o ator a seus papéis ou a seus interesses, pois se trata de uma atividade crítica (Ibid., 184). Frente ao instigante cenário que o mundo contemporâneo apresenta, a *experiência social*, conforme aponta Dubet, permite pensar o lugar da subjetividade na ação social.

Outra perspectiva apresenta um caráter problemático ao conteúdo da *experiência social* nos dias de hoje. Agamben (2005) indica que em 1933, Walter Benjamin já havia

diagnosticado uma “pobreza da experiência” na cidade moderna: “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (BENJAMIN, 1994: 198). Segundo Benjamin, se não há memória e não há narrativa, não existe experiência.

Nessa perspectiva o filósofo espanhol Bondía (2001) observa que no mundo contemporâneo nunca se passaram tantas coisas, mas a *experiência* é cada vez mais rara, pois

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (p. 02).

Ao traduzir essa pobreza da experiência para o contexto das metrópoles contemporâneas, Agamben (2005) afirma que a existência cotidiana nas grandes cidades parece ser suficiente para indicar essa possível “destruição da experiência”,

[...] pois o dia-a-dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência: não a leitura do jornal, tão rica em notícias do que lhe diz respeito a uma distância insuperável; não os minutos que passa, preso ao volante, em um engarrafamento; não a viagem às regiões íferas nos vagões do metrô nem a manifestação que de repente bloqueia a rua; (...) o homem moderno volta para a casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz –, entretanto nenhum deles se tornou experiência. (AGAMBEN, 2005: 21-22).

Na obra de Benjamin, a figura do *flâneur* na cidade moderna é um dos instrumentos argumentativos que justificam esse declínio da experiência nos dias de hoje. Ao investigar a

cidade, Benjamin procurar compreender o sentido da vida urbana através do *flâneur*: ser errante, vagabundo, que parece deambular pela cidade sem nenhum propósito aparente, mas que, na verdade, “busca uma imersão nas sensações da cidade, ‘banhar-se na multidão’, perder-se nas sensações, sucumbir ao arrasto de desejos alegóricos e aos prazeres da escopofilia” (FEATHERSTONE, 2000: 192).

Parece problemático imaginar a *flânerie* no contexto da cidade contemporânea, diante do esvaziamento dos espaços públicos (SENNET, 1998), que abrigam essa figura errante, e a constituição de novas modalidades de locomoção. No entanto, compartilho com Mike Featherstone os seguintes questionamentos:

[...] não se poderia dizer que [...] novas formas de locomoção oferecem novas maneiras de vivenciar a paisagem urbana? De que modo a visão do mundo através da janela de um trem é diferente da percepção de um *flâneur* que perambula? Que diferença faz a velocidade? A *flânerie* será possível de dentro de um veículo em movimento, com graus variados de privação sensorial? Rodar de carro ou ficar preso num engarrafamento, em Los Angeles ou São Paulo, pode, em algum sentido, ser considerada uma forma de *flânerie*? (FEATHERSTONE, 2000: 189).

Apesar de, neste momento, não ter a intenção de aprofundar essa discussão sobre a “medida” e a “intensidade” da *experiência* na cidade contemporânea, por ser uma densa reflexão que merece uma atenção à parte, elas indicam perspectivas possíveis para refletir sobre aquilo que diferencia *uma experiência na cidade* de *uma experiência urbana*.

Como indiquei anteriormente, seja dentro ou fora do condomínio, a cidade não falta no cotidiano das crianças, mas percebemos modos específicos de “experimentá-la”. Ou seja, não é possível afirmar que as crianças moradoras de condomínios fechados vivenciam os espaços das cidades e suas múltiplas funções da mesma maneira que fazem os pedestres de Certeau ou

o *flanêur* em Benjamin, ou que de fato haveria uma *experiência na cidade* no sentido apontado anteriormente (AGAMBEN, 2005; BENJAMIN, 1985; BONDÍA, 2001), mas é possível indicar que as crianças compartilham uma *experiência urbana* baseada em outras formas de experimentar essa cidade quando entendemos por experiência as diversas maneiras de se deixar afetar pelas imagens e sensações suscitadas por uma imersão no cotidiano das metrópoles.

Os usos e as inserções indicadas ao longo do texto podem fornecer uma importante pista para essa reflexão. As entrevistas mostraram que não só a relação com a *vida entre muros*, mas também os meios de comunicação (TV, Internet, etc.) e a família (os pais, principalmente), são elementos cruciais na construção de uma percepção sobre a cidade e sobre o mundo contemporâneo para esses indivíduos. Família, meios de comunicação, escola, dentro outros, e uma forma de morar que estabelecem maneiras de *praticar a cidade*, participam da construção de uma subjetividade que acredita não ser possível uma vida tranqüila fora de uma zona protegida: o condomínio onde moro, o *shopping center* onde faço minhas compras ou uma escola privada cercada de proteção onde estudo.

Mesmo não tendo contato direto com os elementos que compõem a cidade (praças, ruas, transportes públicos, etc.), as crianças estabelecem outras e criativas maneiras de trazerem o contexto urbano para sua realidade *intramuros*. Mesmo sendo, de certa forma, impedidas de vivenciar o contexto urbano, elas o fazem de várias maneiras. Ou seja, carregam modos singulares de praticar a cidade. Uma singularidade não enquanto algo particular ou próprio desse grupo de crianças, mas sim como uma espécie de re-elaboração criativa por

parte desses indivíduos que não simplesmente se deixam agir pela força coercitiva dos discursos e usos que “negam” a cidade.

A pretensa singularidade sobre a cidade se encontra, na verdade, não somente nas percepções sobre a cidade, mas principalmente na complexidade de fatores que marcam uma diferenciação nas formas de uso e apropriação do espaço urbano. Dessa maneira direciono minhas reflexões para uma *experiência urbana singular*, justamente por encontrar no cotidiano dessas crianças múltiplas formas de (re)inventar e (re)criar uma dinâmica urbana que, principalmente seus pais, insistem em usurpá-la.

Esse arriscado olhar sobre a *infância intramuros* percebe a cidade, esse “lugar de passagem” das crianças que moram em condomínio de luxo, como o espaço onde se pode capturar sensações e experiências “potencialmente perigosas”, mas isso não significa desconsiderar as implicações éticas que essa forma de morar possivelmente instaura na vida da metrópole. Ou seja, em que medida essa outra forma de praticar a cidade, baseada em uma *experiência urbana singular*, cujas percepções e sensações sobre a cidade são capturadas através de percursos obrigatórios e relatos cotidianos (da TV, Internet, familiares, amigos, etc.), pode (ou não) contribuir para o despertar de uma “nova consciência” sobre a vida na metrópole e a eventual necessidade de participação na vida pública da cidade que se encontra além dos muros?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa pesquisa foi tentar compreender a cidade do ponto de vista de crianças moradoras de condomínios fechados de luxo, trazendo como principal referência a pesquisa de campo realizada em um condomínio situado na cidade de Campinas-SP.

Apresentar um panorama desse fenômeno urbano entre os estudiosos da temática foi de fundamental importância para realização do objetivo, pois a discussão realizada no primeiro capítulo indicou os possíveis caminhos que esse outro olhar sobre os condomínios fechados poderia percorrer. Dentre esses caminhos, é importante destacar alguns pontos. Primeiro, esse fenômeno deve ser pensado para além da violência urbana e de uma suposta ruptura com os espaços da cidade, pois, quando vistos de dentro, os condomínios de grande porte mostram uma dinâmica *intramuros* de sociabilidades seletivas que não rompe de maneira definitiva com o modo de vida urbano; os deslocamentos e a relação (necessária) com a cidade ainda persistem, ou seja, esses indivíduos, na verdade, estabelecem um outro vínculo com a metrópole. Segundo, cada vez mais, é possível perceber nesses espaços problemas semelhantes àqueles encontrados na cidade, dessa maneira, ao contrário do que é propagado pelo marketing imobiliário, os condomínios de grande porte não estão livres de problemas e conflitos entre moradores.

É importante salientar que minhas primeiras impressões sobre a *infância entre muros* apontavam para uma possível reprodução de valores e estilos de vida. Inspirada em Bourdieu (1996) trazia em meu projeto de pesquisa a seguinte afirmação: *as crianças moradoras de*

condomínios fechados estão inseridas em um contexto sociocultural cuja captação de experiências encontra-se engendrada por mecanismos de reprodução social que legitimam formas de segregação e distinção. Na medida em que intensificava meu trabalho de campo percebi que essa escolha, em certa medida, divergia de uma perspectiva teórica que percebe as crianças para além de sujeitos de instituições socializadoras, como também deixava lacunas no que diz respeito aos elementos que caracterizavam as percepções sobre a cidade para essas crianças; pois suas experiências urbanas mostram que, na verdade, as crianças buscam outras maneiras de ter acesso a um contexto urbano que seus pais e toda a estrutura que sustenta a *vida entre muros* tentam lhes negar. Para chegar a essa consideração foi necessário eleger um grupo de crianças de um condomínio de luxo da cidade de Campinas-SP.

A princípio tentei realizar um diálogo sobre a cidade com as crianças tendo como referência a *polis*, ou seja, aquele espaço coletivo, transbordo de sociabilidades, encontros, direitos e deveres, espaço da cidadania e participação, onde é possível perceber problemas para discutir soluções. Mas essa concepção, em certa medida, inviabilizava o diálogo com as crianças e, mais do que isso, parecia forçar esses moradores infantis a prestarem conta da sua ausência nos espaços públicos da cidade. Esses diálogos eram curtos e pareciam soar sem propósito, principalmente para as crianças: *Você se preocupa com a cidade onde mora? Claro! Você gosta de morar em Campinas? Gosto. Mas você acha que a cidade de Campinas tem problemas? Sim. Violência. Se pudesse você faria alguma coisa pra melhorar? Claro!*

Foi então que resolvi deixar essa discussão apenas como plano de fundo, e permitir que elas me mostrassem suas imagens da cidade, através de seus relatos e da maneira como se relacionam com o espaço urbano, para então refletir sobre uma infância na cidade,

apresentando a experiência urbana dessas crianças. Para isso, passei a perceber a cidade como cenário onde as crianças podem experimentar o espaço urbano por ângulos diferenciados (em relação às crianças que não moram em condomínios): quando circulam pela cidade de carro, quando assistem ao noticiário, quando conversam com outras crianças, quando narram situações que vivenciaram com seus pais, quando acessam a Internet, dentre outros momentos.

Essa nova abordagem do objeto de pesquisa fomentou duas perspectivas de análise.

Por um lado, no capítulo 03, apresentei a relação das crianças com espaços do condomínio, a *cidade intramuros*, mostrando como suas práticas cotidianas, principalmente aquelas relacionadas ao lazer no clube do condomínio, são significativas para as crianças, pois é através dessas práticas que elas buscam (re)inventar um cotidiano que a primeira vista parece programado e repetitivo e por isso desprovido de conteúdo próprio; mas, na verdade, as crianças buscam “transgredir” a ordem privada imposta por essa forma de morar quando através do saber lúdico inauguram um espaço próprio diante do cotidiano intramuros. Enquanto seus pais compartilham uma sociabilidade abstrata e descartam (também!) os espaços do condomínio, questões apresentadas no capítulo 01, as crianças buscam se relacionar com esses espaços mesmo quando proibidas, demonstram a vontade de interagir com outras crianças do condomínio, e mostram como a brincadeira é importante na constituição desses laços sociais. Ao contrário de seus pais que estabelecem uma moral onde, na verdade, se distanciam dos espaços e dos outros moradores nessa dinâmica da *cidade intramuros*, as crianças instalam uma outra moral, estabelecem outra relação com os espaços, moradores (adultos ou infantis) e funcionários. Diferente de seus pais, elas procuram viver os (e nos) espaços do condomínio. Essa experiência lúdica intramuros e as outras atividades

cotidianas que se desenrolam nos espaços do condomínio configuram uma maneira particular de vivenciar uma infância na cidade, regida por dinâmicas próprias de usos e apropriações dos espaços do condomínio e da cidade.

Por outro lado, também busquei compreender quais são as representações, ou mesmo as imagens da cidade para as crianças moradoras do condomínio, tendo como principal referência os usos e relatos das crianças em relação ao espaço urbano. Tais usos e relatos aparecem especialmente como formas de enfrentamentos para com o espaço urbano. O capítulo 03 e 04, principalmente esse último, mostram que a cidade não falta no cotidiano das crianças que moram em condomínios fechados de luxo. Se de um lado, na *cidade intramuros*, percebemos as múltiplas funções e o papel que o brincar tem para a sociabilidade das crianças no condomínio, por outro lado, na *cidade extramuros*, percebemos que seus deslocamentos, ou suas inserções pela cidade, ocorrem não só quando se dirigem ao aeroporto ou ao shopping, mas também quando estão diante da TV ou de um computador, ou ainda quando conversam com suas babás ou escutam relatos de familiares ou de outras crianças. Por isso a intenção de refletir sobre uma *experiência urbana singular*, criativa, por perceber como as crianças fabricam suas imagens sobre a cidade a partir dessas outras formas de enfrentar os espaços e as imagens da cidade.

Apesar de todas as críticas que recaem sobre essa modalidade de moradia, algumas das quais compartilho, tive como tarefa compreender como se desenrola essa infância entre muros na cidade para além de constatações minimamente óbvias. Por exemplo, as crianças não experimentam transportes públicos e nem mesmo conhecem os centros comerciais de suas cidades, não compartilham com outras crianças e adultos situações urbanas diversas,

consequentemente são indivíduos completamente alheios ao que se passa fora dos muros. Não é possível deixarmos essa questão de lado, ou mesmo negar seu caráter relevante, mas foi necessário privilegiar outro olhar sobre essa modalidade de infância e pensá-la para além dos muros que a separam do resto da cidade.

É interessante refletir em que medida essa outra forma de praticar a cidade pode ser encontrada em moradores infantis de outros condomínios semelhantes instalados em outras cidades brasileiras, principalmente aqueles empreendimentos que acolhem um grupo de moradores com alto poder aquisitivo. Aquilo que percebi na cidade de Campinas também encontrei na minha primeira experiência de pesquisa em um condomínio na cidade de Fortaleza-CE, assim como em minhas “andanças” exploratórias por condomínio de luxo de outras cidades brasileiras. Salvo as particularidades de cada cidade e condomínio, assim como de cada criança, é possível afirmar que essa outra experiência urbana está presente em grande parte das crianças que vivenciam uma *infância entre muros*, pelo menos naquelas crianças que buscam outras formas de se relacionar com os espaços do condomínio e da cidade.

Mas essas crianças não vivem em “ilhas”, isoladas da cidade, sem qualquer conhecimento sobre o que se passa fora dos muros; ao contrário, para estabelecer essa relação com a cidade apresentam outras maneiras de imergir no universo urbano.

Compreender como as crianças percebem e (re)significam os sentidos sobre a cidade pode se traduzir também em interpretar novos processos de subjetivação presentes no atual contexto urbano das metrópoles brasileiras. Conforme aponta Castro (2002) “o deslocamento na cidade permite ao sujeito novas percepções, ações e sentidos [...] Este permanente deslocar-

se, o movimento e a circulação necessários à vida na cidade, epitomizam as múltiplas e diversas possibilidades de identificação do sujeito contemporâneo” (p. 54).

Essa reflexão traz uma questão importante, esboçada no final do capítulo 04, mas que não foi explorada, a dimensão da construção da cidadania para essas crianças que, apesar de experimentarem a cidade, o fazem de forma diferenciada e não compartilham com os outros cidadãos as mazelas que sua cidade apresenta.

As crianças, em certa medida, demonstraram certa preocupação com os problemas da cidade. Quando conversei sobre essas questões elas se colocaram como cidadãos e mostraram indignação diante dos problemas que o contexto urbano revela para elas, mas qual seria o grau de participação que essas crianças poderiam acrescentar a vida pública da cidade? Já que parecem ser motivadas a se tornarem alheias ao que se passa fora dos muros? Mesmo mostrando maneiras criativas de experimentar o espaço urbano e certa preocupação, elas parecem compartilhar com os demais moradores uma relação peculiar para com os problemas da cidade; esses moradores se percebem como cidadãos apenas quando vivenciam certos problemas, ou seja, quando, por exemplo, são assaltados ou quando se deparam com uma greve de controladores de voo quando tentam utilizar seus jatinhos particulares; ou seja, quando optam por morar em condomínios “autosuficientes” parecem esquecer aqueles que ficam de fora do muro. Em seu último livro Bauman (2009) aponta o desinteresse das elites nos negócios da cidade; ele afirma que esses indivíduos demonstram que a cidade é apenas o lugar onde elas querem ser deixadas em paz, livres para se dedicarem completamente aos próprios entretenimentos e para garantir os serviços indispensáveis às necessidades e conforto de sua vida cotidiana (p. 27). Essa nova dimensão da vida na cidade instaura uma prática

descompromissada para com os problemas da *polis*, pois esses moradores tratam de manter os outros nas mesmas “ruas desoladas” que pretendem deixar do lado de fora (BAUMAN, 2009).

Em seu texto *Em fuga ou em busca? Notas sobre a “segregação” no modo de vida da metrópole*, Martins (2004) não entende por qual motivo um padre pôs a culpa do assassinato de moradores de rua na existência de condomínios fechados e muros de segregação. Particularmente, acredito que a aproximação feita pelo padre é possível.

É importante destacar que *la aparición del vandalismo infantil aparece así como uno de los corolarios más notorios de este nuevo estilo de vida* (SVAMPA, 2002: 02), fato que ocorre principalmente nos condomínios mais antigos, como o que foi estudado nesse texto, que tem pouco mais de 10 anos de existência e, por problemas como vandalismo, drogas, roubos, etc., já tem levado antigos moradores, preocupados com a conduta dos filhos, a venderem suas casas e mudarem para outros condomínios.

Também não é de hoje que vemos notícias vinculadas a jovens da elite que se divertem jogando ovos das sacadas de prédios de luxo em transeuntes que passam nas ruas, ou espancam mendigos com a justificativa de que era apenas uma brincadeira para assustar. Se no condomínio os pais falam em proporcionar liberdade e segurança aos seus filhos para a realização de uma *infância plena*, essa liberdade está sendo (re) interpretada, (re) significada, (re) inventada por esses adolescentes desde a infância. Certamente, as preocupações para as crianças, principalmente para aquelas que eu entrevistei, ainda são bem diferentes das preocupações e interesses de seus vizinhos adolescentes que elas tanto temem, mas é verdade que as regras estabelecidas dentro dos muros são diferentes daquelas que os adolescentes encontram quando ultrapassam a cancela que dá acesso a cidade além muros. Se nessa cidade

só é possível dirigir com 18 anos, no condomínio já é possível dirigir uma moto com 13 anos e um carro com 15 anos. No condomínio as placas de limites de velocidades não são respeitadas pela maioria dos adolescentes, e o aumento dos casos de acidentes com jovens de condomínios fechados mostram que na cidade as placas que estabelecem esses limites também não são levadas a sério.

Sin embargo, es necesario insistir que estos riesgos son inherentes al modelo de socialización que proponen las urbanizaciones privadas, pues éste tiende a favorecer y potenciar todos aquellos peligros (mayores y menores) ligados al aflojamiento del control familiar y social: accidentes, trastornos de conducta, agresiones, en el límite, actos de vandalismo ejercidos en contra de la propia comunidad. (SVAMPA, 2002: 03)

A socióloga argentina Svampa (2002; 2004) mostra que em seu país essa dinâmica não é diferente. Para ela, essas crianças compartilham uma espécie de “autonomia protegida”. Mesmo quando realizam práticas proibidas, seja pelo estatuto do condomínio ou por leis que valem para todos os cidadãos, alguns pais resguardam seus filhos de qualquer punição; é dessa maneira que se configura *la libertad de los chicos “puertas adentro”*. Fora dos muros, as crianças se deparam com uma suposta ausência de autonomia, no sentido prático, pois vivem em “uma bolha” (“*el modelo de la burbuja*”), e não parecem estar prontas para resolução de situações que se desenrolam no universo exterior do condomínio. Todavia, acredito que tais considerações devem ser encaradas como questionamentos, pois merecem uma reflexão mais profunda, mas fornecem pistas importantes para aquilo que gostaria de indicar nessas linhas conclusivas.

Concordando com Svampa (2002; 2004), também acredito que os condomínios têm um papel significativo no processo de socialização das crianças que crescem nesses

empreendimentos, mas é possível compreender o papel assumido pelos condomínios na vida desses indivíduos sob outro ângulo.

Mais do que conclusões, acredito que a presente pesquisa deve apontar os possíveis desdobramentos que essa outra maneira de praticar a cidade pode revelar. Por isso, destaco nessas linhas conclusivas o significado que essas formas de morar podem assumir para a vida na metrópole.

Se pensarmos a produção da subjetividade para além da reflexividade e de uma interioridade, mas principalmente como algo que não está dissociado dos processos sociais (CASTORIADIS, 1982; FOUCAULT, 1979; entre outros autores), é possível refletir sobre os processos de subjetivação na cidade tendo como referência esses novos arranjos urbanos, que estabelecem novas maneiras de sentir, perceber e interpretar os encontros com os espaços da cidade, que são pautados em diversas formas de encontros (Internet, TV, relatos, deslocamentos obrigatórios, etc.) e não mais em encontros aleatórios nos espaços urbanos.

Como os atuais processos de subjetivação presentes no espaço urbano contemporâneo têm desencadeado uma espécie de “desvalorização” da vida na cidade? Em que medida novos modelos de morar e viver, pautados em outras formas de praticar a cidade, têm contribuído para a constituição de práticas descompromissadas / desinteressadas em relação à cidade? E que outros processos se apresentam nesse cenário?

Essa forma de morar pode ser percebida como um *agenciador de sensibilidade*, espaço “onde o indivíduo apresenta-se como um consumidor de subjetividade – consumidor de signos, de sistemas de representação, de sensibilidade” (SOUZA, 2005; 38), que pode contribuir para a produção de outros sentidos sobre o modo de vida na metrópole, instaurando

sensibilidades descompromissadas para com a cidade e os cidadãos. Isso significa que é importante compreender como essa forma de morar também acolhe novos processos de subjetivação que se unem a outros processos presentes no atual contexto urbano. Assim como a escola, a mídia, a família, etc., o condomínio também é capaz de colaborar de maneira marcante para a construção de sentidos sobre o urbano. Dessa maneira, é importante compreender a cidade e o espaço urbano partindo de uma perspectiva mais complexa do fenômeno da segregação urbana nas cidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ANDRADE, L. T. (2006). Estilos de vida nos condomínio residenciais fechados. In: H. F. Jr., L. T. Andrade, & F. A. Peixto, **As cidades e seus agentes: práticas e representações** (pp. 305-329). São Paulo: EDUSP/ PUCMINAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ATEM, Érica. **Elementos para uma genealogia da subjetividade infantil contemporânea, a partir da análise dos discursos crítico-científicos sobre a infância**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BASTIDE, Roger. Prefácio in FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

_____. **Confiança e Medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BEGNAMI, Patrícia. **Pelos olhos das crianças: uma etnografia da favela do Gonzaga**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994

_____. **Infância em Berlim por volta de 1900. Obras escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BITTENCOURT, João B. M. **Ilha dos indivíduos: a construção social da fortaleza moderna**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe19/03-bondia.pdf>>. Acesso em: 18 mar 2009.

BLAKELY, Edward J. & Mary Gail Snyder. **Fortress America: Gated Communities in the United States**. Washington D.C./Cambridge Mass.: Brookings Institutions Press/Lincoln Institute of Land Policy, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilo de Vida in ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu : sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 82-121.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 4ª edição. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **O poder simbólico**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CALDEIRA, Tereza P. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo:ed.34 / EDUSP, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1982.

CASTRO, Lúcia R. et al. Cidadania e participação social: um estudo com crianças no Rio de Janeiro in **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, vol. 20, n. 02, p. 41-49, 2008.

CASTRO, Lúcia R. **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001.

_____. A infância e seus destinos no contemporâneo in **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, jun., 2002.

_____. **A aventura urbana – crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

COHN, Clarice. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CORSARO, William A. . **The Sociology of childhood**. Thousand Oaks Cal.; Pine Forge Press, 1997.

_____. Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas in **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago, 2005.

_____. **Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças (2007)**. Conferência disponível em: <[http:// www.cedes.unicamp.br/texto.pdf](http://www.cedes.unicamp.br/texto.pdf)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2008.

DAMATTA, Roberto . **A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

DEBORTOLI, José A. O., MARTINS, Maria de F. A. & MARTINS, Sérgio (orgs). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DELGADO, Ana Cristina C. & Muller, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas in **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, vol. 35, n. 125, p. 161-179, Maio/Ago, 2005.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Infância, Pesquisa e Relatos Oraís in FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DIÓGENES, Glória. Teias do imaginário juvenil na metrópole in **23º Congresso Brasileiro de Antropologia**, Gramado, 2002.

DURKHEIM, Émile. **L'education morale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

_____. **Educação e sociologia**. 11ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ELIAS, Nobert. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado in *Cadernos de Campo*, São Paulo, ano 14, n. 13, 155-161, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual in ARANTES, Antonio A. **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papyrus, 2000.

FERNANDES, Florestan. As trocinhas do Bom Retiro in FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 153-246.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRIEDMAN, Jonathan. The hibridization of roots and the abhorrence of the bush in FEATHERSTONE, Mike e LASCH, Scott (orgs). **Spaces of Culture**. Londres: Sage, 1999.

FRÚGOLI JR., Heitor. Os enclaves e o declínio dos espaços públicos (*Resenha*). **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, n. 61, p. 179-183, 2001.

_____. A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. **Revista brasileira de Ciências Sociais.**, jun., vol.18, no.52, p.107-216, 2003.

_____. ANDRADE, L. T. de; PEIXOTO, F. A (orgs). **A cidade e seus agentes: práticas e representações**. São Paulo: EDUSP/ PUCMINAS, 2006.

_____. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GALZERANI, Marina Carolina B. Imagens entrecruzadas da infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin in FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B. F.;PRADO, P. D. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GIDDENS, Antony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2002.

GOMES, Ana Maria R. & GOUVEA, Maria C. S. de. A crianças e a cidade: entre a sedução e o perigo in DEBORTOLI, José A. O., MARTINS, Maria de F. A. & MARTINS, Sérgio (orgs). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. **Viração. Experiências de meninos de rua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KOHAN, Walter Omar. **A infância na educação: o conceito de devir-criança (2003)**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>> Acesso em: 25 abril 2007.

KRAMER, Sonia. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças in In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº116, p. 41-59, julho, 2002.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown in **Revista Brasileira de Ciências Sociais.**, Jun 2002, vol.17, no.49, p.115-134.

LEMOS, A.I.G de; et all. O retorno à cidade medieval: os condomínios fechados na metrópole paulistana. In: BARAJAS, L.F.C (coord.). **Lationoamérica: países abiertos. Ciudades cerradas.** 1ª Ed.Gudalajara: UNESCO, 2002, p. 217-235.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

MAGNANI, Guilherme C. **NA metrópole: textos de antropologia urbana.** Co-autoria de Jose Guilherme Cantor Magnani, Lilian de Lucca Torres. São Paulo: USP : FAPESP, 1996.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, pp. 11-29, n.49, 2002.

MARTINS, José de S. Em fuga ou em busca? **Notas sobre a “segregação” no modo de vida da metrópole**, 2004.

Disponível em: <<http://www.ifhc.org.br/files/apresentacoes/1939.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2007.

MAYOL, Pierre. Parte 1: Morar in Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2.morar, cozinhar.** 5. ed. Petropolis: Vozes, p. 37-185, 1996.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformações dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago, 2005.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa.** [online]. 2001, n.112, pp. 33-60.

MOURA, Cristina Patriota. A Fortificação Preventiva e a Urbanidade como Perigo in **Série Antropologia**, v. 407, p. 5-18, 2006.

_____. Condomínios Fechados e Gated Communities: uma discussão conceitual. In: **31º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu, 2007.

_____. **Ilhas Urbanas: novas visões do paraíso.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 2003.

NASCIMENTO, Nayanna B. A cidade (re)criada pelas crianças – muitas cidades possíveis na cidade de São Paulo in TRINDADE, V., TRINDADE, N & CANDEIS, A . A . (orgs). **A unicidade do conhecimento.** Évora: Universidade de Évora, 2007.

NASCIMENTO, Anelise M. do. **Infância e Cidade: crianças e adultos em uma pracinha do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NUNES, Brasilmar. F. Notas Teóricas para o Estudo de Classes no Meio Urbano. **Série Sociológica** nº 167, Brasília - DF, 1999.

PAIVA, Antônio C. S. **Sujeito e laço social: a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 2005.

PRIORE, Mary del. **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

ROBERTS, Ana Mercia Silva. **Cidadania interdita:** um estudo de condomínios horizontais fechados (São Carlos - SP). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2002.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade.** São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SARAIVA, Marina R. O. **Viver entre muros: o privado com produtor de novas relações sociais.** Fortaleza, 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais - UFC).

SARMENTO, M.J. Imaginário e culturas da infância In: **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2002.

_____. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A particularidade do processo de socialização contemporâneo in **Tempo Social: revista de sociologia da USP**. São Paulo, v.17, nº 02, p. 335-350, dezembro, 2003.

SILVA, Hélio R. S. & Milito, Cláudia. **Vozes do Meio Fio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SILVA, Paula F. F. da. **A expansão urbana de Campinas através dos condomínios e loteamentos fechados (1974-2005)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental in VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____; MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito (1903) in **Mana** [online]. v.11, n. 2, p. 577-591, Rio de Janeiro, 2005.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº112, p. 7-31, março, 2001.

SOUSA FILHO, Alípio. Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano in **Sociabilidades**. São Paulo-SP, v. 02, p. 129-134, 2002.

SOUZA, Solange Jobim e. Re-significando a psicologia do desenvolvimento In: Kramer, S. e Leite, M. (org.) **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. (orgs). **Cultura Infantil: a construção cooperativa da infância.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SVAMPA, Maristella. Los riesgos impensados del paraíso in **Revista Enfoques Alternativos**, Buenos Aires, 2002.

_____. Fragmentación espacial y nuevos procesos de integración social "hacia arriba": socialización, sociabilidad y ciudadanía" in **Revista Espiral**, Guadalajara, México, junio de 2004.

TAKEUTI, Norma. **No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

VASCONCELLOS, Vera Maria R. & SARMENTO, Manuel J. **Infância (in)visível.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

VASCONCELLOS, T. & MOREIRA, J. J. **Geografia de Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa.** Juiz de Fora: FEME Edições, 2005.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea in ALMEIDA, Maria Isabel M. & EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana** [online]. 2002, v. 8, n. 1, pp. 113-148.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAUTIER, Anne M. Para uma Sociologia da Experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet in **Sociologias**. Porto Alegre, ano 5, n. 09, p. 174-214, Jan/Jun, 2003.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 1991.

Outras fontes:

A invenção da infância. Produção de Liliana Sulzbach. Porto Alegre: M. Schmiedt Produções, 2000. 1 vídeo (DVD): doc., 16mm, son., color, port.

La Zona. Dirigido por Rodrigo Plá. México: Dreamland, 2007

GLOSSÁRIO

Jogos e Brincadeiras

Amigo secreto ou amigo oculto: Cada participante tira um papel com o nome de outro participante, e não deve contar a ninguém quem é. No dia da brincadeira, através de dicas, os outros tentam adivinhar, quem é. Quando isso ocorre, há troca de presentes. Quem recebe o presente é o próximo que dá as dicas, e assim sucessivamente.

Amigo chocreto: em as mesmas regras do amigo secreto, porém a diferença é que os presentes podem ser apenas chocolates.

Caça ao tesouro: Divisão de equipes. São seqüências de pistas iguais para cada equipe, porém em ordens diferentes, que levam a um prêmio (tesouro). Pode-se também incluir alguns personagens no jogo, entre outras idéias.

Caça-noturno: variação do caça ao tesouro com a diferença que ocorre a noite sendo acrescentados elementos de terror no decorrer da busca às pistas.

Bola-de-gude: é uma pequena bola de vidro maciço, pedra, ou metal, normalmente escura, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável, usada em jogos de criança. As modalidades são tão variadas, variando de cidade para cidade, de rua para rua, de acordo com a criatividade das crianças. Entretanto, uma das brincadeiras mais popularizadas (o jogo de bolinhas praticado nas histórias da Turma da Mônica) consiste em um círculo desenhado no chão, onde os jogadores devem, com um impulso do polegar, jogar a bolinha. Os jogadores seguintes devem acertar a bolinha, e se conseguirem retirá-la do círculo, elas se tornam suas. Vence aquele que ficar com as bolinhas de seus companheiros.

Diabolô: é um brinquedo antigo originário da China, muito famoso em todo o mundo, a evolução do ioiô chinês. Ele é composto por duas semi-esferas unidas invertidas que devem

ser movimentadas e equilibradas por um cordão acionado por duas baquetas. Com o diabo, um jogador experiente consegue fazer centenas de manobras.

Pebolim: futebol de mesa, popularmente conhecido em alguns lugares como totó (Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro e outros), pebolim (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e sul de Minas Gerais), pacau ou fla-flu (no Rio Grande do Sul), matraquilhos ou matrecos (em Portugal) — é um jogo inspirado no futebol, que consiste em manipular bonecos presos a manetes, possibilitando "jogar futebol" numa mesa.

Pião: Brincadeira que tem sua origem na antiguidade. No Brasil é denominado como uma clássica brincadeira de rua para as crianças. O pião é um objeto cônico, geralmente de madeira, com uma ponta de metal. É lançado com ajuda de um fio (conhecido por "fieira"), que o faz girar. Os piões são conhecidos desde a antiguidade., tendo sido encontrados piões de argila, decorados, originários da Babilônia.

Pipa (Empinar): é um brinquedo feito de varetas e papel, cola e linha, com ele as crianças se divertem tentando planar o objeto com a ajuda do vento.

Pique-esconde: é uma brincadeira na qual enquanto uma pessoa fica com os olhos tapados contando até certo número combinado com os participantes, os demais se escondem.

Pôquer: é um jogo de cartas jogado por duas ou mais pessoas muito comum em cassinos. É o mais popular de uma classe de jogos nos quais os jogadores com as cartas total ou parcialmente escondidas fazem apostas para um *monte* central, após o que o resultante das apostas é atribuído ao jogador ou jogadores que possuir(em) o melhor conjunto de cartas dentre os que permaneceram na mão, ou ao jogador restante caso os outros tenham desistido. No caso da crianças, elas apostam apenas as fichas.

Quebra-Gelo: momento em que as crianças se reúnem em um espaço amplo para realizarem brincadeiras variadas e se conhecerem antes de dar início a alguma atividade que realizarão juntas durante certo tempo, por exemplo, uma colônia de férias.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de consentimento para os pais das crianças

Senhores Pais,

Eu, Marina Rebeca Saraiva, socióloga, vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, sob orientação da Prof^a Dr^a Gilda Portugal Figueiredo Gouvea, venho, através desta carta, solicitar junto aos senhores permissão para participação de seus filhos em uma atividade que será realizada no [...] sob supervisão da Coordenadora Karina Yoshinaga.

A atividade fará parte de uma pesquisa que tem como objetivo compreender o ponto de vista das crianças em relação à cidade. A intenção maior da atividade é fazer com que as crianças sejam capazes de refletir de maneira crítica sobre os possíveis problemas que a cidade revela para elas.

A atividade será realizada a partir de um questionário no qual as crianças responderão e desenharão, de forma espontânea, aquilo que julgarem interessante para elas mesmas. Ou seja, mesmo com o consentimento dos pais, será de suma importância que as crianças também demonstrem interesse em participar da referida atividade.

Em momento algum as crianças terão de responder questões que possam identificá-las, como nome, idade ou endereço. A pesquisa é de cunho sigiloso e qualquer fato que possa identificá-las de alguma forma, será descartado.

Certa de contar com o entendimento e colaboração dos senhores, me encontro à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento.

Marina Rebeca Saraiva
Telefone: (19) 8114-7029
E-mail: marinarebeca@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^a Gilda Gouveia
E-mail: gilpapg@uol.com.br

Concordo que meu filho integre a atividade descrita acima.

Local: _____ Data: _____
Assinatura do Pai, Mãe ou responsável.

Anexo 2 - Roteiro de entrevistas com as crianças

1. Apresente-se:

Qual seu nome e idade?

Onde mora?

Você tem irmãos? Quantos são e quais são suas idades?

O que seus pais fazem? Onde trabalham?

Com o quê pretende trabalhar quando crescer?

2. Quais são suas atividades semanais, além da escola, quando não está de férias?

3. Quais os locais da cidade onde mora que você frequenta com sua família nos momentos de lazer?

4. Você gosta da cidade onde mora? Explique.

5. Você acha que existem problemas nela? Explique.

6. Você gosta de morar no condomínio? Explique.

7. Você acha que existem problemas no seu condomínio? Explique.

8. Você se preocupa com sua cidade? Explique.

9. Você se preocupa com seu condomínio? Explique.

Anexo 3 - Distribuição de Alphavilles no Brasil

Região	Quantidade			Total
	100% vendidos	À venda	Lançamentos	
Nordeste	04	06	02	12
Norte	01	-	02	03
Centro-Oeste	01	03	01	05
Sudeste	04	02	09	15
Sul	03	04	02	09
Brasil				39

Fonte: Quadro elaborado a partir de informações contidas no site <http://www.alphaville.com.br>

Anexo 4 - Propagandas de condomínios fechados

Urban CONSTRUÇÕES

Urban. Liderança em condomínios horizontais.
Um novo estilo de viver.

A Urban é pioneira no lançamento do conceito de "Villagios", Condomínios de casas de alto padrão que propiciam melhor qualidade de vida a seus moradores. Valorização do lazer, respeito ao meio ambiente, projetos personalizados, segurança e cuidado nos acabamentos são nossa marca registrada.

ENTRIGUE Ville du Parc

ENTRIGUE Villaggio d'Ornis

ENTRIGUE Villaggio Atlântico

JUNHO 2006 ESTRELA SANTORINI

JUNHO 2007 ESTRELA RIVIERA



VILLAGGIO SANTORINI PRONTO PARA MORAR

VILLAGGIO RIVIERA LANÇAMENTO

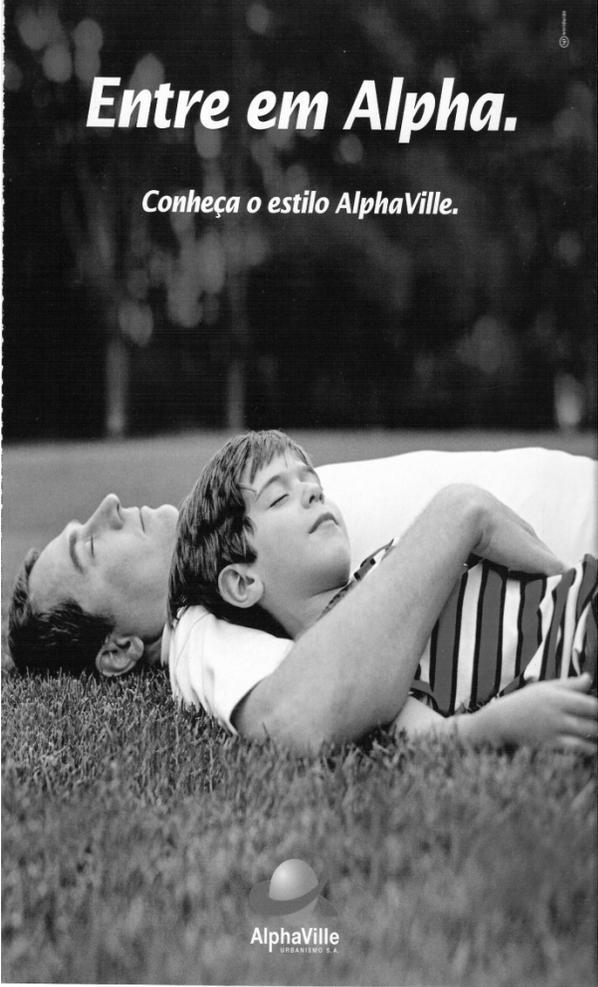
CONHEÇA A DIFERENÇA ENTRE MCRAR E VIVER BEM.

Urban CONSTRUÇÕES

051 - 3248.1200 0852.0645 051 - 3205.5241 1400.1199

Entre em Alpha.

Conheça o estilo AlphaVille.



AlphaVille ORGANIZADO S.A.

Anexo 5 - Números de condomínios fechados em Campinas-SP

Ano do Protocolo	Loteamentos Fechados				Total
	Aprovados		Protocolados		
	Existentes	Novos	Existentes	Novos	
1982	1	0	0	0	1
1994	0	0	1	1	2
1995	1	0	0	1	2
1996	12	1	8	2	23
1997	2	2	2	1	7
1998	0	0	3	0	3
1999	1	0	6	0	7
2000	0	0	11	1	12
2001	0	0	0	0	0
2002	0	0	2	0	2
2003	0	0	0	0	0
2004	0	0	1	0	1
2005	0	0	2	0	2
Total	17	3	36	6	62

Anexo 6 - Roteiro de entrevista com a coordenadora da recreação

I – Sobre as atividades de lazer para as crianças.

1. Como se deu sua entrada como coordenadora da recreação no condomínio?
2. Quando e como surgiu essa iniciativa da recreação para as crianças? Fale um pouco da história da recreação e da brinquedoteca.
3. Qual o objetivo da recreação e da brinquedoteca?
4. As crianças que passaram pela recreação e pela brinquedoteca, correspondem a essas expectativas?

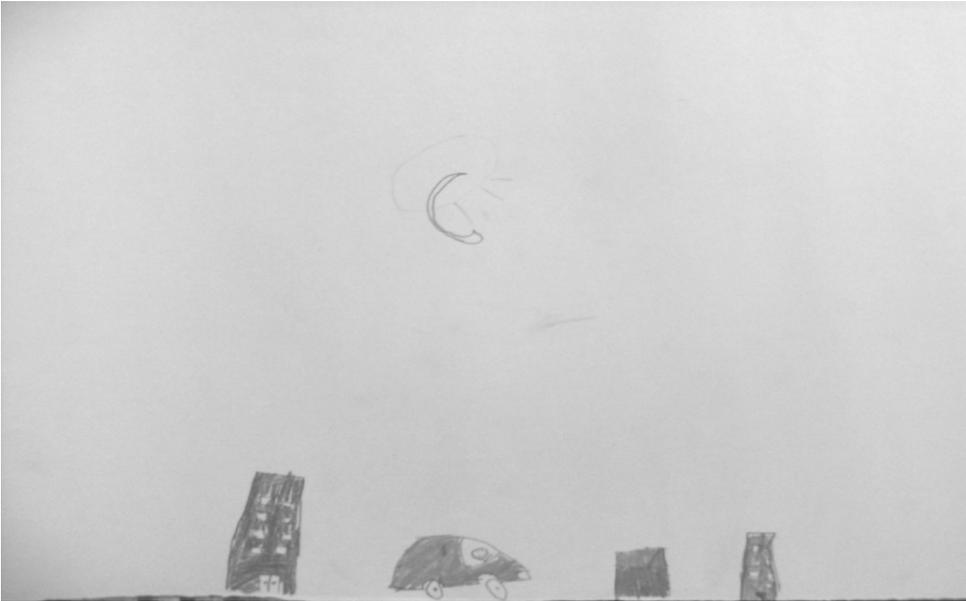
II – Sobre as crianças do condomínio.

1. Como você percebe a relação das crianças com:
 - os pais
 - a equipe de animadores.
 - as babas.
 - os seguranças.
 - com os espaços do condomínio. Elas circulam livremente pelas ruas do clube e do residencial?
2. Os pais sempre falam que escolheram morar em um condomínio de grande porte para que seus filhos possam viver uma “infância em liberdade” ou uma “infância plena”. Em que medida você acredita que essas crianças vivenciam isso? O que seria essa infância livre e tranqüila tão retratada no depoimento dos pais?
3. Do ponto de vista da (nome da entrevistada) educadora. Como você percebe as crianças do (nome do condomínio) e as crianças da escola pública onde você leciona? Há semelhanças, diferenças? Como você percebe a realidade de cada uma delas?
4. Em relação a sua experiência ao longo desses anos no condomínio, aconteceram fatos entre os moradores e entre as crianças que chamaram sua atenção? Quais? Relate.
5. Como educadora, e diante de toda a experiência na relação que você tem com as crianças do condomínio e de fora do condomínio, você acha que essa forma de morar, apartada da cidade, pode vir a trazer alguma particularidade na formação adulta dessas crianças que moram no condomínio? Você consegue perceber algo de diferente nessas crianças?

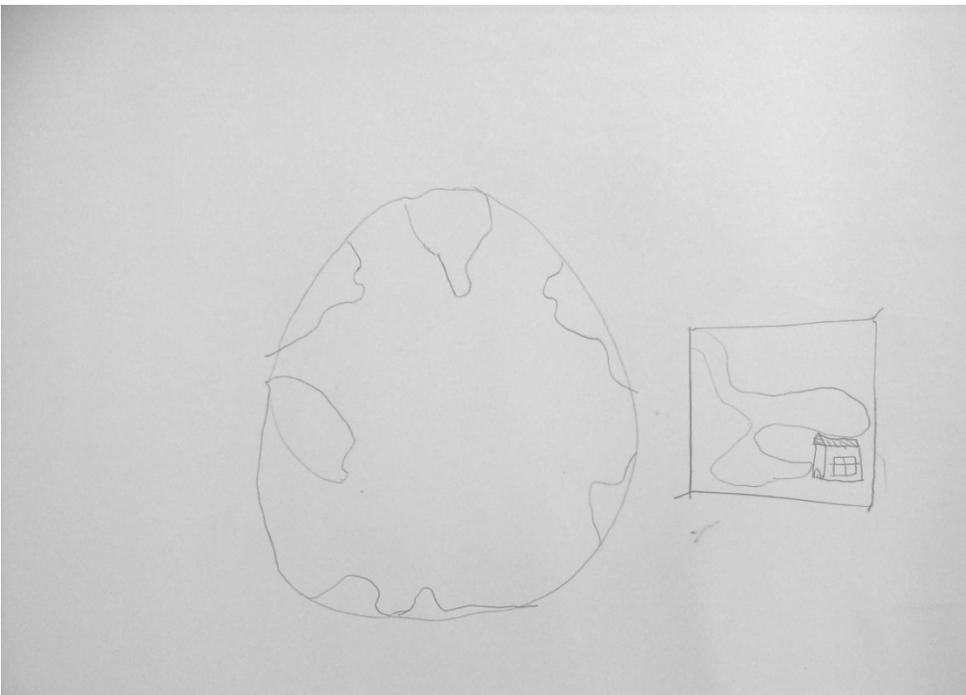
III – Sobre o condomínio.

1. Você poderia me falar um pouco sobre a administração do condomínio, os problemas políticos que você me comentou em outras ocasiões?
2. Uma das coisas que sempre os moradores colocam é que escolheram morar nesses espaços devido a tranqüilidade e a relação de vizinhança / amizade entre os moradores. Para você, o (nome do condomínio) mostra essa “realidade” colocada?

Anexo 7 – Alguns desenhos das crianças



Menina, 08 anos



Menino, 07 anos



Menina, 09 anos



Menino, 09 anos



Menino, 09 anos



Menino, 10 anos

Anexo 08 – Distribuição das fotos no mural por quantidade

20 fotos de espaços da cidade de Campinas (excluindo o condomínio onde as crianças moram)	16 fotos de espaços públicos, incluindo espaços turísticos
	02 fotos de shoppings
	01 foto de um bairro de periferia
	01 foto de um clube privado
11 fotos de outros espaços urbanos	03 fotos do condomínio onde moram
	03 fotos de personagens urbanos
	05 fotos de outras cidades (Buenos Aires, Orlando, São Paulo (02) e Rio de Janeiro)